



UNIVERSIDADE TIRADENTES
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

MARTUSE SOUSA RAMOS ARÃO

**ARTE, HISTÓRIA E VIDA DE JUDITE MELO
(1963-2019)**

**ARACAJU
2020**

MARTUSE SOUSA RAMOS ARÃO

**ARTE, HISTÓRIA E VIDA DE JUDITE MELO
(1963-2019)**

Dissertação apresentada como pré-requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação na linha Educação e Formação Docente - Universidade Tiradentes.

PROF.^a. DR.^a. VERA MARIA DOS SANTOS

**ARACAJU
2020**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central Jacinto Uchôa de Mendonça/UNIT

Arão, Martuse Sousa Ramos
A662a Arte, história e vida de Judite Melo (1963-2019) / Martuse Sousa Ramos Arão ; orientação [de] Dr^a.
Vera Maria dos Santos. - UNIT : Aracaju, 2020.

114 f. : il.

Inclui bibliografia

Dissertação de Mestrado para obtenção do título de Mestre em Educação, na linha Educação e Formação Docente.

1. História da educação. 2. História oral. 3. Judite Melo. 4. Memória. I. Santos, Vera Maria dos (orient). II. Título.

CDU: 929:7Melo, Judite

MARTUSE SOUSA RAMOS ARÃO

**ARTE, HISTÓRIA E VIDA DE JUDITE MELO
(1963-2019)**

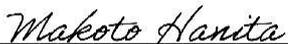
Dissertação apresentada como pré-requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação na linha Educação e Formação Docente - Universidade Tiradentes.

APROVADO (A) EM: **29/04/2020.**

BANCA EXAMINADORA:

_____  _____

Prof. Dr. Vera Maria dos Santos - PPED-UNIT (Orientadora)

_____  _____

Prof. Dr. Examinador externo – Makoto Hanita - EDC/BOSTON (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA) – (Professor Visitante)

_____  _____

Prof. Dr. Gregory Baltazar– PPED-UNIT (Examinador interno)

ARACAJU - 2020

A minha Mãe, Inalda, meu espelho, uma MULHER letrada na moral e na conduta; seus valores são imensuráveis, não comporta nesta escrita! Guerreira de todas as horas!

AGRADECIMENTOS

Momento de alegria de saber que obtive tantos outros momentos através da realização desta dissertação, momentos estes como: *desafios; questionamentos; inquietações; encontros; rupturas; buscas; certezas e incertezas*, dos quais me “congratulei” essa pessoa forte, guerreira, persistente, corajosa e determinada que me apresento. É nesta perspectiva que declaro abertamente o meu “muito obrigada” às pessoas que embarcaram comigo no decurso desta sapiência nobre de escrita até o resultado final, contraditoriamente o início de um novo pensar.

AO SENHOR: “Muito Obrigada”, Senhor, por sondar todos os dias da minha vida! Eis minha coragem e fé sempre!

À UNIVERSIDADE TIRADENTES: “Muito Obrigada” por me conceder este espaço fértil de pesquisa, assentado na troca conhecimentos imensuráveis, que apreendi nesta Academia.

Ao PPED-UNIT: “Muito Obrigada” aos Professores e professoras que compõem este Programa de Pós-Graduação em Educação e que tem prestado reconhecidas contribuições a formações dos educadores e educadoras sergipanas.

A CAPES: “Muito Obrigada” pela concessão de bolsa de estudo para concretização desta pesquisa, contribuindo assim, para minha formação profissional, intelectual e humana.

À JUDITE MELO: “Muito Obrigada” por conceder espaço para abrir seu baú de história, e reviver junto com ela cada fase contada, que apesar de não ser uma mulher “das canetas”, é mulher dialógica, munida de um saber notável para ocupar lugares e espaços como o desta pesquisa em destaque.

ÀS PROFESSORAS: “Muito Obrigada”:

A Pro^a. Dr^a. Ada Augusta Bezerra (*in memoriam*) pessoa e profissional espetacular; partilhar de experiências acadêmicas ao seu lado foi imensurável. Será sempre viva em nossos corações; profissional sinérgica de conhecimentos, habilidades e atitudes que retroalimentam a educação a cada instante.

A Prof.^a. Dr^a. Vera Maria dos Santos, minha orientadora e mentora intelectual na trajetória desta pesquisa, que acreditou e apostou em mim e na viabilidade deste estudo. A minha admiração pessoal e intelectual servirá de inspiração para prosseguir meus estudos e minhas pesquisas na História da Educação.

Aos professores de disciplina de mestrado, Prof.^a. Dr^a. Andréa Karla e Prof.^a. Dr^a. Cristiane Porto, Prof.^a. Dr^a. Ilka Miglio de Mesquita que me fizeram

compreender, de fato, o que é pesquisa, e a base de sustentação para tal é
verdadeiramente, um ciclo de leituras.

As professoras doutoras: Leonice de Lima Mançur Lins, Elza Ferreira, Sônia
Pinto pelas contribuições valiosas, quando a pesquisa ainda se encontrava no
processo de maturação, nosso diálogo foi promissor para o percurso desta escrita!

Valeu!

AOS FAMILIARES: “Muito Obrigada”:

Aos meus pais Elias e Inalda, pelo cuidado, apoio, carinho e atenção
presentes em todo momento. Seus ensinamentos são imensuráveis, não estão
escritos nos livros, mas estão contidos na minha conduta moral. Aos meus irmãos:
Marcelo (*in memoriam*), que mesmo não estando presente fisicamente, sua voz ecoa
em meus ouvidos, Você conseguirá irmã! Este estímulo sempre me faz lembrar dele
e torná-lo presente em minha vida, e Marcondes, pela sua singularidade, afeto,
gestos de partilha e cumplicidade nos nossos diálogos.

Ao meu esposo Wellington que fez o embarque comigo nesta trilha e não
pediu parada de desembarque em nenhum momento e aos meus filhos Pedro
Henrique, Luís Henrique e Víctor Henrique pela paciência e carinho. As perguntas
que faziam no momento da escrita serão inesquecíveis: “Mamãe quando acaba de
escrever este livro?”, “Mamãe vamos descansar!” e “Já estou com ciúmes deste
computador!” Valeu, meus amores eternos!

Às minhas sobrinhas: Erika Millena, Maria Alyce, Júlia, Beatriz, por me
fazerem prosseguir nesta caminhada, na certeza de que degustarão futuramente do
sabor da pesquisa.

Ao meu tio Inaldo, por se fazer presente a todos os momentos da minha
trajetória acadêmica, trocando e construindo junto comigo diálogos prazerosos e
significativos! Eis um exemplo de Pessoa dedicada à família!

A minha sogra, Oneide, por acreditar que dentro de mim existe uma
verdadeira mulher das canetas! Ao meu cunhado Jefferson, pelo apoio assíduo com
meus filhos e pelos diálogos monossílabos, mas com o coração grande e puro, aos
meus compadres Sandra, Ivan e meu sobrinho Miguel pela torcida de sempre.

À Tia Elizabete, Renagleide, que sempre acreditou que nada é distante! E a
todos (as) os meus familiares que participaram de forma direta ou indireta, mas
demarcaram esta trajetória comigo.

AOS FUNCIONÁRIOS Da SECRETARIA DO PPED-UNIT:

“Muito Obrigada” pela solicitude e disponibilidade de vocês em prestar esclarecimentos.

AOS COLEGAS DE MESTRADO (2018): “Muito Obrigada”:

Caros colegas, com vocês muito eu aprendi e/ou ressignifiquei neste espaço acadêmico.

AOS COLABORADORES DE PLANTÃO:

“Muito Obrigada” a Wagner, Fernando Valério, Wesley Luiz, Wilton, Uziel, Anderson, Edigar Neto, Adriana Araújo que não mediram esforços em prestar informações, entrevistas e materiais enriquecedores para o desenvolvimento da pesquisa.

Aos colegas de profissão:

“Muito Obrigada”: Carla Eugênia, Natalina, George Araújo, Dona Eliana, Rute, Carla Darlem, Alyne Gomes, Isabela, pela torcida persistente na concretização deste estudo. A eles (as) deixo aqui o “sabor doce” da pesquisa que por aqui não finaliza e sim se configura com o início de um novo pensar.

“Muito Obrigada” a todos (as) que não foram aqui mencionados, mais que sempre estiveram na torcida pelo meu sucesso!

Enfim, quero registrar neste espaço, um brinde à ciência, esse *lócus* de domínio da razão e da experimentação, que nem sempre dá conta das dimensões do ser, questionamentos e respostas, além de me colocar neste conjunto de pertinência inesgotável do saber. “Muito Obrigada” por me deixar ser partícipe deste *lócus!*

RESUMO

O reconhecimento a respeito da história de vida da personagem Judite Melo apaga o silêncio, até então instaurado no seu percurso pessoal e profissional, no sentido de acreditar no poder da transformação da cultura, em um novo tempo, uma nova vida e um novo pensar. A presente pesquisa parte do pressuposto de que a arte sacra de Judite Melo emergiu, do ambiente artístico e cultural, que se desenvolveu na cidade de Estância ainda, nos anos de 1910. Neste sentido esta pesquisa tem por objetivo geral: Compreender a artista sacra Judite Melo, a partir da sua experiência vivida. Com efeito, traçaram-se os seguintes objetivos específicos: relatar a história de vida de Judite Melo, no contexto da sociedade estanciana/sergipana; discutir o percurso formativo de Judite Melo; e elucidar a rede de sociabilidade da artista em análise. O recorte temporal é de 1963, o primeiro ano, início da vida artística de Judite Melo, marcado pelas participações da nossa personagem em dramas religiosos, teatrais, recitação de poemas de sua autoria, em festas populares da cidade, e o ano de 2019, quando ela foi homenageada em um concurso artístico para estudantes em comemoração ao Dia da Mulher, realizado pelo Instituto Federal de Sergipe-Campus Estância, intitulado “Mulheres na cidade: novas conquistas e grandes desafios”. O estudo está fundamentado em uma abordagem qualitativa, assentada nos princípios teórico-metodológicos da História Oral, conforme proposta de Alberti (2004-2005), sob o alicerce da História da Educação. A pesquisa tem como fonte, os relatos orais, coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, com parentes, amigos e sociedade sergipana que conheciam a artista; publicações na imprensa e em veículos oficiais, que deram forma à narrativa construída e aflorou as vozes dos sujeitos envolvidos na história de vida de Judite Melo, na tentativa de estabelecer diálogos com a memória que compõe o objeto/sujeito da pesquisa. Para tanto, foram realizadas visitas aos arquivos públicos, Institutos, Bibliotecas, Atelier pessoal da artista, visitas às galerias de artes e Museus; para fazer investigação documental e fotografar as obras a respeito da artista. Para embasar essa discussão utilizei os conceitos de narrativa e de experiência de Benjamin (1995, 1996), e o conceito de memória de Bosi (1994), dando sentido às narrativas (re)significadas. Desse modo, esta pesquisa contribuiu para entender que a arte sacra de Judite Melo, emergiu de um movimento artístico e cultural estanciano, como foi pensado no pressuposto, mapear a rede de sociabilidade da artista, além de evidenciar algumas etapas de sua formação artística no fazer e no seu vir a ser artístico.

Palavras-Chave: História da Educação. História Oral. Judite Melo. Memória.

ABSTRACT

Recognition about the life story of the character Judite Melo erases the silence, hitherto established in her personal and professional path, in the sense of believing in the power of the transformation of culture, in a new time, a new life and a new thinking. The present research is based on the assumption that the religious art of Judite Melo emerged from the artistic and cultural environment, which developed in the city of Estância in the years of 1910. In this sense, this research has the general objective of: Understanding the sacred artist Judite Melo, from his lived experience. Indeed, the following specific objectives were outlined: to report the life story of Judite Melo, in the context of Estanciana / Sergipe society; discuss Judite Melo's training path; and elucidate the network of sociability of the artist under analysis. The time frame is 1963, the first year, the beginning of the artistic life of Judite Melo, marked by the participation of our character in religious, theatrical dramas, recitation of poems of his own, in popular festivals in the city, and the year 2019, when she was honored in an artistic contest for students in celebration of Women's Day, held by the Federal Institute of Sergipe-Campus Estância, entitled "Women in the city: new achievements and great challenges. The study is based on a qualitative approach, based on theoretical-methodological principles of Oral History, as proposed by Alberti (2004-2005), under the foundation of the History of Education. The research has as source, the oral reports, collected through semi-structured interviews, with relatives, friends and society from Sergipe who knew the artist; publications in the press and in official vehicles, which shaped the constructed narrative and brought out the voices of the subjects involved in the life story of Judite Melo, in an attempt to establish dialogues with the memory that composes the object / subject of the research. To this end, visits were made to public archives, Institutes, Libraries, the artist's personal studio, visits to art galleries and Museums; to do documentary research and photograph the works about the artist. To support this discussion, I used the concepts of narrative and experience by Benjamin (1995, 1996), and the concept of memory by Bosi (1994), giving meaning to (re) signified narratives. In this way, this research contributed to understand that the religious art of Judite Melo, emerged from an estanciano artistic and cultural movement, as it was thought in the assumption, to map the network of sociability of the artist, besides showing some stages of her artistic formation in making and in its becoming artistic.

Keywords: History of Education. Oral History. Judite Melo. Memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Mapa do Estado de Sergipe	27
Figura 02	Casarão da família D'Ávila	28
Figura 03	Barco de Fogo	31
Figura 04	Maria Judite de Melo Andrade e os santos de sua devoção – 2015	41
Figura 05	Obras sacras da artista Judite Melo	45
Figura 06	Largo Judite Melo	46
Figura 07	Obra Sacra: Nossa Senhora Da Conceição	75
Figura 08	JOR-SD/09	82
Figura 09	JOR-2003/15	83
Figura 10	JOR-1998/04	84
Figura 11	JOR-1975/01a e 01b	85
Figura 12	JOR-1976/02	86
Figura 13	JOR-1990/03	87
Figura 14	JOR-1999/05	87
Figura 15	JOR-2000/14	88
Figura 16	JOR-2015/16	89
Figura 17	LIV-2002/01	90
Figura 18	LIV-2009/02	91
Figura 19	LIV-2010/04	91
Figura 20	LIV-2013/04	92
Figura 21	LIV-2016/02	93
Figura 22	CER-2019/10	94

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CER	Certificado
DIP	Diploma
FEC	Festival Estanciano da Canção
ISCJ	Instituto Sagrado Coração de Jesus
JOR	Jornal
LIV	Livro
MEC	Ministério da Educação
PPED	Programa de Pós-Graduação em Educação
RCLE	Registro de Consentimento Livre e Esclarecido
RCNEI	Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
SD	Sem data
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UNIT	Universidade Tiradentes

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Relação de Entrevistados(as)	35
Quadro 02	Relação De Certificados E Diplomas De Judite Melo	94

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	LÓCUS DA INVESTIGAÇÃO	25
2	O CAMINHAR TEÓRICO METODOLÓGICO	32
3	A ARTE E A ARTISTA: TUDO NO SEU TEMPO	40
3.1	RECORTES DE VIDA DA ESTANCIANA JUDITE MELO	47
4	O PASSADO, O PRESENTE E A REDE DE SOCIABILIDADE DE JUDITE MELO	78
4.1	A VISIBILIDADE DE JUDITE MELO	81
4.2	O RECONHECIMENTO DA ARTISTA JUDITE MELO	89
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
	REFERÊNCIAS	100
	APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA 1 - PRAZER D. JUDITE MELO!	107
	APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA 2- EM PAUTA: COMUNIDADE ESTANCIANA E JUDITE MELO	109
	ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	110

INTRODUÇÃO

Esta dissertação investiga vida e obra de Maria Judite Melo de Andrade, artista sacra, autodidata, nascida em 06/05/1925 na cidade de Estância/Se. O interesse pelo objeto/sujeito desta pesquisa se iniciou com sucessivos diálogos com a orientadora Prof.^a Dr^a. Vera Maria dos Santos (Professora do Programa de Pós-graduação em Educação/UNIT), a qual me indicou as primeiras leituras que pudessem vislumbrar o modo de composição teórica de uma pesquisa acadêmica, a exemplo de *As Regras da Arte*, de Pierre Bourdieu, *Das aulas avulsas ao Lyceu Provincial: as primeiras configurações da instrução secundária na província da Parahyba do Norte (1836-1884)*, de Cristiano Ferronato, *Manual de História Oral*, de Verena Alberti, *A Trajetória de Alfredo Montes*, de Simone Amorim, *O livro didático de Geografia, Sergipe, do século XIX ao século XX*, de Vera Maria dos Santos, *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*, de Ecléa Bosi, *Rua de mão única*, de Walter Benjamin, entre outros.

Através destas leituras, senti-me impulsionada a percorrer caminhos diferentes, trabalhar na perspectiva de analisar fontes que pudessem vislumbrar histórias, até então desconhecidas, vozes de autores esquecidos, ou pouco divulgados. Desse modo, iniciou-se o estudo sobre Judite Melo de Andrade¹. Assim, esta pesquisa é vinculada ao projeto/grupo de Pesquisa Colonização, Cultura e Educação, do Programa de Pós de graduação em Educação da Universidade Tiradentes em Sergipe, coordenado pela orientadora.

A partir desse envolvimento, a ideia de fazer um projeto de pesquisa sobre Judite Melo foi se consolidando e assim, surgiram as seguintes indagações: Quem é Judite Melo? Por que estudar Judite Melo? Qual a importância da história de vida de Judite Melo para a História da Educação em Sergipe?

Em meio a tantos artistas plásticos existentes na cidade de Estância, a exemplo de José de Dome², Félix Mendes³, Leonardo Alencar⁴, escolhi Judite Melo,

¹ Maria Judite Melo de Andrade (nome completo da artista sacra em estudo) e Judite Melo (nome artístico comprovado nas exposições coletivas e individuais nos percursos trilhados em busca de fontes) (CATÁLOGO RUMOS, 2000).

² José Antônio dos Santos (1921-1982) (nome completo do artista plástico, conhecido popularmente, como Zé de Dome), o estanciano foi pintor, desenhista. Antes de ser pintor, teve uma vida difícil sendo um trabalhador avulso, fazendo serviços de pedreiro, servente, gari e vigia noturno. Pintou seu primeiro quadro em 1943. Disponível em www.guiadasartes.com.br › José-de-Dome › obras-e-biografia. Acesso em 27/05/2020

por encontrar nesta artista um espaço fértil para o florescimento de um trabalho de pesquisa, enfatizando a experiência vivida dessa personagem. Judite Melo, assim chamada pela sociedade estanciana, acredita ter recebido de Deus o dom de sua arte. A artista sacra vive no tempo presente, mas muitos estudantes da rede pública e privada de ensino desconhecem a sua importância, a sua história de vida. A partir dessa constatação, e sob o patamar da História da Educação, entendi a necessidade de trabalhar a “Arte, História e Vida de Judite Melo (1963-2019)” e tornar esse conhecimento acessível à sociedade em geral.

Assim compreendido, o presente trabalho parte do pressuposto de que a arte sacra de Judite Melo emerge do ambiente artístico e cultural vivenciado na cidade de Estância já de longa data. Tal evidência se confirma no trabalho da pesquisadora, Ana Márcia Barbosa de Santana Costa, autora da tese *Civilização, Modernidade e Educação nas páginas do Jornal A Razão (1898-1923)* que destacou que nos anos 1910 a 1912 o jornal *A Razão*, publicou diversas notas, divulgando e comentando as encenações teatrais realizadas na cidade de Estância:

Havia ainda, com frequência, encenações organizadas pelos professores ou religiosos como o Padre Vitorino Fontes, cujos “atores” e “atrizes” eram jovens da comunidade, que participavam mais pela algazarra do que propriamente pela vocação teatral. Alguns espetáculos eram realizados em prol do Asilo Santo Antônio, de obras da Igreja Católica e até mesmo da Lira Carlos Gomes, que costumava se apresentar em algumas exposições de filmes ou apresentações teatrais. (COSTA, 2017, p.41-42)

³ Félix Mendes Rodrigues, artista Plástico Sergipano (1944 - 2013), nascido na cidade de Estância morava há muitos anos na rua Siriri, onde criou, na década de 1980, o Forró e o Natal da rua Siriri. Com trabalhos expostos em vários Estados do Brasil e países da América Latina. Além de artista plástico, Félix Mendes era compositor, particularmente de forró, com muitas das suas composições interpretadas por cantores sergipanos, foi o grande responsável pela divulgação do São João de Sergipe, trabalhando nas redes de TV cobrindo os festejos da sua cidade natal. O estanciano chegou a levar para Copacabana, no Rio de Janeiro, os barcos de fogo e a guerra de espadas da sua cidade. Disponível em: grupominhaterraesergipe.blogspot.com > 2013/05 > Acesso em 27/05/2020

⁴ Leonardo Fontes Alencar (1940-2016), nascido em Estância, foi pintor, desenhista, gravador e cenógrafo. Leonardo Alencar (1940: Estância, SE). Pratica um figurativismo de desenho e cores intensas. Iniciou carreira em Aracaju. 1958 – Transferiu-se para Salvador. 1961 – Recebeu uma bolsa de estudos do curso livre de gravura da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal da Bahia, em Salvador. Estudou com Mário Cravo e Jenner Augusto. 1963 – Ingressou no curso oficial desta escola e no curso de cenografia da Escola de Teatro de Salvador. 1964 – Foi contratado, como professor notório saber, desses cursos, ajudando a implantar a cadeira de artes visuais da EBA. 1970 – Deixou de lecionar na EBA, por ter recebido uma bolsa como artista residente num programa elaborado pelas Indústrias Teves, do colecionador alemão Ernst August Teves. 1971-74 – Fixou residência em Londres. Nesse período, trabalhou como freelance e desenhista da revista Time Out. 1974-80 – Voltou a residir em Salvador, onde deu continuidade à sua carreira. 1980 – Transferiu-se para Aracaju. Disponível em: www.guiadasartes.com.br > Leonardo-fontes-de-Alencar > obras-e-biografia. Acesso em 27.05.2020.

Ainda compondo o pressuposto, Estância se destacou na música, não somente pelo trabalho realizado pela Lira Carlos Gomes, mas também pelo Festival Estanciano da Canção (FEC)⁵, que teve a sua primeira realização em 1968. Ainda apresentando o ambiente artístico e cultural da cidade de Estância, é importante ressaltar que, até os anos de 1980, do século XX existiram três cinemas: o Guarani, o São João e o Gonçalo Prado. Além da exibição de filmes, os cinemas, eram pontos de receptividade de grandes companhias teatrais, de artistas amadores estancianos, além de servir de palco para apresentações dos dramas, a exemplo: *A Escrava Andréa*, *Festival de Ilusões* e *O Manjar dos Deuses*, nos quais garantiram a diversão dos “filhos da terra”⁶.

Considerando tal entendimento defini o objetivo principal desta pesquisa: Compreender a artista sacra Judite Melo, a partir da sua experiência vivida. A partir do objetivo geral, defini os objetivos específicos que são: relatar a história de vida de Judite Melo no contexto da sociedade estanciana/sergipana; discutir o percurso formativo de Judite Melo; e elucidar a rede de sociabilidade da artista em análise.

O marco temporal da pesquisa envolve os anos de 1963 a 2019, início da vida artística de Judite Melo, marcado pelo sonho antigo da artesã, de ter um presépio no seu lar, quando, em frente à sua casa, encontrou uma imagem do Menino Jesus quebrada, sem braços e sem pernas, e após resgatá-lo, tomou a iniciativa de restaurá-lo, ao tempo em que confeccionou as outras peças do presépio. O ano de 2019 foi quando ela recebeu uma homenagem em um concurso artístico para estudantes em comemoração ao Dia da Mulher, realizado pelo Instituto Federal de Sergipe-Campus Estância, intitulado *Mulheres na cidade: novas conquistas e grandes desafios*.

Para discutir a história de vida de Judite Melo, nesta pesquisa, foram importantes três conceitos: narrativa de (BENJAMIN,1995; 1996), experiência de (BENJAMIN,1987), e memória de (BOSI, 1994), os quais nortearam o desenvolvimento desse estudo, dando sentido a cada momento vivido, pela artista

⁵ O FEC, segundo a publicação no Jornal do Dia de 7 de dezembro de 2019, na voz do radialista, Acrísio Gonçalves de Oliveira⁵ foi o grito da juventude, um clamor por uma nova cidade e fez Estância, transpor fronteiras, até então nunca alcançadas no Estado.

⁶ Informação extraída da fonte: istoiesergipe.blogstop.com>2017/03

em questão, por meio de narrativas (re) significadas. O primeiro conceito, o de narrativa, formulado por Benjamin (1996), no qual ele afirma que:

[...] a narrativa da história-arte é definida como a que recria as imagens do passado no presente, no exercício de uma “imaginação projetiva”. Pode-se dizer que se trata de um processo criativo do historiador, que se aproxima do artista na arte de narrar, algo semelhante ao modo de contar do narrador tradicional que deixava suas marcas na narrativa, tal como “a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1996, p. 205)

Assim como as marcas dos dedos permanecem em uma superfície de veludo, o ouvinte se deixa gravar pelo narrado, também o narrador deixa suas marcas na narrativa, tal como “a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1996, p. 205). Foi com base nesse entendimento que construí a narrativa de Judite Melo, e também procurei fazer uso de formas narrativas na escrita dos capítulos desta investigação, como uma tentativa de oferecer ao leitor um recurso que permita experienciar o tema escolhido, na medida em que lê o texto e reflete sobre ele.

Em sua obra *O narrador* (2012), Walter Benjamin, destacou a capacidade que o narrador tem de intercambiar a experiência, ele retira o que conta da sua própria experiência, e “incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 2012, p.221). Vista dessa maneira, a narrativa cria um elo entre narrador e ouvinte, que interagem conectados pelo fio das palavras. Quem conta uma história, oferece ao ouvinte imagens de sua experiência subjetiva. Da relação entre estas imagens, surge a sucessão dos episódios que compõem uma estrutura narrativa. Foi a partir desse entendimento que me lancei para narrar a arte e vida de Judite Melo.

A história narrada, mesmo que tenha sido previamente lida ou ouvida da boca de outra pessoa, reflete uma experiência particular do narrador com enredo e suas imagens, que transborda aos ouvintes através do caráter artesanal da oralidade. Ainda a história, tem potência de ser incorporada por aquele que a ouve, que poderá completá-la com base em suas experiências e nessas narrativas a possibilidade de aprender por meio da arte, no caso, pela arte de narrar, amparada pela arte da fala.

É nesta perspectiva que o diálogo entre a trajetória pessoal e profissional de Judite Melo, encontrou nas narrativas um espaço importante para a compreensão

dos aspectos que nortearam a história e vida da artista em estudo, seus encantos e desencantos, sua vivacidade; um espaço capaz de reconstruir caminhos marcados por rupturas e desejos adormecidos e nos reencontros com as histórias de vida, as marcas significativas no processo narrativo.

Assim, com base no pensamento de Benjamin (1996), as narrativas constituem uma ação social, pelas quais o indivíduo, apresenta sua história de vida interagindo com o social, que parte de experiência existencial do homem dentro de uma tradição, que parte da memória, em que a narração oral é fundamental para a troca de experiências.

O segundo conceito considerado nessa pesquisa, é o de experiência, o qual segundo Benjamin (1987), alicerçado na obra *Experiência e Pobreza* (1933), nos diz que:

[...] o termo “experiência” (*Erfahrung*) é o representante do conhecimento transmitido entre gerações. Dito de outro modo, “experiência” denota o conhecimento acumulado por gerações que é transmitido em geral por meios das fábulas, histórias, parábolas ou provérbios. Benjamin constata: se o saber da experiência era, aos homens do passado, um conhecimento que os constituía plenamente, que fazia parte de sua história, os homens modernos sofrem para reconhecer esse saber antes tão naturalmente transmitido entre as gerações. (BENJAMIN, 1987, p. 114)

A partir de Benjamin (1987), entendo que a experiência é o conhecimento acumulado durante a nossa existência, sendo esta transmitida por gerações. Para o autor, as mudanças nas bases de produção e o ritmo frenético do mundo capitalista moderno, vão enfraquecendo a possibilidade de o homem estabelecer com o trabalho, uma experiência plena (*erfahrung*). Essa experiência plena, se define pela construção coletiva do saber partilhado através da narração e segundo ele, como as novas condições de trabalho enfraquecem a *erfahrung*, para tanto Benjamin (1987), propõe o “tempo de agora”, um novo conceito de tempo, que traz em si uma nova epistemologia, onde o sujeito vai construir uma “experiência” com o passado, ressignificando este passado.

Memória é o terceiro conceito a ser discutido neste estudo, apoiado em Bosi (1994), que destacou:

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloravam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito. (BOSI, 1994, p.39)

Para a autora a memória é o fio condutor em que a cultura é transportada pelos tempos, é ela que nos permite a consciência de estarmos no presente e de já termos vivido um antes. Bosi (1994) acrescenta ainda que:[...] a função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente... O passado revelando desse modo não é o antecedente do presente, é a sua fonte. (BOSI, 1994, p.89)

Desse modo, o pesquisador consegue extrair, daquela pessoa as informações necessárias, pois lhe facilitará aguçar lembranças distantes. Nesta perspectiva, a memória pode ser ativada pelo conhecimento representativo como uma foto, um lugar, um nome de alguém, uma música. Nesse viés, é válido destacar a concepção de lembranças, no intento de perceber que a memória é um baú de lembranças, conforme realçou (BOSI,1979, p.15), “A lembrança é a sobrevivência do passado”.

Segundo o entendimento da autora, é por meio da lembrança, que o passado é recontado e perpetuado. É por meio dela que nossas reflexões, nossas descobertas se alicerçam e ainda é revendo imagens de uma história vivida ou ouvida que transmito ao outro o conhecimento construído pelo indivíduo na vivência. Essas mesmas lembranças, que ficaram guardadas pelo caminho do consciente, podem se tornar, também em recordações e podem ser acessadas e recontadas de diferentes formas, são imagens que podem ser transformadas e readequadas de acordo com o conjunto de referências do presente. Ainda de acordo com Bosi (1994):

Se as lembranças às vezes afloram ou emergem, quase sempre são uma tarefa, uma paciente reconstituição. Ou seja, quando se olha uma foto, lembra-se de algo, em que na maioria das vezes, você fecha os olhos e emerge em suas lembranças, e faz uma reconstituição do período ou do lugar que você estar a olhar pela foto. São lembranças suas, algo particular que por sua vez outra pessoa não tem conhecimento, só você. (BOSI, 1994, p. 39)

Considerando o pensamento acima, a autora destacou que a reconstituição de cenas e momentos vividos se torna um amuleto da memória, um elo entre o indivíduo e seu passado. Ainda compreendo que preservar estas reminiscências das situações vividas, concretiza os registros no intento de não se tornarem descartáveis no tempo.

As fontes que ajudaram a compor o estudo foram: as fontes orais (relatos orais, entrevistas semiestruturadas), documentais (documentários audiovisuais, recortes de jornais, revistas, fotografias, catálogos), encontrados nos arquivos públicos da cidade de Aracaju. Além desses visitei os arquivos da cidade de Estância - cidade natal de Judite Melo - bem como os arquivos pessoais da artesã, como: fotos, certificados e homenagens e documentos oficiais como, entrevistas publicadas sobre ela, além de depoimentos publicados (como reportagens e artigos veiculados em jornais e revistas sobre Judite Melo).

A metodologia adotada foi a história oral, a partir de Alberti (2004-2005), que constará no capítulo 2, tendo em vista a especificidade do tema. Para realização deste trabalho, foram utilizadas as técnicas de pesquisa: documental (YIN, 2005; GIL, 2010), bibliográfica (GIL, 2010) e história oral, através das entrevistas semiestruturadas (ALBERTI, 2005; VERGARA, 2012).

Posto isso, procurei embasamento teórico nos trabalhos de autores que discutiram a proposta temática e metodológica deste estudo: O primeiro trabalho é o de Santos (2016), intitulado *Por uma história vista de baixo: as escolas primárias dos territórios centro e Sul do Estado de Sergipe (1930-1960)*, que se baseou na abordagem da história vista de baixo, e teve como objetivo compreender a configuração da escola primária nos territórios do centro-sul e sul do estado de Sergipe entre os anos de 1930 e 1960. O autor adotou a metodologia da História Oral, a partir de Thompson (1992), Portelli (1998) e Verena Alberti (2004), o qual, as narrativas orais, realizadas com os alunos e professores aposentados, contribuiu para a construção das narrativas que desenvolvi na presente pesquisa, a partir das entrevistas semiestruturadas, realizadas com a artista Judite Melo.

O trabalho de Almeida Filho (2017), intitulado *Memórias da educação rural em Sergipe (1947 a 1951)*: teve como objeto de estudo a Educação Rural em Sergipe no

período de 1947 a 1951. Esse estudo, também se baseou em narrativas orais de alunos e professores que contribuíram para a formação da memória e do acervo da educação rural em Sergipe. Posto isso, esse estudo, inspirou a presente pesquisa, por adotar a metodologia da história oral, e utilizar de entrevistas para compor as narrativas orais, semelhante as narrativas construídas de Judite Melo na sociedade sergipana.

Outro trabalho que embasou a pesquisa presente, foi o livro de Ana Paula Cavalcanti Simioni (2008), *Profissão Artista: Pintoras e Escultoras Acadêmicas Brasileiras entre 1884 1922*. A autora revelou os discursos e as práticas, que relegaram ao plano do “silêncio e esquecimento” de mulheres plenamente ativas quanto à produção cultural e à participação em exposições de artes plásticas no Brasil, no período mencionado. Destacou ainda, que essas mulheres artistas do século XIX não “ascenderam” ao clamor estético da arte, surgido com o modernismo. Essas grandes artistas, vivenciaram uma época, em que as mulheres eram impossibilitadas de participar/fazer uma história da arte, eram proibidas de frequentar Academias de Arte, considerando que a arte era um espaço masculino, sendo que o espaço concebido para as mulheres era o lar.

A obra de Simioni (2008), nos auxiliou no desenvolvimento desta pesquisa, por estabelecer uma relação entre as trajetórias de pintoras e escultoras como Abigail de Andrade, Berthe Worms, Julieta de França, Nicolina Vaz de Assis Pinto do Couto e Georgina de Albuquerque, com a nossa personagem Judite Melo, as quais, são exemplos concretos de artistas mulheres, que participaram dos salões acadêmicos e lograram de prêmios, incluindo condecorações elevadas, a exemplo de medalha de ouro, prêmio de viagem, porém seus nomes, suas trajetórias e obras, são até então desconhecidas.

As práticas de exclusão da participação feminina, vivenciadas por essas artistas na História da Arte Brasileira, coincide com o percurso artístico trilhado por nossa personagem, Judite Melo, na sua vida em sociedade.

Considerando esse entendimento, Pierre Bourdieu (2005), em *A Dominação Masculina*, tratou da “dominação”, a partir de uma perspectiva simbólica. Nas palavras de Bourdieu:

[...] sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. (BOURDIEU, 2005, p. 07-08)

Desse modo, é perceptível que a força da violência simbólica reside em ser socialmente aceitável e consistir no poder de impor significações (Lima, 1998). Esse poder de impor significações é o poder simbólico, conforme Bourdieu sintetiza que “o poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer [...] o sentido imediato do mundo e, em particular, do mundo social” (BOURDIEU, 1998, p. 09).

Ainda segundo o entendimento do autor, a violência simbólica opera, portanto, no plano de um poder que se exerce como imposição que se dá por meio de significações, no domínio das representações e que implica censura de outros modos de dizer o mundo, assegurando a dominação social de uma classe sobre a outra. Posto isso, a ordem social masculina encontra sua força na neutralidade que se atribui e na legitimidade que se propõe a si mesma. Essa ordem se estabelece como se a divisão dos sexos fizesse parte da ordem das coisas, natural e inevitável. Isso é o que Bourdieu (2005), desvela a seguir, que:

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservada aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior da desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo da vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos. (BOURDIEU, 2005, p. 18)

Essa análise realizada por Bourdieu (2005) convoca a que se oriente as relações sociais, sem referências ao passado. Tendo em vista essa análise, do ponto de vista da natureza relacional da dominação simbólica se conclui que toda ação transformadora deve transformar também aquele que a empreende, quer dizer,

deve incluí-lo em seu questionamento. Toda crítica de fundo implica autocrítica, numa ruptura com a posição de vítima. Mais que isso, que deve levar em consideração todos os espaços sociais, além da família, a escola, a igreja e outros.

Acrescento ainda que a leitura dessa obra de Bourdieu (2005) foi de fundamental importância na presente pesquisa, pois possibilitou a compreensão sobre a questão da “dominação masculina”, também no percurso profissional de vivido por Judite Melo.

Para compreender a arte sacra no Brasil foi importante ler os trabalhos de Cláudio Pastro, *O Deus da Beleza* Pastro (2012), *Imagens do invisível na arte sacra*, Pastro⁷(2013), e *Guia do espaço sagrado* Pastro (1999), a primeira e a segunda obra citada, discute aspectos importantes a respeito dos espaços celebrativos, presente na arte sacra e a terceira obra citada, faz uma abordagem sobre o conceito de espaço sagrado, visão cristã de mundo, liturgia.

A leitura dessas obras possibilitou entender a definição sobre arte religiosa e sacra, presente na obra de Judite Melo. Pastro (2012) afirma que: “No espaço celebrativo, reúnem-se o Cristo e sua Amada para as núpcias, e cada encontro é um sponsal a que chamamos de liturgia. A liturgia é a celebração do Mistério Pascal, Eucaristia ou Santa Missa” (PASTRO, 2012, p.62). De fato, para o autor os espaços celebrativos configura-se como lugar de encontro do humano com o divino. É uma realidade material que remete a outra; o sagrado”. Nestes espaços estão incutidos o sentido, a sensibilidade e as impressões da arte sacra e religiosa.

Assim, Pastro (2012) afirma que do mesmo jeito que os cristãos devem saber distinguir em suas vidas o que é bom ou mau ou a relação bem/mal, eles deveriam saber distinguir o que é belo do que é feio, ou o que é sacro do que é mundano. Para melhor distingui-las, a arte religiosa (ou de devoção) “vem da interioridade do indivíduo crente, da imaginação do artista, ou dos costumes regionais de um povo, da piedade popular. Ela é fruto da relação eu-Deus. [...] Essa arte é dispensável ao ser da Igreja. Se não existir, não faz falta para a celebração dos divinos mistérios”

⁷ Cláudio Pastro, artista plástico brasileiro, considerado um dos maiores nomes da arte sacra brasileira, nasceu em 16 de outubro de 1948, em São Paulo e faleceu em 19 de outubro de 2016. Segundo o site :www.historiadoresdasartes.com publicado em 26 de outubro de 2016, o avô paterno de Cláudio Pastro, nasceu na região de Veneto, província da Itália, foi dele que herdou o sobrenome Pastro. A avô paterna Geneviève de Grand, era da Provença francesa. Desde 1975, o artista se dedicou à arte sacra, tendo cursado teoria e técnicas de arte nas instituições de arte na França, Espanha, México e São Paulo.

(PASTRO, 2012, p.84, grifo do autor). A arte religiosa é o enfraquecimento na vida cristã. Ainda completa Pastro (2012), que a arte sacra (ou de culto):

É a arte que está a serviço da liturgia. Independe dos sentidos e sentimentos humanos. É uma arte com consciência comunitária, isto é, o senso objetivo de ser Igreja, da objetividade de Deus: só Deus é, e o mundo é a sua criatura. A arte sacra é um sentir com a Igreja. A imagem de culto vem do Mistério em si, de sua transcendência, e dirige-se à própria transcendência. Essa imagem não é fruto da interioridade humana e psicológica. (PASTRO,2012, p.83)

Baseado no entendimento do autor a arte sacra, pois tem um destino litúrgico, o culto divino e religiosa por refletir a vida religiosa do artista, é essa relação, que esta obra fez com a arte de Judite Melo, pois a mesma começou a modelagem em obras sacras, por consertar uma peça que fazia parte de um presépio, ou seja, no âmbito religioso, percebe-se como a artesã se dedicou a saber-fazer suas imagens, com o que ela mais se identificava: a modelagem dos santos, o qual confirma os valores da religião da artista, marcada desde a infância.

Outra obra deste autor que contribuiu para esta escrita foi, *Guia do espaço sagrado* (1999), no qual, Pastro faz uma abordagem sobre o conceito de espaço sagrado, visão cristã de mundo, liturgia, tópicos estes, que reafirmaram a definição sobre, arte religiosa e sacra, presente na obra de Judite Melo.

Assim, na perspectiva de cumprir os objetivos e responder as perguntas formuladas no início da pesquisa, estruturei esta dissertação em quatro seções:

Na primeira seção evidencio a Introdução, em que apresento os elementos principais da pesquisa como: justificativa para escolha do objeto de estudo; pressuposto da pesquisa; objetivos: geral e específicos, base teórica a ser utilizada, apresento o estado do conhecimento, a estrutura do trabalho e o lócus da investigação da pesquisa.

Na segunda seção *O Caminhar Teórico Metodológico* abordo sobre o percurso escolhido para fundamentar teoricamente esta pesquisa, a metodologia adotada e os critérios escolhidos para a coleta, análise, tratamento dos dados da presente investigação, ainda descrevo o trilhar das experiências das entrevistas semiestruturadas.

Na terceira seção *Arte e História de Vida de Judite Melo*, lanço o olhar sobre a história de vida de Judite Melo, de maneira a tecer as narrativas, através de recortes de vida da artista, organizado em episódios, cada uma de suas histórias por ela contadas, além de discutir o percurso formativo da personagem em questão.

Na quarta seção *O Passado, o Presente e a Rede de Sociabilidade de Judite Melo*, elucido a rede de sociabilidade da artista Judite Melo, no intento de expor a visibilidade e o reconhecimento da artista sacra ao longo do seu percurso artístico, Ademais, modelo, em texto os relatos dos entrevistados, na perspectiva de contemplar, também, as experiências, impressões e contribuições a respeito do fazer artístico de Judite Melo.

Na quinta seção evidenciei as *Considerações Finais*, nas quais far-se-á uma análise do recorte da história de vida de Judite Melo, a partir de sua experiência vivida no contexto da sociedade estanciana/sergipana, assim como o percurso de formação, no seu fazer e vir a ser artista e sua rede de sociabilidade, relacionando-os aos resultados obtidos no decurso da pesquisa.

1.1 LÓCUS DA INVESTIGAÇÃO

Falar de pessoas implica falar de um lugar. De onde fala a artista Judite Melo? Em que tempo está inserida a história de sua vida neste estudo? Afinal, falar de pessoas é falar de um lugar, é falar de um tempo, é falar também de um espaço. Ressaltou Judite: “Daqui não quero sair. Amo muito minha terra! Me chamam muito para Salvador, mas aqui me casei, tive meus filhos. Quero ficar dando nome a Sergipe!”⁸. Esse lugar que ela fala é Estância, cidade natal de D. Judite.

O município de Estância está localizado na região sudeste do Estado de Sergipe, limitando-se a sul com os municípios de Santa Luzia do Itanhy e Indiaroba, a sudoeste com Arauá, a oeste com Salgado, e a norte-nordeste com Itaporanga D’Ajuda. Estância foi por muito tempo uma pequena povoação e devido ao seu crescimento, a Assembleia Geral, através do Decreto de 25 de outubro de 1832, transferiu o título da Villa de Santa Luzia para a Povoação de Estância, que foi elevada à Freguesia sob a invocação de Nossa Senhora de Guadalupe. Na tese de

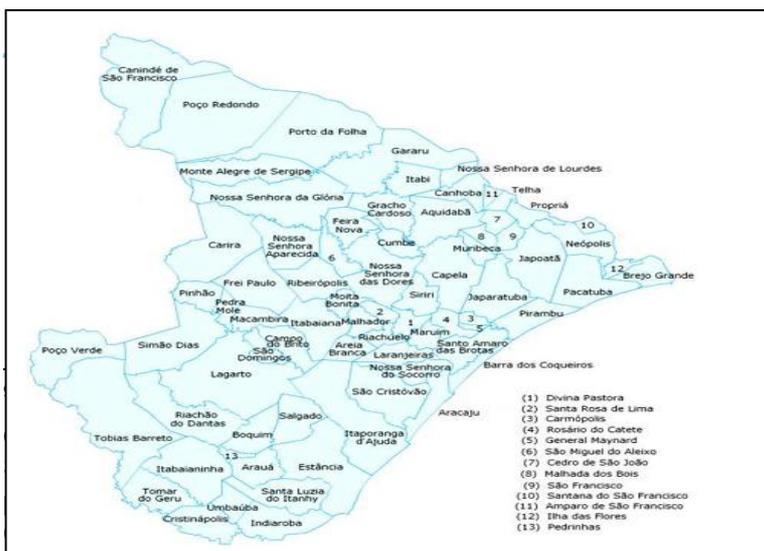
⁸ Entrevista concedida por MELO, Judite. Entrevista I. [nov. 2019]. Entrevistadora: Martuse Sousa Ramos Araújo. Sergipe, 2019. 1 arquivo .mp3 (45 min).

Ana Márcia Barbosa de Santana Costa (2017), intitulada *Civilização, Modernidade e Educação* nas páginas do jornal *A Razão* (1898-1923), a pesquisadora, relatou que Pedro Homem da Costa, depois de desbravar as terras, edificou nelas uma capela dedicada a Nossa Senhora de Guadalupe, em homenagem à padroeira do México, seu país de nascimento. A localização geográfica (Figura 01) favoreceu o desenvolvimento do comércio, da agricultura e possibilitou destaque econômico em relação às localidades vizinhas.

Em 1832 já se falava do nível cultural da localidade, evidenciado pelo aparecimento do *Recopilador Sergipense* o primeiro jornal editado em Sergipe, de propriedade do Monsenhor Antônio Fernandes da Silveira⁹. O jornal suscitava o debate entre intelectuais das questões políticas e sociais à época. A cidade, devido aos destaques nos âmbitos culturais e artístico, também ficou conhecida como “berço da cultura sergipana” em meados do século XIX até o início do XX e foi assinalado por Dantas (2004)¹⁰, como:

Centro precursor da imprensa em Sergipe, a publicação continuada de seus jornais foi estimulando as letras, as artes e a construção de uma opinião pública. Em seu ambiente floresceram poetas e escritores, pintores e músicos, tornando sua população certamente a mais civilizada do Estado. (DANTAS, 2004, p. 20)

Figura 01 - Mapa do Estado de Sergipe/ Município de Estância.



grafia Silveira, foi o responsável pela edição a de Sergipe, em Estancia, e o Noticiador ro jornal da Província do Piauí, além de eputado geral e membro e presidente do chial de Sergipe, criada com o Ato Adicional de 1834. (www.infonet.com.br/sergysite/Serigy- A história de um povo.08 de junho 2008.

¹⁰ Ibarê Dantas é o fundador da Historiografia Política em Sergipe, autor da obra “História de Sergipe (República-1889-2000)” em 2004.



Fonte: [Fonte:tce.se.gov.br/portaldojurisduccionado/Camaras.aspx](http://tce.se.gov.br/portaldojurisduccionado/Camaras.aspx).

Fonte: tce.se.gov.br/portaldojurisduccionado/Camaras.aspx.

No campo literário, ao publicar *Os Hinos de Minh'Alma*, conforme afirmou Lima¹¹ (1986):

A partir de 1852, surgem as nossas primeiras tentativas românticas nas páginas do jornal estanciano “União”, através das produções de Erico Mondim Pestana, baiano residente em Sergipe, e dos ensaios poéticos iniciais de Pedro de Calazans. Ainda na fase primogênita desse jornal (setembro de 1852), são reproduzidos os textos românticos de Laurindo Rabelo, João de Lemos, inclusive a tradução da 43ª Meditação Poética de Lamartine. No período 1852/1853, vamos encontrar na então vila de Estância, estudando e convivendo juntos Tobias Barreto e José Maria Gomes. Em 1854, também em Estância, chega o inditoso poeta Joaquim Esteves. EM 1855, é ainda em Estância que fixa residência Constantino Gomes, o primeiro intelectual sergipano de projeção nacional. (LIMA, 1986, p. 65-66)

Em 1860, a cidade recebe o casal Imperial, o Imperador Dom Pedro II e a Imperatriz Dona Teresa Cristina, durante viagem da comitiva real pelas províncias do norte, conforme destaca Costa (2017), para este fim foi formada uma comissão composta por um juiz, religiosos, comerciantes e senhores de terra da região, que ficou encarregada de providenciar a recepção, hospedagem e alimentação, entre outras tarefas. Na edição do dia 13 de agosto de 1911 o jornal *A Razão*, n. 18, na página 2, em seção histórica retrata essa importante passagem do Imperador pela cidade.

Soutelo (1995) relatou que enquanto a Imperatriz repousava no “paço”, conhecido como Casarão da família D'Avila (Figura 02), D. Pedro II virava a cidade, visitando diversos locais como: a matriz (catedral), o quartel, a cadeia, os cemitérios, as pontes, e até o sítio do Monsenhor Silveira.

¹¹ Jackson da Silva Lima, escritor, bacharel em Direito, sergipano de Aquidabã que fez parte da base da formação cultural brasileira, considerado maior inventariante da literatura e cultura de Sergipe. Disponível em: www.infonet.com.br/blogs. Acessado em 28.02.2020.

Figura 02 - Casarão da família D'Ávila



Fonte: Soutelo (1995).

Ainda segundo Soutelo (1995), na visita de D. Pedro II e sua esposa a Imperatriz, ele referiu-se a Estância como “cidade jardim” título esse que passou a ser adotado com orgulho pelos habitantes da cidade.

Ainda na tese de Costa (2017), por volta do século XIX, Estância avançou em proeminência nos cenários cultural, artístico e econômico e, após a Proclamação da República, passou por um momento marcante com relação ao aspecto econômico, a abertura da sua primeira fábrica de tecido, a Santa Cruz, pertencente ao Comendador Souza Sobrinho¹². Nesse período citado acima, Estância teve três fábricas de tecido: a Santa Cruz (1891), a Senhor do Bonfim (1914) e a Piauitinga (1930).

A chegada da Fábrica Santa Cruz, aumentou a geração de empregos, satisfazendo a economia dos estancianos, Gilberto Amado¹³ manifestou-se da seguinte forma:

¹² Estância teve três fábricas de tecido: a Santa Cruz (1891), a Senhor do Bonfim (1914) e a Piauitinga (1930).

¹³ Gilberto de Lima Azevedo Souza Amado de Faria nasceu em Estância (SE) em 1887 e faleceu no Rio de Janeiro (RJ) em 1969. Eleito em 3 de outubro de 1963 para a cadeira nº 26 da Academia Brasileira de Letras, na sucessão de Ribeiro Couto, foi recebido em 29 de agosto de 1964, por Alceu Amoroso Lima. Era o primeiro dos 14 filhos do casal Melchisedech Amado e Ana Amado. Fez os estudos primários em Itaporanga, também no interior de Sergipe. Depois estudou farmácia na Bahia e diplomou-se pela

Foi há sessenta anos: foi ontem. É hoje. Estou na Estância dos meus bisavôs apanhando araçá. E estou vendo o rebuliço criado pela Fábrica (de tecidos), inaugurada, por esse tempo, toda nova, espelhando-se na água quieta. Vejo mães encompridando saias de meninas para que elas pudessem trabalhar na Fábrica, mocinhas mudando de penteado, suprimindo tranças e laços de fita no cabelo, ficando desembaraçadas de propósitos, rindo em voz alta. “- Já tem filha na Fábrica! “Era o dito corrente entre as famílias pobres, traduzindo o revolvimento, a alteração na rotina do velho burgo”. Alemão gordo ou inglês magro era encontrado na rua. “É da Fábrica”. Veio para a Fábrica!”. A oportunidade de trabalho sacudiu a cidade. (AMADO, 1999, 23-24)

Ainda em Costa (2017), o crescimento do comércio de Estância era notório, os estabelecimentos comerciais espalhavam-se pela cidade, concentrando-se os de grande porte nas praças Barão do Rio Branco (Matriz) e 24 de outubro (do Rosário), locais onde afluíram imigrantes, a maior parte composta de portugueses que chegavam em Estância através da Bahia.

Vale registrar também que com relação ao costume festivo da cidade de Estância, a música sempre teve destaque não só nas festas religiosas, mas, principalmente nas profanas: aniversários, casamentos, batizados, bailes, tudo era motivo para dançar valsas, dobrados e quadrilhas. Como dito, segundo o *Jornal do Dia* (2019), o Festival Estanciano da Canção (1968), foi o grito da juventude, um marco na história da música sergipana.

Outro ponto que merece nota são suas tradicionais festas juninas, compostas de grandes atrações culturais, a exemplo dos espetáculos pirotécnicos, manifestações folclóricas e o Barco de Fogo. Segundo informações encontradas no site: museudagentesergipana.com.br, o criador do primeiro barco de fogo, foi Antônio Francisco da Silva Cardoso, na década de 1930, ele exercia a função de jardineiro na Prefeitura Municipal de Estância e costumava pescar, tinha sonho de ser marinheiro, nos andarilhos da vida foi acometido por um problema auditivo que provocou sua deficiência auditiva, conhecido assim, como “Chico Surdo”.

A ideia era fazer um barco que não precisasse das águas do Piauitinga para navegar. Para tanto, inicialmente, confeccionou um barco de papelão grosso,

movimentando dois foguetes, que deslizando sobre um arame preso em dois mastros, passando de um lado a outro do rio. O modo de fazer foi se aprimorando com o correr dos anos, e a brincadeira foi se tornando o elemento mais significativo das festas juninas da cidade.

Atualmente, um fio de aço de trezentos metros, atravessa dois pontos permitindo o deslizamento dessa alegoria pirotécnica, de cerca de um metro de comprimento, com armação de bambu recoberta com papel colorido, fazendo dos seus foguetes na proa a força que lhes dá movimento. A viagem que o barco realiza, é facilitada por uma roldana que desliza sobre o cabo de aço, e durante o tempo de ida e volta, o barco vai queimando girândolas e espadas que se transformam num rendilhado de fogo de beleza inconfundível. O barco vive no imaginário dos fogueteiros da cidade, que a cada ano enriquecem o invento com novidades, no qual o fogo é realmente o grande homenageado. É uma das mais empolgantes atrações dos festejos juninos do município de Estância.

Figura 03 - Barco de Fogo



Fonte: SINDSEME (2019).

A transmissão do saber e do fazer o Barco de Fogo, em Estância é tradicional, um bem cultural, passado de geração para geração. O Poder Público Estadual reconheceu o Barco de Fogo como patrimônio cultural do povo sergipano, através da Lei 7.690. Para tanto, o dia onze de junho, marco do nascimento do seu criador, "Chico Surdo", ficou estabelecido como o Dia do Barco de Fogo e faz parte do calendário cultural do município de Estância.

2 O CAMINHAR TEÓRICO METODOLÓGICO

Esta pesquisa buscou amparo metodológico na História oral, baseada nas orientações elaboradas pelo pensamento de Alberti que entende, como:

[...] a história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos. [...] como forma de se aproximar do objeto de estudo [...] o método da história oral produz fontes de consulta [as entrevistas]. (ALBERTI, 2005, p. 18)

A autora compreende a história oral como uma visão particular do narrador, que ao mesmo tempo, é também parte de um grupo social, de uma geração, de uma localidade. Além disso, respeita as versões individuais, admitindo sua pluralidade e amplia a percepção do pesquisador sobre o objeto de estudo.

Trabalhar com História Oral é, sobretudo, não querer uma história totalizante a partir dos depoimentos; tão pouco provar uma verdade absoluta, mas, dar espaço aos sujeitos anônimos da História na produção e divulgação dessa, procurando articular suas narrativas aos contextos e elementos do(s) objeto(s) em pesquisa, estar preparado para compreender que nem sempre o ato de recordar é uma ação saudável e positiva para o sujeito, pois pode trazer dores e sofrimentos, é escrever história sem sacramentar certezas, mas diminuindo o campo das dúvidas.

Além disso, ainda é necessário e pertinente para o pesquisador assumir compromissos com as causas daqueles que cedem seus depoimentos e respeitar até os silêncios representados nos seus relatos, seja por motivo de tentar organizar sua fala, ou no desejo de suprimi-la. Nesse sentido, percebe-se que a história oral tem as relações de confiança entre, entrevistador e entrevistado, como elemento metodológico central e essa confiança depende do comprometimento do pesquisador, o que pode significar um risco para a validade acadêmica de seu trabalho.

Ainda, baseado no pensamento de Alberti (2004), a metodologia da História Oral passou a ser utilizada pelos historiadores e pesquisadores que desejavam/desejam ouvir aqueles que foram negligenciados, esquecidos e omitidos pela história considerada “oficial”. Assim, por meio da entrevista é possível retratar

as “experiências vividas” de sujeitos que as viveram ou testemunharam além do pesquisador se transformar em narrador, tendo como soberania as situações reveladas, podendo ocultar ou não em sua narrativa.

Desse modo, a narrativa, apresenta-se recheada de “[...] emoções, reações, observações, relatos pitorescos” (ALBERTI, 2004, p. 14). Nesta perspectiva, o autor ainda realça que, os relatos dos sujeitos entrevistados, exigem do entrevistador sensibilidade e cuidado tanto na condução da entrevista, quanto na interpretação daquilo que foi narrado, pois é preciso perceber o sentido que o sujeito dá àquilo que sua memória traz do passado. E ao recuperá-lo, o faz a partir de como está sendo concebido, pois não é possível reproduzi-lo igualmente como de fato aconteceu.

Baseado no entendimento de Alberti (2005), a memória expressa pela fonte oral permite complementar explicações insuficientes, contraditórias, “[...] acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares” [...] (ALBERTI, 2005, p. 22). Assim, as narrativas nos fornecem uma chave para compreensão do passado, do que está sendo retratado e que nem sempre pode ser entendido como algo novo, que ainda não fora apresentado.

O que leva alguém a escolher o que ver, falar ou escrever? Ou ainda: como começar uma aproximação com alguém que estamos interessados em conhecer? Não sei ao certo como esse processo ocorre, mas o interessante é que, no decorrer dele, alguns assuntos tornam-se mais próximos do que outros. Isso aconteceu comigo a partir do momento em que me dispus a ouvir e a interagir com a artista sacra, Judite Melo.

Considero que o lócus, em que ocorreram as interações contribuiu para essa aproximação, pois não era em um lugar neutro. Tratava-se da casa da artista, seu próprio atelier, que propiciou o encontro do objeto/sujeito de estudo desta pesquisa e a pesquisadora. Sobre a interação entre entrevistado e entrevistador, Alberti alega que:

E o que a entrevista documenta enquanto *resíduo de ação*? Em primeiro lugar, ela é um resíduo de uma ação interativa: a comunicação entre entrevistado e entrevistador. Tanto um como o outro tem determinadas ideias sobre seu interlocutor e tenta desencadear determinadas ações, seja fazer com que o outro fale sobre sua experiência (do lado do entrevistador), seja fazer com que o outro entenda o relato de tal forma que modifique suas próprias

convicções enquanto historiador (do lado do entrevistado). Em segundo lugar, a entrevista de história oral é resíduo de uma ação específica, qual seja, a de interpretar o passado – uma ação que é desencadeada tanto pelo entrevistado quanto pelo entrevistador. (ALBERTI, 1996, p. 3-4)

Para esta autora, a entrevista permite o entrevistador ficar de frente com o entrevistado, gerando uma interação entre ambos, em que o entrevistador se permite neste momento em falar menos, e deixar que o seu personagem abra caminho em sua memória e deixe os acontecimentos fluírem, para que se possa ter respaldo para interpretação e (re)constituição de uma história de vida.

Vale ressaltar que não se trata de relato de literatura, como romance, nem a opinião de alguns estudiosos, mas sim, de uma pessoa como tantas outras, que em sua singularidade carrega suas histórias configuradas por sua experiência vivida, e é exatamente o destaque desta pesquisa, construir uma história baseada na experiência vivida.

Neste sentido, percebi que assumir uma postura de “escuta” e de diálogo no processo investigativo, através das entrevistas semiestruturadas segundo Alberti (2005) e Vergara (2012), possibilitam trazer os sujeitos e testemunhos daqueles que, de certa forma, participaram do percurso artístico de Judite Melo, na perspectiva de articular as narrativas dos sujeitos entrevistados aos contextos e elementos do objeto de pesquisa desta investigação. É um conjunto entre um eu e o outro (pesquisador-pesquisado-pesquisador), construído e fundamentado no diálogo e o respeito pelo saber do outro. Esse outro nessa pesquisa é a artista, Judite Melo (colaboradora/sujeito da investigação).

Afinal não, é nada fácil para o entrevistado relatar sua história de vida para alguém que conheceu há pouco tempo, assim como para o entrevistador alinhar os sentimentos e inquietações que podem aparecer no desenvolver da entrevista.

Nessa pesquisa foi utilizada a técnica da entrevista semiestruturada ou semiaberta, segundo, Vergara (2012), por permitir a flexibilidade das questões abertas, possibilitou o diálogo com os entrevistados e, dessa maneira, oportunizou-me a inclusão de novos questionamentos, bem como de reformulações e esclarecimentos sobre as questões formuladas inicialmente na pesquisa. As questões devem manter certa relação entre o tema, e o entrevistado se expressa espontaneamente sobre os pontos elencados e cujas respostas são consideradas como válidas pelo pesquisador.

Por deter-me a um objeto histórico vivo, mais especificamente a história de um sujeito histórico, as fontes orais foram indispensáveis na construção deste estudo. Ao utilizar o depoimento oral como fonte de pesquisa apreendi informações que jamais conheceria se analisasse somente documentos, ou outras fontes não vivas, além de oportunizar nossos informantes elucidarem, a respeito daquilo que somente eles foram testemunhas.

Para tanto, organizei a pesquisa estabelecendo alguns critérios para a escolha dos sujeitos que fizeram parte dessa pesquisa: localizei pessoas que conheceram e conviveram com a artista Judite Melo (familiares e amigos), e profissionais (artistas, poetas, historiadores). Considerando a natureza da pesquisa elaborou-se três roteiros de entrevistas: um que foi aplicado a artesã e outro aplicado às pessoas da comunidade estanciana e o terceiro aplicado a coordenadora de assuntos educacionais do IFS - Polo Estância-Se, local onde foi realizado o concurso Judite Melo (2019).

Cada roteiro da entrevista, os quais se encontram anexado na pesquisa, objetivaram identificar o percurso de vida e artístico da artesã e suas relações de sociabilidade, a formação escolar, a participação da artesã em exposições e homenagens. Essas pessoas são amigos, artistas plásticos, poetas, historiadores, que demonstraram interesse em participar do estudo. Tive o cuidado de construir um processo de cumplicidade com os entrevistados, tornando cada um deles coparticipes da pesquisa. Os sujeitos de investigação dessa pesquisa, tiveram um quantitativo de seis pessoas, conforme demonstra Quadro 01 abaixo:

Quadro 01 - Relação de Entrevistados(as)

N	Entrevistado(a)	Ocupação Atual
1	Maria Judite Melo de Andrade ¹⁴	Artesã
2	Edigar Sousa Andrade Neto ¹⁵	Artesão
3	José dos Santos Valério ¹⁶	Diretor do Memorial Cultural em Estância e Professor de História.

¹⁴ Maria Judite Melo de Andrade, nascida em Estância em 06.05.1925, artesã, precursora da arte sacra.

¹⁵ Edigar Sousa Andrade Neto, neto de Judite Melo, artesão, Graduado no Curso de História pelo Centro de Educação Superior a Distância –Universidade Federal de Sergipe- UFS.

¹⁶ José dos Santos Valério, licenciado em História: pós-graduado em Patrimônio Cultural / Sergipe - LIBRAS - Docência do Ensino Superior: linha de pesquisa - MEMÓRIA - IDENTIDADE-PERTENCIMENTO, atualmente está Diretor do Memorial da Cultura de Estância e Professor de História.

N	Entrevistado(a)	Ocupação Atual
4	Wilton Santos ¹⁷	Coordenador artístico do Memorial Cultural em Estância.
5	Wesley Luiz do Nascimento ¹⁸	Historiador e Pesquisador
6	Adriana Araújo de Lisboa ¹⁹	Assistente Social e Coordenadora de Assuntos Educacionais- IFS-Polo Estância.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora/2019.

É válido destacar, que o terceiro entrevistado me indicou o quarto entrevistado, e assim foi formado o quadro de relação dos entrevistados desse estudo.

O caminhar das entrevistas, proporcionaram a construção das narrativas da vida de Judite Melo, baseado nos momentos que trabalhei com familiares, amigos e colaboradores que conheciam a artista. Com relação a esse proceder, Verena Alberti (2006) aponta, com relação à entrevista dizendo que:

Ao formular as perguntas, o pesquisador deve procurar ser simples e direto. Extensas introduções e ponderações podem confundir o entrevistado e talvez o induzir a dizer o que ele acha que o pesquisador quer ouvir. Fotografias, recortes de jornal, documentos e menção a fatos específicos podem ser úteis para reavivar a lembrança sobre acontecimentos passados. É possível reservar uma parte da entrevista para a discussão e a análise de alguns temas, já que a forma pela qual o entrevistado percebe o assunto investigado também é relevante em pesquisa de história oral. (ALBERTI, 2006, p. 179)

A formulação dessas perguntas foi um dos cuidados que mereceu atenção especial do pesquisador, pois a memória captada pela metodologia da História Oral, auxiliou na interpretação das experiências vividas pela artista Judite Melo, na sociedade sergipana.

¹⁷Wilton Santos de Jesus, natural do Município de Estância Sergipe, bailarino registrado pelo o SATED/ SE, Membro da Companhia Dançar/SE, Membro do Núcleo das Expressões Cênicas Negra, Ator registrado pelo o SATED/SE, poeta e intérprete pelo o CPE - Clube dos Poetas estanciano, Membro da AEL - Academia Estanciana de Letras, Pesquisador da Cultura Popular, Historiador, e Técnico em Segurança do Trabalho. Atualmente, membro e coordenador artístico do Memorial da Cultura.

¹⁸Wesley Luiz do Nascimento, historiador pesquisador, desde 2007, com experiência em Gestão Documental Pública, foi diretor do Arquivo Público de Estância de 2007 a 2016, Membro do Clube dos Poetas de Estância desde 2002, Especialista em Gestão em Empreendimentos Turísticos pela UFS- Universidade Federal de Sergipe, experiência em Educação Profissional em Turismo junto ao Senac onde foi professor em diversos cursos da área.

¹⁹Adriana Araújo de Lisboa, assistente social e atualmente Coordenadora de assuntos educacionais, IFS-Polo-Estância.

Posto isto, e selecionado os sujeitos escolhidos para este estudo, baseados nos critérios acima mencionados, foi realizado os contatos prévios com os entrevistados, sempre com a atenção para o espaço físico, definição de local, data e horário. Importante destacar que, no primeiro momento de cada entrevista, realizei a apresentação do objetivo da pesquisa, assim como, a leitura da Carta Cessão e Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, na perspectiva de oferecer aos sujeitos escolhidos à vontade para participar do estudo de explicitação do objetivo da entrevista. Baseado no entendimento de Alberti (2005):

[...] O importante nesse momento, é deixar o entrevistado a par dessa prática, para que não seja surpreendido, ao final da entrevista, com uma formularidade, da qual nem havia tomado conhecimento. Ou seja, avisar e pedir permissão para a pessoa que será entrevistada se estará fotografando, ou gravando a entrevista, como também os demais procedimentos a serem tomados. (ALBERTI, 2005, p.88)

A primeira entrevistada foi a artista Judite Melo, no seu ambiente familiar, seu próprio atelier, que me recebeu, em sua casa, na *Rua Zeca do Forte*, nº 497, bairro Cidade Nova localizado na cidade de Estância-Sergipe, com muito disponibilidade no contar sobre si; realizamos através, para obtenção das informações, considerando a sua pertinência para a operacionalização dos objetivos deste estudo. Dessa forma, as entrevistas foram realizadas em vários encontros, de acordo com a necessidade da pesquisa e disponibilidade dos participantes, resultando numa média de três a quatro encontros, com duração de 45 a 60 minutos cada uma.

Posso declarar que a opção em deixar que a artista falasse de si, foi seguramente a melhor, pois os resultados eram sempre impressionantes e ofereciam “vida” à escrita, sendo essa também uma opção teórico-metodológica realizada, para construir as narrativas que compuseram a investigação.

Foi assim nosso primeiro encontro, sem contar as horas que passei ouvindo relatos de quem nos dar acesso a conhecer e entender a história de vida de Judite Melo. “Será um prazer minha filha, contar minha história!” (MELO, 2018).

A aplicação da primeira entrevista possibilitou, a artesã relatar a sua história de vida. O primeiro roteiro da entrevista, conforme anexado no apêndice 01, objetivou identificar Percurso de vida - Formação escolar - Produção artística- Participação em exposições- Homenagens. Nesse processo foi importante destacar

marcos, fatos, situações e as pessoas que fizeram parte do percurso pessoal e profissional de Judite Melo. O segundo roteiro, conforme apêndice 02, foi aplicado à comunidade estanciana (amigos, familiares), pessoas que viviam na cidade de Estância, tiveram uma relação de convivência e conheciam a artesã.

As demais entrevistas com os participantes, foram realizadas em locais combinados com a pesquisadora de acordo com as condições essenciais de infraestrutura e acessibilidade, como estabelecimentos frequentados pelos sujeitos e também através de áudios enviados pelo celular. Nesses locais, definidos pelos participantes, utilizou-se uma sala reservada para a entrevista, assegurando privacidade e conforto aos entrevistados.

Como já sinalizado, as narrativas orais coletadas através das entrevistas realizadas, foram utilizadas, a fim de compreender a artista sacra Judite Melo, a partir de sua experiência vivida. Segundo o entendimento de Benjamin (1994), o autor atenta que ao rememorar reconstruímos, buscamos nossas impressões mais remotas sobre o vivido por nós ou por aqueles que nos antecederam.

Esse processo é acionado por dimensões conscientes e inconsciente despertada no presente de quem rememora. Segundo ele, ainda completa que a fonte das narrativas deve ser “[...] a experiência que passa de pessoa a pessoa, a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais, contadas pelos inúmeros narradores anônimos.” (BENJAMIN, 1994, p. 198).

Memórias, para Benjamin, são plenas de conhecimentos e de sensibilidades e relacionam-se com o vivido. A (re)memória é sempre relacionada com o presente, já que é um entrecruzamento de tempos, espaços, vozes; é uma memória que não é só racional, é de um sujeito inteiro, é vida e possibilidade da experiência vivida.

Concluída a etapa das entrevistas gravadas, os quais foram transcritas para o computador em Microsoft Word e armazenadas no arquivo virtual da pesquisadora, a fim de facilitar o processo de análise. O arquivo virtual das entrevistas, seguiram a ordem dos encontros. A transcrição dos relatos coletados, trazem consigo uma experiência vivida adormecida nas memórias, capaz de revelar a visibilidade que obtém da artista Judite Melo e sua contribuição para a cultura sergipana.

Desse modo, as narrativas construídas nesta pesquisa, foram baseadas nos relatos orais coletados, na perspectiva evidenciar a história de vida no contexto estanciano/sergipano, assim como, o percurso formativo e a sua inserção numa

rede de sociabilidades, cujo fio central foi constituído por relações estabelecidas ao longo do percurso artístico de Judite Melo.

A conferência da fidelidade do conteúdo, foi uma etapa muito. Conforme afirma Alberti (2005), [...] é recomendável que o pesquisador se ocupe do caderno de campo logo após a entrevista, nele registrando suas ideias e impressões sobre o que aconteceu, escrevendo tudo o que se passou” (ALBERTI, 2005, p. 126).

Este procedimento se iniciou imediatamente, após as primeiras entrevistas, o que facilitou a avaliação do procedimento metodológico, criando possibilidades de ajustes no processo, no caso de incorreções, bem como direcionou o caminhar do pesquisador, além de lembrar o momento do encontro e a emoção que ele comportou, que, muitas vezes, fica contida nas entrelinhas, no não dito, nas palavras entrecortadas por lágrimas e silêncio. Momento este, em que o entrevistador, deve ter respeito, cumplicidade e até mesmo, em algumas situações, chegando a se emocionar diante das falas contribui para a riqueza das informações obtidas. É um momento de extrema sensibilidade em que as emoções afloram. Ainda no tocante a transcrição, Bailey (2008), pontua:

A transcrição é um procedimento que implica “reduzir, interpretar e representar as conversas orais para que o texto escrito seja compreensível e tenha significado,” deste modo, “as transcrições não são meros registos neutros dos eventos, pois refletem as interpretações dos investigadores relativamente aos dados”. (BAILEY, 2008, p. 127-129)

Além dos relatos, as fontes documentais, foram de extrema valia e no intento de otimizar o tratamento e a catalogação das fontes, utilizei uma técnica de catalogação que consiste na criação de siglas para resumir e simplificar a lida com os dados coletados pela pesquisadora.

Por fim, foi respeitado o acordo realizado, previamente com os entrevistados; o sigilo da fonte oral, por se tratar de um exercício político e trabalhar com experiências vividas e em sequência a devolutiva aos sujeitos participantes da sua construção.

3 A ARTE E A ARTISTA: TUDO NO SEU TEMPO

Neste capítulo tem por objetivo compor a história de vida de Judite Melo, no contexto da sociedade estanciana/sergipana, deixando aflorar o percurso formativo da artista.

Atuar como pesquisadora e *debulhar*²⁰ a história de vida de D. Judite, mulher artesã, no âmbito da História Oral, permitiu galgar possibilidades de buscar, para meu trabalho, resíduos de ações passadas e da vida presente da artista. Por meio da entrevista semiestruturada, foi possível construir narrativas, que mostraram suas práticas de saber de uma vida comum, singular, como também o percurso pessoal e profissional de Judite Melo.

A manifestação da arte religiosa de Judite Melo, aconteceu no ano 1963, quando a artista estava grávida de seu primeiro filho e encontrou na frente da sua casa, uma imagem quebrada do Menino Jesus, feita de barro. Por que a imagem do Menino Jesus chamara a atenção de Judite Melo? É importante destacar que desde a sua infância, a artista participava de movimentos religiosos e segundo entrevista, concedida para esta pesquisa, afirmou que sua avó materna, era muito religiosa e lhe ensinou a rezar, cantar e a participar das missas. Como vimos, a vivência de Judite Melo, e da sua família, estava envolta numa aura religiosa e por isso a imagem do Menino Jesus, não passou despercebida por ela.

A artista tinha um sonho antigo de fazer um presépio natalino, mas na época não tinha condições financeiras para realizá-lo. Após resgatar a imagem quebrada, tentou restaurar para fazer o seu próprio presépio de natal. A partir desse conserto, começou a esculpir os outros elementos para a composição do presépio: os anjos, os pastores, os três reis magos, a manjedoura e os animais. A arte de Judite Melo, reflete algo particular de um indivíduo, como mencionou Pastro (1999), em sua obra *Guia do Espaço Sagrado*, uma arte repleta de devocionismo, na qual, o envolvimento religioso da artista levou-a a produzir, uma arte de adoração e de fé. Chamou a atenção da pesquisadora, o fato de no primeiro encontro, a artista nos

²⁰ “Debulhar” foi utilizado no sentido das experiências (fios) ditas por D. Judite, e por mim, ao transformar numa história contada para outros. “[...] mulheres que narram o mundo como se estivessem debulhando feijão nas rodas de terreiro ou bordando um longo labirinto com fios feitos de vida”. SANTOS, Fabiano dos. **1001 Histórias do Ceará: A arte de narrar e de ouvir**. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2007/FabianodosSantos.pdf>. Trabalho apresentado no III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado entre os dias 23 a 25 de maio de 2007, na Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil.

mostrar uma foto dela sentada, tendo ao fundo da fotografia (figura 04), as esculturas de santos de sua devoção, da direita para a esquerda os santos: Nossa Senhora da Conceição, São Miguel Arcanjo e São Francisco de Assis.

Figura 04 - Maria Judite de Melo Andrade e os santos de sua devoção – 2015



Fonte: Acervo pessoal da artesã.

Retomando o pensamento de Pastro (1999), que afirmou: “[...] a arte sacra, de culto, litúrgica, são sinônimos e objetivam a celebração cristã. Arte religiosa, de devoção, são sinônimos e subjetivos, pois brotam da interioridade do indivíduo e sua esfera não vai além do sentimentalismo” (PASTRO, 1999. p.82). Como vimos, a produção artística de Judite Melo, foi fruto de uma educação religiosa, como dito anteriormente e sua arte se caracteriza como religiosa, por manter os valores da religião e sua arte sacra, foi produzida para fazer parte dos cultos divinos ou rituais religiosos, para ocupar espaços de clínicas e hospitais do estado de Sergipe, lugares propícios para cultuar o divino.

Desse modo a arte sacra de Judite Melo uniu a expressão do artista com a comunidade na qual ela pode ser inserida. Importante destacar, que toda arte sacra

é religiosa, entretanto, nem toda arte religiosa pode ser considerada sacra. Nesse sentido é válido destacar que a arte de Judite Melo é considerada sacra e religiosa.

Assim como Pastro (1999), a artista Judite Melo, por meio de sua arte, buscou inserir na cultura sergipana, sua marca, acompanhada de significados e de conhecimentos.

Maria Judite de Melo Andrade, artista autodidata, nasceu em seis de maio de mil novecentos e vinte e cinco, na cidade de Estância²¹ no Estado de Sergipe, filha de Dona Temira Florisbela Melo e de João Chaves de Melo. Casou-se com Edigar de Souza Andrade, e teve quatro filhos. Constituiu sua família em uma casa simples, localizada na Praça Humberto Ferreira, em Estância e sempre gostou de desenvolver trabalhos manuais como: desenhar, bordar e pintar.

Aposentou-se como artesã e repassou seus conhecimentos para filhos e netos. É válido destacar que a artesã Judite Melo, teve forte incentivo do amigo e também artista José Antônio dos Santos (*in memoriam*)²², conhecido popularmente como José de Dome.

Em entrevista cedida a Luiz Fernando Cajueiro dos Santos, em produção da sua Tese, via Universidade Federal de Sergipe (UFS), intitulada *O Gênero Biográfico no Ensino das Artes Visuais: a Vida e a Pintura de José de Dome (1955-1981)*, se confirma a relação de Judite Melo com Zé de Dome, conforme registra na citação a seguir:

A artista visual Judite Melo, a Dona Judite, conterrânea e contemporânea de José de Dome, contou que o conheceu quando ambos atuaram em um drama, gênero teatral muito comum na cidade, naquela época. “Feia” era o nome do drama e fez muito sucesso, de acordo com Dona Judite, que era uma criança e ele um adolescente.

²¹ Cidade natal de D. Judite no município brasileiro do estado de Sergipe, distante 68 Km da capital Sergipana (Aracaju) de 68.846 habitantes (Censo 2016).

²² José Antônio dos Santos (*in memoriam*), conhecido popularmente como Zé de Dome. José de Dome (Estância, SE, 1921 - Cabo Frio, RJ, 1982). Pintor, desenhista. Antes de ser pintor, teve uma vida difícil sendo um trabalhador avulso, fazendo serviços de pedreiro, servente, gari e vigia noturno. Pintor seu primeiro quadro em 1943.

Ela disse que José de Dome participou de muitos outros dramas, dos quais não lembrava mais os nomes nem as datas, mas afirma que os mesmos eram encenados com muita frequência nos cineteatros da cidade, por artistas locais ou visitantes. Lembra que muitas famílias se organizavam, em torno da montagem de um drama, uma atividade que movimentava a vida cultural da cidade. Considera que foi muito importante para eles a experiência do fazer artístico, proporcionada pelo teatro, e que, para ela, a aprendizagem adquirida foi determinante para a sua relação com a arte e com o público, dali por diante. (SANTOS, 2018, p. 45)

Ainda nessa entrevista, a artista comentou que aos quarenta e dois anos de idade, José de Dome estava novamente em Estância, agora como convidado para fazer uma exposição dos seus trabalhos e para uma temporada de vários meses, no ano de 1963. Dona o descreveu dessa forma: Era um homem magro, de estatura mediana, de cabeça grande, inteligente e curioso, que seguiu determinado o caminho das artes visuais. Elegante e muito observador. José de Dome aprendeu a enfrentar, os desafios da vida, no campo das artes visuais, no qual estava inserido.

A grande influência que Zé de Dome teve na vida e obra de Judite Melo, foi marco importante na carreira profissional da artista Judite Melo, conforme a artista, relatou na entrevista cedida a Santos (2016):

Naquela temporada em Estância, ele ficou hospedado em um sobrado próximo ao centro da cidade, que foi transformado em seu ateliê, e onde produziu várias obras. O local logo se transformou em ponto de encontro de artistas, intelectuais e políticos que por lá transitavam, onde Jorge Amado foi visto com muita frequência. Dona Judite contou que foi, nessa época, que ela e José de Dome se reencontraram e que ela deve a esse reencontro a coragem que obteve, a partir daquele momento, para chegar onde está, aos oitenta e sete anos, e fazendo, com arte, todas as imagens que produz. Quando ele a reencontrou, ela já estava fazendo figuras de presépio e ele ficou impressionado com uma imagem de Santo Antônio, da sua autoria, e comentou: “É, arte você tem!” E desde então passou a ir regularmente ao local onde ela trabalhava, incentivando-a na produção de mais peças e no aprimoramento técnico da sua modelagem. (MELO, 2016, p.46)

Ao lembrar-se dessa experiência, Dona Judite relatou que, no início, sentia muita dificuldade para confeccionar os olhos, nas imagens que ela fazia. José de Dome percebeu a sua dificuldade e um dia lhe deu de presente uma revista contendo reproduções de muitas obras de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, e disse: “Olhe Judite, repare como são os olhos”. Ela contou que, a partir de então, foi

adquirindo mais segurança no seu fazer artístico, enquanto ele continuava orientando e cobrando mais produção dela. Quando ele viu a obra, ficou “muito animado” e disse: “Agora Judite, você precisa queimar, porque assim, desse modo, as peças não têm valor”. Tendo em vista a questão colocada por José de Dome, o esposo da Dona Judite resolveu construir um forno onde as peças foram queimadas. Sem saberem ao certo como fazer um forno para aquela finalidade, erraram muito, mas ela buscou ajuda mais uma vez de José de Dome, e assim juntamente com o esposo aperfeiçoou o forno para finalizar a sua obra sacra. Referindo-se àquele tempo, D Judite, diz: “[...] a gente começou assim, errando, perdendo, mas tinha sempre José de Dome incentivando, pois via na sua amiga um grande potencial artístico a ser revelado.

Continue, não deixe nunca. E eu fui continuando até hoje e agradeço isso a ele, muito. Ele foi um artista que me ajudou muito. Porque eu não sabia, ele me esclareceu muitas coisas, me incentivou, pra eu não abandonar que era muito bom, e foi muito bom mesmo, sabe? E agradeço, tanto, a ele e a Deus. (MELO, 2016, p. 46)

E em entrevista a autora desta pesquisa, a artista, destacou [...] “sou muito religiosa e acredito que é um dom de Deus, minha arte!” (MELO, 2018).²³ Como ressalta o historiador estanciano, José Fernando dos Santos Valério²⁴ :

[...] a importância da produção artística de Judite Melo afirma, não só a identidade do estanciano, como elemento de raiz embrionária, da própria cidade, mas, ela com certeza **contribui para a formação artística e cultural do estado de Sergipe**. Então, a arte de Judite não é reconhecida apenas na nossa cidade, a arte de Judite é reconhecida hoje no mundo. [...] essa figura ímpar para nós estancianos [...] é um dos pontos de nossa sergipanidade. (VALÉRIO, 2020, Grifos meus)

Corroborando ainda no relato da importância da arte sacra Judite Melo, o historiador estanciano Wesley Luiz do Nascimento²⁵:

²³ Entrevista concedida por MELO, Judite. Entrevista I. [nov. 2018]. Entrevistadora: Martuse Sousa Ramos Arão. Sergipe, 2019. 1 arquivo .mp3 (45 min.).

²⁴ Entrevista concedida por VALÉRIO, José Fernando dos Santos. Entrevista II. [fev. 2020]. Entrevistadora: Martuse Sousa Ramos Arão. Sergipe, 2020. 1 arquivo .mp3 (22 min.).

²⁵ Entrevista concedida por NASCIMENTO, Wesley Luiz do. Entrevista II. [nov. 2019]. Entrevistadora: Martuse Sousa Ramos Arão. Sergipe, 2019. 1 arquivo .mp3 (20 min.).

[...] a obra de Judite é que é única, marca os seus traços, a questão das vestimentas, a questão da própria assadura, da cor que é dada ao barro depois que ele sai do forno, se você observar uma obra crua antes de ir ao forno ela é totalmente negra, dependendo do tempo que ela fica no forno, ela fica realmente numa cor mais forte, uma cor mais escura e, você olha para uma obra de Judite e a gente já consegue identificar que é dela. (NASCIMENTO, 2019)

Figura 05 - Obras sacras da artista Judite Melo



Fonte: Acervo cedido pela artesã. 2018.

Os relatos dos críticos de Judite Melo, acima mencionados, apontam, que a obra da artista em estudo, tem estilo próprio, demarcantes nos contornos “livres” de cada obra, as quais demonstram estar em movimentos; a religiosidade presente é expressa de forma a atingir a emoção de quem a observa, conforme demonstra a figura 05. Ainda neste sentido, em entrevista a autora desta investigação, a artista Judite Melo, adita que: [...] adoro criar, nunca faço uma obra igual a outra.

D. Judite se dispôs a compartilhar seu baú de histórias, revelar o seu saber-fazer artístico, que destaca ter sido um “*dom de Deus*”. Muito embora, a artesã afirme sobre o seu dom; como pesquisadora, não posso deixar de registrar que na vida artística de Judite Melo existiu o mentor e incentivador de sua arte, como já mencionado, o artista plástico visual, Zé de Dome.

No diálogo com a artista, parece considerar sua história de vida digna de ser contada, ao afirmar que: “se você for fazer um livro vai ter muitas páginas de livro. (...) Não é pouca história, não”. Assim, os relatos de D. Judite concatenaram dados necessários para a composição deste estudo, com uma naturalidade que me deixou

confiante em fazer anotações. Logo, coletar as informações em relação ao nome completo, local do nascimento, terra natal, região, e bairro foram informações prenotadas de D. Judite, que realça:

Não, eu nasci no centro mesmo. Eu vendi minha casa em 2001. É que lá onde eu morava, estudei, casei, tive meus filhos, depois vim para este bairro, porque aqui era melhor, o lugar é mais destampado, a casa mais ampla, enxugava mais rápido os meus trabalhos. Vendi minha casa, que eu tinha lá, tem até uma pracinha com o meu nome, que é **Largo Judite Melo**. (MELO, 2018. Grifos meus)

Conforme mencionou D. Judite, o Largo foi construído no bairro popularmente chamado Cidade Nova, na gestão de Valter Cardozo Costa²⁶ em homenagem a artista, segundo evidencia a figura 06:

Figura 06 - Largo Judite Melo



Fonte: Pesquisa de campo e fotografia concedida por Edigar Neto, (2013).

Para que no processo de leitura, ocorra, a interação entre quem vê e o que é visto, é preciso que o leitor dessas imagens, perceba a sua constituição e o contexto que se encontra inscrito nelas. Rebouças (2012) afirma que:

[...] Uma praça de uma cidade, uma fotografia, um quadro, uma poesia, uma música são manifestações que possuem uma organização interna, mas estão inseridas em determinado contexto

²⁶ Fundador de várias obras em Estância, no primeiro mandato como prefeito entre (1976 – 1980). Valter Cardozo Costa doou terreno para o Governo do Estado, com a finalidade de construir o Conjunto Habitacional Pedro Barreto Siqueira, o CSU (Centro Social Urbano), o Estádio de Futebol Augusto Franco (Francão), a sede da DER (Departamento de Estradas e Rodagens), o conjunto “Ulisses Vieira Lima”, o **Largo Judith Melo**; comprou ainda dois ônibus para os estudantes, caçamba, trator e ambulância.

sociocultural, portanto, capazes de produzir sentido para aqueles dispostos a interagir com elas [...]. (REBOUÇAS, 2012a, p. 257)

Assim, a percepção de Rebouças (2012) se aproxima da compreensão de Burke (2001) e Ciavatta (2002) quando abordam que a imagem é histórica, sendo observada por um sujeito histórico que faz parte de um contexto social.

Mediante o depoimento acima citado, é importante no percurso da pesquisa não somente se concentrar nas pessoas que se comunicam, mas é necessário considerar, também, o contexto em que estas, estão inseridas.

3.1 RECORTES DE VIDA DA ESTANCIANA JUDITE MELO

Nesta subseção, menciono os recortes da narrativa de vida de Judite Melo, organizado em episódios, cada uma de suas histórias por ela contadas. O texto fora organizado na ordem cronológica escolhida pela artesã, baseado nos relatos mais marcantes por mim considerados, do percurso de vida da artista, até então. Conforme o pensamento de Benjamin (1994), declara que:

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de arte – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 1993, p. 205)

Para o autor Benjamin (1994), cada indivíduo é capaz de absorver uma narrativa e repassá-la adiante, e quando o faz, deixa marcas de suas experiências individuais, e neste percurso a narrativa é remodelada por outros indivíduos, sucessivamente, como em uma manufatura erguida pelo tempo e no tempo.

Ainda, no que tece sobre as histórias reveladas como forma de experiência narrada por outros, Walter Benjamin, nas teses sobre o conceito de história, afirma que é no encontro da história e da cultura que as relações se estabelecem, formando a tradição, rastros e registros, como um acervo cultural, fixando “uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso” (1986c, p. 224). O conceito de

história para o autor vem no sentido de que somos marcados pela época de nossa existência, e não só pelo tempo, mas também pelo contexto, onde estão inseridos nossas tradições e costumes.

No livro *Biografia e Educação*, de Delory-Momberger (2008), a autora, traz um realce sobre as partes que constituem do indivíduo, tornando-o sujeito de sua história. A história de vida acontece na narrativa, como nos diz a autora:

A narrativa realiza sobre o material indefinido da experiência vivida um trabalho de homogeneização, ordenação e funcionalidade significativa: ela reúne, organiza, tematiza os acontecimentos da existência, dá sentido a um vivido. É a narrativa que dá uma história a nossa vida: **nós não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida.** (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.97. Grifos meus)

Neste sentido, a autora aguça sobre a figura do sujeito, essa figura de um “si mesmo” não existe num *estado*, ele é uma construção sempre em ato. Logo, D. Judite torna-se uma artesã de seus “eus”, quando conta a narrativa da sua própria vida.

Posto isto, convido o leitor para inteirar-se dos recortes de vida da artista.

Episódio 1 - Ah tempo bom, tempo que brincava de manja!

A infância de D. Judite, foi muito divertida e, em seus relatos, ela enfatiza que “*não era molezinha não...*”. Contando com a própria D. Judite, eram 10 irmãos, e possivelmente podemos imaginar uma infância maravilhosa, pois ela relatava com muito sorriso nos lábios e mais ainda, quando vinha a memória certas lembranças.

No tocante as brincadeiras, a artista declara:

Eu era a danada, junto a caçula, já a irmã mais velha me unia muito com a mais nova, e nós brincávamos muito. Ah! Mas eu subia até em coqueiro [risos], tinha coqueiros no quintal e eu chegava [risos] e brincava de “manja”, conhecido hoje como pega-pega. Corria uma atrás da outra, mas nunca quebrei um braço nem uma perna, nada [risos]. (Entrevista com D. Judite, 11/02/2020)

D. Judite sempre em risos lembrava de suas peraltices, relata também que quando sua mãe lhe via em cima das árvores, ou num coqueiro, corria com uma

“taca” de cavalo e pedia para que a menina descesse. E muitas das vezes quando descia tirava pele das pernas. *“Porque o coqueiro alto, a gente descia de uma vez...”*.

A artista aborda que brincava muito, mas o que gostava, na verdade, era de cinema. Naquela época tinha o cinema Gonçalo Prado, no bairro Santa Cruz, que segundo o programa estanciano “Terra Serigy”, no dia 28/12/2013, foi o cinema que exibiu os melhores filmes da época. Além disso, recebia as grandes companhias teatrais na cidade de Estância. Esclarece D. Judite:

A gente, toda noite saía com as mocinhas que eram vizinhas da gente, elas eram operárias... [...], mas minha família não gostava que fosse ao Cinema. Depois proibiram a gente de ir... quando a gente chegava em casa, meu irmão já estava detrás da porta, brigando e querendo bater [risos]. Uma vez minha mãe esperou, quando entrei em casa para me bater também Eu que era muito pegadinha com minha avó, foi quem me criou, e eu dormia com ela, nessa época meu avô já tinha falecido... eu dormia na cama com minha avó... aí pulei, assim do outro lado da cama, e me segurei em minha avó [...] “não deixe, não deixe eu apanhar” [imitando] eu chamava minha avó de mãe Emília... [risos]. E a outra minha mãe, me pegou... vovó correu para o fundo do quintal e ficava vendo a mãe batendo, e eu chorando e minha avó dizia “não, hoje não, não bate mais nela hoje não”. (Entrevista com D. Judite, 11/02/2020)

Mediante o depoimento acima, Judite Melo evidencia a efervescência cultural da cidade de Estância. E o cinema possibilitou, momentos memoráveis, não existia distinção de classe ali, e sim grandes amizades, namoros inocentes, desfile de modas, apresentações de dramas, que jamais serão esquecidos por aqueles que um dia fez parte deste marco histórico. E era nesse mesmo espaço, que muitos adolescentes se descobriam artistas. Assim, Judite Melo relatava os momentos prazerosos da sua vida.

Era perceptível, no discorrer da entrevista, que relembrar o passado da artista estava galgando de um privilégio valioso. Seguindo o roteiro de entrevista, perguntei a artista como era a relação com seus pais, se eles eram rigorosos. Ela, a princípio disse que não, depois falou que a mãe era quem batia, e que o pai nunca batia nos filhos. E acrescentou em risos *“Agora minha mãe era mais [de chamar a atenção]”*. No tocante a religiosidade dos pais da artista, ela informa que não eram religiosos, mas sua avó era muito religiosa, ao passo de ensinar orações e ir à igreja. Segundo declarações de D. Judite:

[...] minha avó era uma santa... Ela ensinava, encaminhava a gente para a igreja,... ensinava as orações... a gente não faltava a uma missa, uma festinha de igreja, tudo... e vivia ali aos domingos e ninguém faltava a uma missa e os ensinamentos dela... ela não queria certas coisas... ao ponto de dizer: “isso é pecado, não se faz” e tudo era assim... [risos]... as minhas irmãs, quando começaram a ficar mocinhas, e quiseram usar o primeiro batom ela não consentiu, nem pintar as unhas, nada, porque era pecado. (Entrevista com D. Judite, 11/02/2020)

Neste sentido, percebemos a educação rígida e ativa, que muitos praticavam em casa e que até hoje, demonstramos, mesmo sem perceber, a nossa cultura, os nossos valores, herdados pelos nossos familiares. Da avó de D. Judite, algo ficou consigo. A religiosidade pareceu atravessar o tempo, acompanhando-a nos rastros por onde passou, de família tradicionalmente religiosa, Judite participava de movimentos da igreja e apreciava as obras sacras com muita admiração.

Segundo Graça (2012)²⁷, na escrita de sua dissertação (2012), comenta que, nas primeiras décadas do século XX, Estância vivenciou o indício da primeira intervenção católica promovidas pela diocese de Sergipe, para ampliar a fé católica na região sul do Estado, através da educação. A sociedade estanciana, foi privilegiada com um desses polos irradiadores de civilidade e fé – o ISCJ (Instituto Sagrado Coração de Jesus) que, ao longo das décadas ofereceu o ensino primário, Normal, Normal Regional, Ginásio e Pedagógico, buscando educar, civilizar e formar as moças da cidade para atuarem como donas de casa e professoras, imbuídas da fé católica e dos bons predicados que seriam, por natureza, inerente ao sexo feminino.

Esses apontamentos sobre a civilização religiosa em Estância, no século XX, nos levaram a perceber a influência da fé católica, tradicionalmente passada de pai para filho na família de Judite, na qual, a mesma ressaltou em relatos concedidos por meio de entrevista, que sua avó ensinava muito a rezar e frequentar as missas, e a artista Judite Melo foi imbuída dessa religiosidade, e a sua participação em corais da igreja, dramatizações religiosas e quermesses, levam significados que marcaram seu percurso artístico.

²⁷ Rogério Freire Graça, autor da dissertação :**Civilidade e formação de professoras**: um mosaico do ensino normal regional do Instituto Sagrado Coração de Jesus (Estância-Se), 1949-1955 / Aracaju, 2012.112 p.

Episódio 2 - Da lição à palmatória, a artesã Judite Melo

Recompor a totalidade de uma história é saber coletar retalhos de tempo a serem costurados e nessa tessitura, como pesquisadora, conto com indícios de tempos passados, que podem ser reinterpretados no momento presente na perspectiva de recompor o percurso formativo da artista em questão. Neste viés, ensaio sobre a educação feminina, no século XX, no qual a artista Judite Melo vivenciou a nível Brasil e sua cidade natal (Estância).

No Brasil, país historicamente marcado pelo patriarcalismo, homens e mulheres nem sempre tiveram/têm os mesmos direitos. O acesso à educação formal é um dos exemplos disso. De acordo com Ribeiro (2003), na obra *História da Educação Brasileira: a organização escolar*, a educação feminina era restrita aos cuidados com a casa, o marido e os filhos. Cabia aos filhos homens à instrução, por serem responsáveis pelos negócios da família e poder continuar os estudos em terras portuguesas. As mulheres – brancas, ricas, negras e/ou indígenas - não tinham o direito à leitura e à escrita.

A formação feminina da década de 1950, na cidade de Estância, colocava o papel principal da mulher veiculado ao lar e à família, acrescentada da vocação da mulher para o matrimônio. Desse modo, a formação para a atuação doméstica era um cartão de visitas, nessa década, para aquelas que pretendiam se casar e constituir família, pois eram requisitos para serem indicadas e posteriormente escolhidas pelos familiares dos futuros pretendentes.

A educação de Judite Melo não difere do que está posto no contexto histórico mencionado acima, as marcas gravadas na sua memória, são as experiências do vivido, que compartilha e transmite um significado profícuo na sociedade.

A artista ressalta que seu irmão fez parte do seu aprender, na época, ele foi seminarista, mas não conseguiu concluir o curso de seminário, pois naquele tempo fechou o seminário menor em Aracaju, e ele não pode continuar, pois teria que se deslocar para Maceió ou Salvador e como o custo era alto, desistiu. Segundo D. Judite “naquele tempo não tinha ajuda, assim como tem hoje de vocações sacerdotais, não tinha [...] com isso, ele não conseguiu”. Ao rememorar este fato, Judite informa que:

Meu irmão, tinha uma escola na rua da igreja do Amparo, na praça 7 de setembro, era uma casa grande, me lembro bem. Naquela época era uma casa com 2 salas assim de frente [...] e meu irmão fundou o colégio Dom Domingos Quirino. Ensinava numa sala e minha irmã, com as meninas em outra, sabe? Eu estudava ali com eles. (Entrevista com D. Judite, 11/02/2020)

A alfabetização de D. Judite, inicialmente, foi nessa escola. Segundo ela “Eu não queria estudar ali, porque meu irmão [risos] me batia muito [risos]. Quando eu dizia que não queria ir, ou errava uma lição [...] naquele tempo as lições eram decoradas... quando a gente não sabia uma lição [...] aí era a mão à palmatória [risos]. (Entrevista com D. Judite, 10/08/2018).

A execução de cópias, ditados, cálculos numéricos e leituras faziam rotina no dia-dia dos aprendizes e como não bastasse, ainda existia a palmatória que apresentava aflição, a presença do mestre punitivo, para aqueles que não realizassem as tarefas diárias, que gerava tensões, que ainda hoje há quem se recorde com aperto no coração.

Em meio às atividades escolares do dia, Judite desenvolvia práticas de escritas extracurriculares, a exemplo criação de versos com temas de saudades (predileto da artista), encenava teatro, fazia declamações e recitações em festas religiosas da cidade natal, brincadeiras, jogos, adaptar letras e melodias musicais para compor modinhas, distrair-se em sonhos juvenis e outras iniciativas que expressavam o seu modo de vida juvenil, pois na sala de aula, não era lugar de distrações nem de materialização do mundo de sonhos e aspirações juvenis.

Ainda recorrendo ao relato de Judite no colégio Dom Domingos Quirino, é notório a presença das vertentes de segregação reproduzida nos espaços educativos, que funcionavam na maioria das vezes na casa dos professores, sala de menino, sala de menina, brincadeira de menino, brincadeira de menina; as questões de gênero presente não propiciavam discussões, os professores não permitiam a inter-relação entre os sexos, bem como a prática dos princípios de igualdades, uma vez que o próprio sistema educacional reproduzia os padrões patriarcais da época.

Muito embora as narrativas apontem para a questão do gênero, feminino e masculino, a pesquisa se desenvolve sob a ótica do autor Pierre Bourdieu, em sua obra “A Dominação Masculina” (1995) o autor destaca que, não trabalhou com um

conceito de gênero propriamente dito, mas o pensamento sobre o masculino e o feminino. Para ele, a dominação masculina seria uma forma particular de violência simbólica, assim, Bourdieu compreende o poder que impõe significações, impondo-as como legítimas, de forma a dissimular as relações de força que sustentam a própria força.

Desse modo, o sociólogo quis dizer que, é a manutenção de um poder que se mascara nas relações, que se infiltra no nosso pensamento e na nossa concepção de mundo. Para o gênero, essa visão é rica, afinal de contas, não estamos discutindo justamente as maneiras marcadas por relações de poder de conceber o masculino e o feminino? Tanto é verdade que, Bourdieu denuncia um modo de pensar pautada pelas dicotomias e oposições. além de enfatizar que essas concepções “invisíveis”, que chegam a nós, nos levam à formação de *esquemas de pensamentos impensados*, ou seja, quando acreditamos ter a liberdade de pensar alguma coisa, sem levar em conta que esse “livre pensamento” está marcado por interesses, preconceitos e opiniões alheias.

O sociólogo afirma ainda, que uma relação desigual de poder comporta uma aceitação dos grupos dominados, não sendo necessariamente uma aceitação consciente e deliberada, mas principalmente de submissão pré-reflexiva.

Em decorrência disso, a própria socialização dos corpos estaria tingida por essas ideias. Segundo Bourdieu (1995, p. 156), realça que: “um corpo politizado, ou se preferimos, uma política incorporada. Os princípios fundamentais da visão androcêntrica do mundo são naturalizados sob a forma de posições e disposições elementares do corpo que são percebidas como expressões naturais de tendências naturais.”

Nesta perspectiva o autor defende que, a biologia e o corpo seriam espaços onde as desigualdades entre os sexos, aqui resumidas na ideia de dominação masculina, seriam naturalizadas. Essa noção nos remete à Joan Scott em seu artigo: *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* (1995), publicado originalmente em 1986 e Judith Butler opera de forma similar em *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2010), conjunto das feministas pós-estruturalistas ,as quais conceituam gênero falando de uma perspectiva construcionista social altamente influenciada por Foucault – destacam, que tanto

sexo, quanto gênero são, em primeiro lugar, formas de saber, conhecimentos a respeito dos corpos, das diferenças sexuais, dos indivíduos sexuados.

Em sequência ao tocante do ensino no Brasil, a partir da Reforma de 1911, no governo de José Rodrigues da Costa Dória, o Estado inaugura o modelo dos grupos escolares, enquanto nova proposta de organização do ensino primário, a qual aprimorou o ensino normal e o ensino primário, que passou a ser ministrado em escolas isoladas e grupos escolares. Os grupos, entre outros aspectos, ficaram conhecidos pela monumentalidade de seus prédios, o que os levou a serem chamados na época pelos sergipanos de *Templos de Sabedoria* (AZEVEDO, 2003).

A implantação dos grupos escolares incorporava o projeto político civilizador da República e a possibilidade de corrigir as deficiências das escolas isoladas, consideradas ineficientes, com precário atendimento, e vulnerável ao poder político local dos municípios e povoações onde eram situadas.

O Estado de São Paulo foi o pioneiro na implantação dos Grupos Escolares, e exerceu grande influência na educação de Sergipe por ser, nesse período, considerado a vanguarda da educação nacional. Os Grupos Escolares se configuravam como modelo de organização escolar que se diferenciava da escola isolada por proporcionar em um só prédio, ensino graduado com classes homogêneas e vários professores. Em Estância, Judite informou que estudou no grupo escolar Gumercindo Bessa, fundado em 1923 [...] ali eu estudei, quando saí, não prosseguir mais nos estudos, estudei até a quarta série, naquela época. Rememora a vivência escolar com a professora Elci Lima de Macedo, e completou dizendo que:

Ela me adorava e eu a adorava [...] que professora!”. Disse ainda que não levava muito bolo como o irmão dava. A artista sacra ainda relata que: [...] “eu na escola, eu era a primeira em tudo [...]”. No meu tempo... [risos] era até o 4º ano que a gente fazia, não tinha nem 5º ano, nós chamávamos de 4º ano. Dali a gente já tirava o diploma e pronto, terminou os estudos, a não ser que a pessoa fosse estudar mais, aí teria que ir para Aracaju, para se formar em professora. (Entrevista com D. Judite, 11/02/2020)

Neste viés, é importante destacar que a criação dos Grupos Escolares correspondia a uma nova organização do ensino primário, que passava a ser

considerada um curso próprio com modelo de escola graduada. Deste modo, a escola diferenciava-se, a partir de então, dos lares dos alunos e dos professores, vieram com “escolas isoladas” para estabelecimentos de ensino.

O ensino primário para as mulheres, era considerado básico, mas necessário e suficiente para a formação destas, voltada para as ocupações do lar, acrescido noções de ensino moral, religioso e doméstico. Acrescento ainda que os Grupos escolares desta época foram marcados pelos pressupostos do higienismo, para evitar problemas como a disseminação de doenças, devido ao espaço público de grandes movimentações das pessoas, a proposta pedagógica sintetizava o discurso da saúde pública estava na pauta de prioridade dos governantes republicanos, como bem expressa Helvécio de Andrade de 1913, ao declarar que “defender a saúde é empregar todos os meios aconselhados pela ciência para evitar as moléstias” (ANDRADE, 1913, p.107).

Como se pode perceber, o aprendizado não era mais uma questão atenta de exclusividade para professores, médicos, políticos, engenheiros, a sua inserção, estava nas discussões a respeito do ensino. Como dito anteriormente, Judite Melo estudou até a 4ª série, finalizando seus estudos primários, não optou em seguir estudos para tornar-se professora, mas uma mulher que intercalou suas tarefas e começou sua jornada de trabalho, garantindo o auxílio do custeio familiar, dedicou-se a arte, enfrentou muitas barreiras, pois testemunhava um período que mesmo após tantas conquistas femininas nos anos 60 e 70, era difícil imaginar, que vivenciava uma época em que as mulheres eram proibidas de estudar artes plásticas, porque eram consideradas incapazes para tal; a mulher era aceita como musa, objeto de desejo do olhar masculino, mas não como criadora, agente ativa que olha e coloca em forma o que deseja. Segundo Perrot (2009):

Escrever foi difícil. Pintar, esculpir, compor música, criar arte foi ainda mais difícil. Isso por questões de princípio: a imagem e a música são formas de criação do mundo. As mulheres eram impróprias para isso. Como poderiam participar dessa colocação em forma, dessa orquestração do universo? As mulheres podem apenas copiar, traduzir, interpretar. (PERROT, 2009, p.101)

No Brasil, segundo Simioni (2008):

Durante o século XIX, a arte parecia ser uma profissão exclusivamente masculina. Os interessados formavam-se na

Academia Imperial de Belas Artes, onde adquiriam os conhecimentos necessários para se tornarem artistas e, posteriormente, viverem de suas classes e das encomendas oficiais e privadas que, vez por outra, aconteciam. As poucas mulheres que ousaram ingressar nesse sistema dominado pela academia eram julgadas por seus pares de modo pejorativo, como amadora. (SIMIONI, 2008, p.29)

O estudo das mulheres artistas começou a ser possibilitado em 1881 quando o Liceu de Artes e Ofícios, criado em 1857, abriu suas portas às mulheres. Na tradicional Escola Nacional de Belas Artes às mulheres só foram aceitas como alunas em 1893. A opção, portanto, era muito semelhante às das artistas francesas: estudar com algum homem artista com o qual elas tinham ligação, familiar ou amorosa, ou no Liceu.

Neste interim, é perceptível a desqualificação da mulher artista impossibilitou-a de fazer parte da história da arte do século XIX. E foi assim, que tantas outras artistas mulheres, sejam brasileiras ou europeias, não constavam nos livros de história ou em qualquer mídia especializada. Essas artistas caíram no esquecimento por muito tempo, a ponto de no Brasil considerarmos a presença da mulher nas artes plásticas apenas a partir da Semana de Arte Moderna de 1922, com Tarsila do Amaral e Anita Malfati. Em contrapartida, com o advento da Segunda Guerra Mundial, a presença feminina nos espaços sociais fortifica-se e as mulheres começaram a inserir-se no campo de trabalho formal, não sendo mais apenas as rainhas do lar, mas uma mulher com novos conceitos, capazes de criá-los e interpretá-los.

Nos anos 60, o movimento feminista se fortalece: as mulheres reivindicam a liberdade sexual, a liberdade do próprio corpo e a liberdade de expressão. Surgem autoras discutindo o papel da mulher na sociedade, com destaque para a obra *Segundo Sexo*, da filósofa francesa Simone de Beauvoir. (1967) possibilidades de independência para a mulher a partir do trabalho em condições de igualdade, do controle da natalidade, a possibilidade do prazer, o direito ao aborto, isonomia de direitos e igualdade salarial.

O fato de ser um ser humano é infinitamente mais importante do que todas as singularidades que distinguem os seres humanos; não é nunca o dado que confere superioridades: a "virtude", como diziam os antigos, define-se ao nível do "que depende de nós".

Em ambos os sexos representa-se o mesmo drama da carne e do espírito, da finalidade e da transcendência; ambos são corroídos pelo tempo, vigiados pela morte, têm uma mesma necessidade essencial do outro; podem tirar de sua liberdade a mesma glória; se soubessem apreciá-la não seriam mais tentados a disputar-se privilégios falazes; e a fraternidade poderia então nascer entre ambos. (BEAUVOIR, 1967, p. 497)

Para a autora, independe de ser homem ou mulher, ambos devem buscar a fraternidade em suas diferenças. É válido destacar que ainda hoje, sessenta anos depois da publicação do *Segundo sexo*, suas palavras ainda reverberam e as mulheres ainda lutam por princípios de igualdade de direitos.

A mulher artista conquistou seu espaço, definitivamente no século XX, nas décadas de 60 e 70, e perpetuou essa igualdade nas décadas seguintes. Ao longo das primeiras décadas do século XX, todas as controvérsias, propostas e ideias relacionadas com a discussão do papel social e das condições de vida das mulheres brasileiras, delimitaram o que então se convencionou chamar de a *questão feminina*.

A vida das mulheres, também se viu afetada pelo avanço contínuo da economia de mercado no Brasil, que desvalorizava a produção doméstica, levando à queda do valor econômico do trabalho feminino realizado em casa. Contudo, as transformações econômicas, políticas e culturais do início do século XX franqueavam às mulheres (principalmente para as que viviam no meio urbano) maior participação no mundo público, dando ensejo, por exemplo, à formação de organizações feministas que lutavam em prol de melhores condições de vida para as mulheres.

Muitos foram os personagens de Judite Melo, em um só corpo, mulher, mãe, esposa, artista, dotada de uma rotina comum, que fez de sua existência, uma reflexão no modo de pensar o lugar da mulher na sociedade. E no século XX, então! O modelo de sociedade imposto era defensor da ideia de mulher dependente, dócil, sentimental, destinada a preparar-se para o casamento. Mas Judite contrapôs a este modelo, nos relatos das entrevistas realizadas, expõe que a dedicação de sua arte, concedeu sua participação ativa na rede de relações que começava a tecer. Acrescenta ainda, que se dedicava a arte com tamanha afinidade e prazer que não percebia o tempo passar.

É válido destacar que no meado do século XX, praticamente as únicas mulheres que se dedicavam ao trabalho extra doméstico além das professoras, eram

as operárias das indústrias têxtil, de confecções e alimentícias, vindas das classes mais necessitadas economicamente da população.

Além de trabalhar de forma remunerada quando necessário, esperava-se que a mulher não deixasse de ser uma boa dona de casa, com a limpeza da roupa, o preparo de alimentos, cuidado de animais domésticos. Ainda se esperava delas o gerenciamento das despesas e a economia derivada do ato de confeccionar as roupas próprias e da família, além da roupa branca e chapéus. E os trabalhos manuais podiam servir como fonte de renda.

Além disso, as profissões relacionadas a extensões da maternidade como a pedagogia, a educação, a enfermagem, a medicina, sobretudo a pediatria e a assistência social, de mesmo modo constituíam possibilidades de triunfo para “mulheres normais”, as atividades artísticas, o bordado e a costura, permitindo novas roupagens para as mulheres que buscavam participar cada vez mais da vida pública.

A história de vida de Judite Melo, foi pautada numa mulher sempre em movimento, portadora de um discurso próprio de saber-fazer, a artista ao relatar recortes de vida de uma experiência vivida, corroborou com a sociedade nos diversos entendimentos sobre a mulher, a arte, a educação nos diversos âmbitos, principalmente num lócus de pesquisa como este, a qual demarca sua identidade. A artista após seu matrimônio e grávida de seu primeiro filho, descobre o trabalho artístico como mantenedor dos seus dias, ao reparar uma imagem quebrada do Menino Jesus.

O fazer artístico de Judite Melo, contribuiu para a educação, no sentido de formar pessoas que concedem um olhar para arte, como elemento importante na reprodução de valores educativos, religiosos, morais e culturais, não só para os conterrâneos estancianos, como para o mundo. A versão desta mulher artista, pouco a pouco mulheres começou a inserir-se no campo de trabalho formal, mas é com o advento da Segunda Guerra Mundial que a sua presença se fortificou. Elas não eram mais apenas as rainhas do lar. Saíram para trabalhar e, conseqüentemente, começaram a reivindicar mais direitos.

Segundo Duarte (2003), em sua obra “Feminismo e literatura no Brasil”, a autora destaca que neste período (século XX), foi propício para o florescimento de um novo tipo de mulheres, que se espelhavam em artistas de vanguarda e membros de uma elite, a quem tudo parecia permitido. Ecoando os comportamentos liberais dos artistas de vanguarda, outras mulheres, trabalhadoras em sua maioria, foram se

posicionando de forma mais crítica frente às imposições normativas de seus papéis sociais.

Os estudos vêm demonstrando que o ingresso da mulher no mundo das Letras passou pela história da alfabetização, leitura e escrita. O estudo de Santos(2016), *As Mulheres de Posses: a instrução dos órfãos menores na capitania de Sergipe Del Rey no século XVIII*, pretendeu desvelar o modo através do qual as mulheres de posses viabilizaram, nos anos setecentos, a instrução elementar dos seus órfãos menores na ocasião da morte dos patriarcas da família (maridos).

Teve como objeto o enfoque nas mulheres de posses da Capitania de Sergipe Del Rey. O estudo de Santos (2016), ainda contribuiu para desmistificar a noção relativista que se tinha a respeito da instrução das mulheres até o século XIX. Até então, acreditava-se que as mulheres não tinham instrução sobre a escrita até o século XIX, tendo que assinar seus documentos a rogo (recorriam a outro para assinar por elas, por não saberem ler nem escrever). Contudo, Santos (2016) apresenta três casos em que as mulheres, não apenas assinavam, mas também escreviam inventários completos todos redigidos a próprio punho das inventariantes.

A mulher, no período colonial, tinha uma imagem de uma mulher reclusa e submissa, imagem essa que estava cristalizada na historiografia. E o estudo sobre as mulheres de posses se contrapõe a imagem da mulher colonial, pois as mulheres de posses da Capitania de Sergipe del Rey, com o falecimento dos seus maridos, acabavam assumindo o comando familiar, firmando se como representantes familiares, comandando os escravos, administrando os engenhos, negociando os seus produtos e viabilizando a instrução de seu filhos, órfãos menores. Contudo, não se tratava de um matriarcado, estava mais para um “patriarcado de saias”, pois todo o modelo de estrutura do patriarcado era mantido e assegurado por meio do sistema da época.

Tendo em vista este estudo sobre a historiografia das mulheres desta época, complemento a discussão com a obra, *Um teto todo seu*, de Virginia Woolf, na qual discute também, em que medida, a posição que a mulher ocupa na sociedade acarreta dificuldades para a expressão livre de seu pensamento, para que essa expressão seja transformada em uma escrita sem sujeição e recebida com consideração, em vez de indiferença. Woolf empresta a este ensaio a linguagem autêntica e lírica que lhe é tão particular e que fez de seus romances obras-primas da literatura.

Esta edição traz também uma seleção de trechos dos diários da autora, uma cronologia de sua vida e obra e um posfácio escrito pela crítica literária Noemi Jaffe, na década de 1920, Virginia Woolf, já então uma escritora de renome, é convidada a palestrar em duas faculdades inglesas exclusivas para mulheres, o que mais tarde daria forma ao presente ensaio.

A partir do tema *As mulheres e a ficção*, Woolf elege como foco de sua exposição a tradição imperativa do patriarcado, descortinando em que medida a falta de recursos financeiros e de legitimidade cultural a que as mulheres eram submetidas compunha um cenário desencorajador para que elas escrevessem ficção. Woolf utiliza uma parcela de fantasia para tratar de uma questão por demais real – a assimetria dos papéis sociais destinados à mulher e ao homem, que recebiam atribuições e privilégios bastante distintos.

A escritora propõe uma hipótese perspicaz: se Shakespeare tivesse tido uma irmã de igual talento, teriam os dois as mesmas possibilidades de trabalhar com seu potencial criativo? A proposição nos conduz a pelo menos dois questionamentos mais pungentes: como o papel social destinado à Judite Melo pode ter interferido no desenvolvimento de alguma habilidade por vezes nata? Ou melhor, fosse a artesã Judite Melo um homem, teria obtido mais oportunidades de desenvolver e projetar ainda mais a sua arte, além de também não ter sido silenciada? Há aqui uma questão aberta que pode ser indagada em momento oportuno.

Esta obra adéqua-se no contexto da pesquisa em desenvolvimento pelo fato de que, no mesmo período que Judite Melo começou a trabalhar, as mulheres não trabalhavam fora, pois deveriam se preparar para o casamento. No entanto, devido às circunstâncias que a vida lhe apresentou (recente desemprego do marido, por exemplo) fez Judite iniciar sua arte sacra do barro para o sustento familiar. E a arte sacra, concedeu à Judite um meio de projeção e divulgação da cultura local (estanciana) e também fora do estado sergipano.

O contexto histórico e social possibilita a compreensão dos fatos, de forma que a mulher não é mais um ser a parte, ela está incluída em um dado momento histórico e faz parte de um contexto social específico do seu tempo.

Outra obra que contribui para este estudo foi: “Emily Dickinson: irmã de Shakespeare” Hall (2008), na qual apresenta uma análise de alguns poemas de Emily Dickinson, sob a perspectiva feminina, de uma mente constantemente arraigada de inquietações, em se opor aos padrões tradicionais da linguagem, para

criar algo novo em que pudesse se realizar como artista não reconhecida em seu tempo.

Dickinson, viveu numa sociedade que cultivava a ideologia da domesticidade, que esperava que as mulheres se submetessem incondicionalmente aos desejos e às necessidades dos homens, já que eles representavam o poder no lar, na igreja, na política e na economia. Sua poesia deve ser abordada sem os estereótipos que impedem o resgate sociocultural e estético de sua obra. Havendo sido desencorajada de publicar por não se adequar aos padrões literários femininos de sua época, ela apresentou de maneira oblíqua muitas das ideias que desejava expressar, optando assim por preservar sua integridade poética num mundo em que a criatividade e a independência eram negadas às mulheres.

Em seus poemas, podemos ler uma tensão contida, gerada pela opressão a que as mulheres se viam compelidas. Ao utilizar uma linguagem original e concisa, constituída de imagens impactantes e metáforas particulares, Dickinson inaugurou um novo estilo poético que é aberto a muitas possibilidades de interpretação. Portanto, em virtude da forma diferenciada com que escreveu, não pode ser rotulada como poeta representativa da tradição literária feminina de sua época, que era voltada para o gosto popular e se apresentava evada de conservadorismo e sentimentalismo.

Judite Melo, semelhante a Dickinson, não teve tanta liberdade para escrever, por isso mesmo, ela se escondia longe para poder fazer os seus versos.

Dickinson, apesar de ter tido mais fácil acesso aos livros, foi a *Judith* do século XIX, que somente pôde desenvolver sua criatividade poética à custa de um confinamento que lhe conferiu a liberdade de escrever e de se afastar da rotina doméstica que um casamento necessariamente lhe imporá. Seu estado de rebeldia também a levou a se recusar a publicar conforme os padrões exigidos para as mulheres escritoras. Do seu isolamento, entretanto, Dickinson se correspondia intensamente com seus familiares e amigos. Helen Hunt Jackson também lhe escrevia, mas, diferentemente de Dickinson, ela se destacou na cena literária feminina do século XIX por especializar-se no estilo sentimental em voga. [...]

A precisão em tornar suas elaborações imprecisas, as inversões de significado, a leveza e a concisão de ideias, as alternâncias de perspectiva de um mesmo objeto, as imagens encantadoras e, por vezes, chocantes, a linguagem abrasiva e as afirmações ambíguas foram alguns dos ingredientes que

transformaram sua poesia em fonte de estudo inesgotável. Seus poemas são como um labirinto de várias entradas; o difícil é encontrar o caminho que esconde as respostas para seus enigmas (HALL, 2008, p. 50).

Assim como Dickinson, Judite encontrou na sua arte, o talento, em meio a uma sociedade de característica patriarcal, coletou seus saberes, desenvolveu de forma única a sua arte, o qual permitiu também, criar sua rede de sociabilidade ,assegurando visibilidade e reconhecimento da Arte, História e Vida de Judite Melo para a História de Educação em Sergipe.

Episódio 3 - Feia

A espontaneidade do brincar de Judite Melo, na década de 40, proporcionava um meio de estabelecer aprendizagem, além de contribuir para a interação do indivíduo na sociedade, e de proporcionar momentos agradáveis, dando espaço à criatividade, conforme Oliveira (2000) pontua:

O brincar, por ser uma atividade livre que não inibe a fantasia, favorece o fortalecimento da autonomia da criança e contribui para a não formação e até quebra de estruturas defensivas. Ao brincar de que é a mãe da boneca, por exemplo, a menina não apenas imita e se identifica com a figura materna, mas realmente vive intensamente a situação de poder gerar filhos, e de ser uma mãe boa, forte e confiável. (OLIVEIRA, 2000, p. 19)

Nas narrativas das histórias de vida, é saudável voltar ao tempo e se imaginar nas brincadeiras que faziam parte da infância. As brincadeiras de criança expressadas por D. Judite deflagram este ambiente saudável e puro da infância. Para Kishimoto (2002, p. 143), - ao brincar, a criança não está preocupada com os resultados. É o prazer e a motivação que impulsionam a ação para explorações. A referida autora acrescenta ainda que - As brincadeiras de faz-de-conta são mais duradouras, com efeitos positivos no desenvolvimento, quando há imagens mentais para subsidiar a trama. (Ibid., p.150). Assim, a artista rememora:

Sempre brincava[...] ali onde hoje é o Sesp[...] antes de fazerem o Sesp, era a casa[...] como é? [...] da criança que era[...] o lactário, foi

Leopoldo Araújo quem fez. Ele era o prefeito nessa época, o pai de seu Raimundinho, que também foi prefeito de Estância. E ali tinha um campo, brinquedo da criança[...]tinha tudo, escorregadores, cordinhas para a gente pular, o campo para jogo, a rede pra jogar voleibol. eu joguei muito voleibol ali. A gente fazia o time das meninas, das mocinhas e vinha às vezes os rapazes de Estância, que estudavam em Aracaju no Atheneu, quando estavam de férias, e formavam o time deles e a gente terminava jogando com eles. Eu era fã de uma bola, gostava de jogo, que nunca vi[...] [risos]. (Entrevista com D. Judite, 11/02/2020)

Portanto, nas atividades com jogos e brincadeiras, ou seja, nas atividades lúdicas, ocorre uma troca de saberes, do mesmo modo que determina o comportamento de cada indivíduo (KISHIMOTO, 2011).

Ainda nessa perspectiva e de acordo com os *Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil* (RCNEI):

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais. (BRASIL, 1998, p. 22)

Os relatos orais de D. Judite, corroborou com as lembranças que cercam a vida da artista, e a forma de como ela falava, valorizando cada detalhe, pausando e sorrindo, e nesse sentido (BENJAMIN, 1995) pontua:

A lembrança é a relíquia secularizada. A lembrança é o complemento da “vivência”, nela se sedimenta a crescente autoalienação do ser humano que inventariou seu passado como propriedade morta. No século XIX, a alegoria saiu do mundo exterior para se estabelecer no mundo interior. A relíquia provém do cadáver, a lembrança da experiência morta, que, eufemisticamente, se intitula vivência. (BENJAMIN, 1995, p. 72)

Resumidamente, Benjamin (1995) define “vivência” como um complemento da lembrança da experiência morta (passada, esquecida na memória). E assim, torna-se cada vez mais marcante o entusiasmo, em que a artista sacra demonstra em falar do seu passado, lembrando e fazendo reviver estes momentos. Quando falo em entusiasmo, remoto ao relato de Silva (2016), quando ele aborda sobre a essência

da vida, ou seja, o autor enfatiza que é preciso ter vivido as experiências, para senti-la com tanta intensidade e destaca:

[...] assim só podemos compreender a vida se a vivermos intensamente, no movimento da cotidianidade, temporalidade e espontaneidade. É nesse tripé que a ideia de trajetória, neste trabalho, se fundamenta, visto que se constitui por uma essência de movimentos que a vida nos proporciona e que vão sendo cristalizados na medida em que vamos produzindo sentidos para cada movimento vivido. (SILVA, 2016, p. 118)

Ainda sobre a narrativa de sua infância, D. Judite acresce:

Era menina, meu irmão não queria que andasse de bicicleta, mas tinha um gringo chamado Elias Gringo [...] hoje onde ali [...] como é que diz? Aí meu Deus [...] onde bota carta? Tem horas que foge assim, do correio. Onde é o correio era uma casa antiga, e tinha uma sala muito grande, era cheia de bicicleta eu ainda não sabia andar direito de bicicleta, mas andava pelo comércio e ao redor [risos] por ali tudo. Descia com tudo [...] e um dia ele estava consertando uma bicicleta lá eu entrei e fui me bater lá dentro [...] por cima dele. (Entrevista com D. Judite, 11/02/2020)

D. Judite registra, que tudo isso que fazia, era escondido da sua mãe, pois se a mesma ficasse sabendo, na certa a castigaria, e ainda enfatizou: “Ah! Meu Deus. E meus irmãos disseram: se eu pegar na rua numa bicicleta, eu derrubo e lhe dou uma surra no meio da rua [risos]”. Nesse momento eu exclamei dizendo que eles eram bravos, e D. Judite teve que deixar de andar de bicicleta.

Neste sentido, Silva adita que “[...] esses movimentos podem, são e devem ser compreendidos pelo próprio sujeito, quando este para e o reconstrói por meio de narrativas que vão tecendo em outro tempo e forma os sentidos de uma vida vivida e ressignificada” (SILVA, 2016, p. 118).

Aos 14 anos, Judite se referia a sua trajetória com muito *glamour*, época de sua adolescência; “Bicicleta [...] Dramas [...], as famílias faziam dramas, [...] representavam no cinema São João e no Centro Educativo Gonçalo Prado” (Entrevista com D. Judite, 10/08/2018).

A adolescência, nos mais diversos níveis socioeconômicos, é um momento em que as relações grupais desempenham um papel fundamental, seja para fortalecer o jovem na construção de novas referências, seja para consolidar os modelos por ele experimentados. A formação de grupos na adolescência sinaliza que as relações

horizontais têm um papel fundamental na construção do sujeito, sendo o grupo fraterno indispensável para o descolamento da relação com os pais e familiares.

Nos andarilhos da mocidade, muda-se os tempos, e as coisas, agora era a vez dos dramas. As encenações, na década de 30-40, segundo D. Judite, chamavam de arte da dramatização. Na sequência, abordava que apresentavam, dramas, comédias, ensaiadas pelo senhor Vilanova. “[...] Ele era músico, era um senhor de idade [...] pai de João Pitanguieira [...] morava lá na minha rua, sabe? E as pessoas que fazia parte na peça, iam todos na hora certa [...] tinha os ensaios [...] até chegar o dia da peça” (Entrevista com D. Judite, 13/02/2020).

A apresentação, segundo a artista “[...] era no cinema, faziam os bastidores, gastavam com os cenários [...] tudo direitinho, sabe? A gente se vestia direito [...] as roupas [...]... ali tinha a parte de canto que [...] muita coisa eu já cantei [...] cantei samba [...] tudo”. (Entrevista com D. Judite, 13/02/2020).

Nessa época, D. Judite afirmou que já estava uma mocinha e tinha uns 14 anos de idade. Ela narrava a sua própria história com muitas lembranças, segurança e convicção da certeza de que verdadeiramente passou por tudo que revelava. E eu ficava fascinada, com tudo que ela revelava do mais profundo de suas lembranças.

Assim, em meio a participar das lembranças vividas de D. Judite, conduzi o relato daquilo que somente até então, ela se sentia à vontade para falar, e meu papel naquele momento de ouvir, argumentar e compreender cada passo daquele momento ímpar, que era participar de suas revelações ou narrativas de sua vida. D. Judite relata sobre um drama experimentado, naquela década:

Eu era fascinada para representar um drama, foi quando me convidaram para fazer parte num drama, o papel principal era o meu. O primeiro que eu fiz foi um drama assim de [...] Santos Pequenos Mártires [...] eu fiz o papel de Aquilina Virgem Mártires [...] no drama eu morria degolada [...] era presa e degolada no final, não gostei dessa peça. E as outras foram comédias, pra mim a melhor das peças foi Feia [...] essa sim, foi uma grande peça. Um drama longo que tinha tudo, era completo [...]. (Entrevista com D. Judite, 13/02/2020)

De acordo com a artista sacra em questão, sua participação nos dramas, comédias e encenações religiosas, eram eventos rotineiros na sua mocidade, como não bastasse ainda fazia parte do coral da igreja. D. Judite realça:

Eu gostava [...] gostava muito dessas representações. E era bem aplaudida. Nesse drama chamado **Feia**, fiz o papel da moça feia, eram três irmãs [...] [risos]. Ela mandou fazer um nariz para colocar, para ficar feia [...] porque eu era mocinha, mas era engraçada [...] ela diz [...] “Assim você não é feia, tem que demonstrar que você é feia”, dizia as outras participantes do drama. Foi feito um nariz mesmo [...] que deformava assim meu rosto um pouco. Aí antes de entrar em cena eu peguei o nariz, cheguei no fundo do palco e atirei lá no fundo [...] no quintal [...] no cinema São João [...], que as outras colegas de cena questionaram: [...], “mas Judite pra que fez uma coisa dessa?” [...] “Você agora está igual as outras [...] como irá fazer diferença agora? [...] aí eu dizia, eu sou feia... porque eu me achava feia, mas o povo dizia que não era [...] [risos] é assim [...]. (Entrevista com D. Judite, 13/02/2020, Grifo meu)

No decurso da entrevista, questioneei a artista Judite Melo sobre a pertinência de Teatro em Estância. A artista relatou que tinha, e que grandes artistas de fora ocupavam o palco do Centro Educativo Gonçalo Prado e Cine São João - cinemas que durante décadas exibiram os melhores filmes da época - circos e ainda recebia as companhias teatrais, garantindo assim, a diversão dos estancianos. O Teatro foi uma manifestação artística muito presente em Estância, era o meio de divulgação de valores morais e culturais da época. Nesse ensaio, D. Judite se lembrava de um filme que assistiu quando era mocinha, expondo com pura emoção nos olhos brilhantes:

Ah! Tinha filmes que [...] Ave Maria [...], mas naquele tempo, que era mocinha, passava filmes de faroeste [...] [risos] gostava muito [...] era muito danada [risos] e tinha aqueles filmes bons [...] aqueles filmes históricos [...] tão bonitos, daquela época [...] como eu assistia! “A Ponte de Waterloo” [...] que eu não esqueço [...] eu gostei muito [...] “Santa” [...] e muitos, muitos [...] naquele tempo tinha a “Sirlei Tamples”, Diana [...] essa Diana sumiu do cinema [...] mas como dizem [...] ela casou com um homem muito rico lá dos Estados Unidos e mandou até tirar filmes dela [...] não passa mais, sabe? [...], mas ô Diana linda [...] uma voz linda [...] eu gostava muito dela [...]. (Entrevista com D. Judite, 13/02/2020)

O filme *A Ponte de Waterloo* referenciado pela nossa entrevistada, narra a história romântica entre o oficial Roy e a bailarina Myra, que se conhecem em Londres, na Ponte de Waterloo, em meio aos bombardeios da Primeira Guerra Mundial e logo se apaixonam. Roy a convence a se casar com ele, mas quando tudo parece estar perfeito, ele precisa partir para o front de batalha, sem ao menos se

despedir da sua amada. Myra decide esperá-lo, e meses depois recebe a notícia da morte de Roy.

Nos relatos orais de D. Judite, era perceptível o fascínio que a artista expõe pelo teatro e a sua participação no desenvolvimento de algumas encenações, as quais fazia parte, o teatro era seu palco predileto e essa integração progressiva do sujeito e do ator busca proporcionar o entusiasmo, a valorização e o interesse pelo cotidiano, o pessoal, o privado, o familiar e suas representações e apropriações, repercute em diferentes disciplinas e campos do saber, mas especificamente no campo educacional.

Na opinião de Luís Aguilar (2012), a expressão dramática é um dos meios de *expressar* ou “fazer sair” o que temos no interior, dar forma e comunicação à expressão. Desse modo, a expressão dramática, segundo Aguilar, permite à criança melhorar a sua autoestima, tornar-se mais confiante e extrovertida. O jogo dramático inicia-se mesmo antes de a criança começar a falar ou a andar, é um dos meios de comunicação onde o corpo e a voz são os seus principais instrumentos. Nos jogos coletivos de expressão dramática a criança estabelece uma inter-relação com os outros elementos, desenvolvendo a sua capacidade relacional. Como refere o *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*, “O caráter lúdico do jogo dramático responde às necessidades primordiais do ser humano – a exteriorização de si no contexto da comunicação e da busca do prazer na construção da aprendizagem” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - MEC, 2001: 177).

Neste sentido, os dramas vivenciados pela comunidade estanciana, estimulavam os sentidos da criança proporcionando-lhe um melhor desenvolvimento da linguagem verbal e corporal, da capacidade de expressão, concentração, memorização, interpretação, desenvolvimento da percepção espacial, da coordenação motora e da capacidade de se relacionar com os outros, além disso, contribuíam também para a ampliação do conjunto de conhecimentos de âmbito cultural do ser; pois, os dramas funcionavam como uma forma de expressão dos jovens; ao tempo que despertavam para a arte, muitos artistas descobriram seus potenciais artísticos neste momento. Neste interim, a utilização das histórias de vida lembradas e contadas, estruturam as narrativas que tem se mostrado fértil para práticas e reflexões sobre a formação ao longo da vida, conforme Silva (2016) nos diz que:

Isso sugere que não se pode antecipar qual o peso que as experiências terão durante a trajetória de cada sujeito, principalmente, por não haver condições de se saber como as experiências são tomadas pelo sujeito, salvo pela produção de sua própria narrativa, em que se volta para si e por meio dela reconstrói o vivido em um novo tempo. (SILVA, 2016, p. 121)

Entende-se que D. Judite remota a algo que gostava muito de fazer, e que aquela época não retorna mais, a não ser por lembranças do tempo vivido. Contudo, foi possível perceber que lembrar das suas experiências vividas, lhe fez reviver no tempo. Ainda neste viés, Abrahão (2011), corrobora que as narrativas constituídas por recordações são trabalhadas com a intencionalidade de clarificar e ressignificar aspectos, dimensões e momentos da própria formação que afetam/afetaram os sujeitos da narração e que, reflexionados no momento narrativo, vão se revestindo de novo significado mais ampliado e esclarecido para o narrador.

Neste sentido, fica evidente que os autores Chartier (2010) e Abrahão (2011), realçam a importância de se trabalhar com as narrativas, tanto no âmbito do ensino como da pesquisa, a utilização, principalmente da linguagem oral e, no ensino, os memoriais escritos, ainda defendem que as narrativas têm o propósito de fazer a pessoa tornar-se visível para ela mesma, isto é, o reconhecimento e a reflexão do sujeito sobre si mesmo para melhor reconhecer-se como profissional.

Assim, as narrativas ora apresentadas e observadas à luz do que se pretende analisar neste estudo, inferem que a arte já fazia parte da vida de D. Judite desde a sua adolescência, nos seus relatos sobre filmes, dramas e trilhas sonoras.

Episódio 4 - Encantos e cantos: Italiana

Histórias vividas e contadas por D. Judite realçavam cada vez mais a vontade de revivê-las, assim que percebia como tal, dramatizar, encenar as peças com o seu melhor e assistir muitos filmes não saíam da rotina de vida da artista e como toda adolescente, não poderia deixar de preencher a lacuna do romance em sua vida. Neste sentido e com muito respeito, estimei a entrevistada para apresentar um breve relato da fase de namoro e expor o que se sente à vontade para enfatizar.

Não foi difícil, a artesã naturalmente foi retirando do seu baú de memória e narrou como se fosse naquele momento que tudo estivesse acontecendo novamente:

Quando saí da escola, minha irmã estava ensinando em uma fazenda, chamada Moinhos, sabe? E depois [...] ela... ela tomava conta de uma irmã paralítica que eu tinha... aí eu fui para o lugar dela... fui ensinar.

Mas isso na segunda guerra mundial, sabe? Isso eu... parece que era em 42... nessa época... foi nesse ano de 42. Eu ensinei lá. E um dos rapazes...[risos] ele era rapazinho novo... eu também tão novinha... ele se apaixonou por mim. Mas, eu naquele tempo... muito acanhada... e ele também, sabe? A família tinha aquele cuidado comigo, ele tinha um cuidado... tinha muita fruta... tinha uma parte que era sítio...ele... aqueles maracujás, laranjas, tudo... ele trazia aqueles mais bonitos... trazia... “eu vou colocar na mesa”... que era pra mim... [risos] [Telefone tocou...].

Ele tinha muito cuidado sempre me agradava com um presente, as irmãs dele quem arrumava minha sacolinha, tinha aquele cuidado comigo, era uma caixa de sabonete, era perfume, tudo que ele mandava colocar... [risos]. (Entrevista com D. Judite, 13/02/2020)

Deixar a entrevistada falar de si, sem interrupções para descobrir o que se passava naquelas lembranças. Sempre com sorriso nos lábios relembra: Eu tinha uns 15 anos, quando um rapaz se apaixonou por mim, naquela época não pensava em namorar e ele chorou muito, por não aceitar namorar com ele e foi embora para São Paulo; “a família dele queria muito o nosso namoro, chegou a me pedir para voltar; mas não queria casar e sabia que ele queria algo sério.”

A intensidade e peculiaridade das informações solicitadas para D. Judite, fazia rememorar lembranças que ela tinha em um profundo esconderijo do seu ser, e por trás disso se percebe um romantismo, pois em algumas vezes parece que gostava desse cortejo. Ainda no relato sobre a época dos namoros, D. Judite era muito cortejada, lembra a artista sobre outros paqueras:

[...] teve até um artista mexicano, que veio com um grande circo Merino, nessa época ele foi assistir o ensaio geral que a gente representou um drama, no Gonçalo Prado, hoje é a Rádio Esperança [risos] e para minha surpresa este rapaz ficou me apreciando, assistiu os dramas e não saía dos bastidores, conversava muito comigo e chamavam ele de “o mexicano ó”. Ele tinha uma voz encantadora. Certo dia fui ao circo e ele me apresentou como uma artista de muito prestígio [risos]. (Entrevista com D. Judite, 13/02/2020)

[...] outro admirador foi o cantor de breque (era um gênero musical derivado do samba) da Bahia, esse queria que eu estudasse escrituração mercantil e eu fui estudar datilografia, sabe? Porque ele disse: “eu ando assim pelo mundo e para você não sofrer mais tarde”. Queria casar comigo. Todo lugar que ele chegava, me

telefonava e eu era chamada para falar com ele. Mas, minha família não queria, de forma nenhuma. E quando eles foram embora, fizeram uma serenata, na minha porta, cantaram aquela trilha sonora chamada “Italiana “da novela “O Rei do Gado”, eles cantavam lindo, [...]Ave Maria... [risos]. Lembro bem que, minha família fechou a porta e retirou as chaves, pensavam que eu ia fugir[risos], eu não ia fazer uma coisa dessa! (Entrevista com D. Judite, 13/02/2020)

Assim, a história de vida é constantemente reorganizada e estruturada pelas nossas lembranças (o termo lembrança é tomado aqui como a capacidade humana para reter e guardar o tempo e as experiências, nas quais um sujeito pode passar ao longo de sua vida). A esse respeito, Brandão (2008) nos diz que:

[...] a experiência nos mostra que a partir da memória nas histórias narradas, e muitas vezes escritas, podemos, usando a linguagem, refletir, compreender, reorganizar e ressignificar essas trajetórias e projetos de vida-trabalho, nossas e de outros, articulando as memórias individuais e coletivas, dando-lhes um sentido-significado. Essa história que é nossa e dos grupos aos quais pertencemos, diz-nos quem somos, auxilia e fortalece nossa identidade, ilumina nosso caminho na busca de sentidos para o nosso ser-estar no mundo. (BRANDÃO, 2008, p.186)

Levando em consideração a concepção apresentada pelo autor, é possível pensar que a narrativa de D. Judite, constitui-se num espaço e tempo em que a artista, constrói sentido para as experiências por ela desenvolvidas, e disso ressignifica sua história de vida e torna perceptível que os conceitos de memória e narrativas, são elementos que favorecem a narrativa de uma história de vida.

Diante das narrativas, é perceptível a presença marcante dos pais na educação familiar, preservando valores e condutas, muitas vezes rígida, deixando-os como legado no contexto social da história até hoje. Neste sentido recorro a Delgado (2006), quando diz que a escrita das narrativas, trata do desafio de fazer a tessitura da identidade pessoal, com vistas para os vestígios da história de vida revelados pelo sentimento de buscas e transformações.

O diálogo entre a história vivida e rememorada encontra nas narrativas um espaço importante para a compreensão dos aspectos que norteiam: percursos de vida, seus encantos e desencantos, sua vivacidade e sua doença; um espaço capaz de reconstruir caminhos marcados por rupturas e desejos adormecidos. Ainda, adito que os reencontros com as histórias de vida e o conhecimento de si, provocam nos

relatos, as marcas significativas do processo vivido, em face do reencontro com o sentido de pertencimento a partir das próprias descobertas.

Episódio 5 - HORA SAUDOSA

No trilhar sobre a religiosidade de D. Judite, já que se apresenta desde início desta pesquisa, como artista sacra, seria inevitável relatar sobre sua caminhada religiosa. Os relatos de D. Judite, demonstravam que sua memória se apresentava ativa, apesar da idade, eram poucos os lapsos de memória que ocorriam nos seus relatos: “[...] religiosíssima, eu cantava no coro da igreja e demonstrava amor mesmo a Deus, a meus santos, a minha mãe do céu, isso eu não me separo nunca a vida toda fui assim e sempre tive respeito, sabe? Eu não faltava a nada... da Igreja não...”. A participação da artista era assídua nos movimentos que a igreja fazia:

[...] participava de tudo, na semana santa eu representava Madalena, era muito bonita, tinha cabelos grandes. Não era fácil, pois, representava aqueles quadros vivos e o padre fazia os sermões da semana santa, e eu representava em forma de cena. (Entrevista com D. Judite, 13/02/2020)

[...] no altar, eles cobriam tudo, faziam um calvário, a cruz grande e lá colocavam a Madalena, no pé da cruz, sabe? E me colocaram na posição muito cedo, o padre tinha um pano que cobria tudo, e na hora que eles falavam, os colaboradores mostravam o calvário, descendo o pano e eu aparecia no pé da cruz. Por me colocar tão cedo, naquela posição e o padre fazer um sermão longo, minhas pernas foi adormecendo e tomando meu corpo todo, eu já coberta de suor, a vista já escurecendo, neste momento a esposa do Dr. Jessé Fontes ia passando e viu que eu não estava bem: “Judite, você está sentindo alguma coisa aí?” E eu dizia: vou morrer, vou desmaiar, não aguento mais. E ela pediu para sair da posição e foi buscar um copo de água para mim. Fiquei sentada um pedaço de tempo e foi passando, mas até ali, não desisti, gostava do que fazia. (Entrevista com D. Judite, 13/02/2020)

D. Judite (2020) traz à tona que seu envolvimento com as representações e/ou encenações que surgiam na igreja, demarcavam cada vez mais o seu interesse pela vida artística e religiosa. Além disso a artista declara: “[...] Eu lia muitos romances, os versos me chamavam a atenção, naquele tempo nas escolas, a gente declamava muito; todo sábado, tinha a hora de declamar, tinha que ter uma poesia, eu tenho até uns versos da minha autoria”.

Com relação à vida literária, produzia versos de sua autoria: “Eu vou buscar o que eu tenho...” e fez uma pausa como se quisesse lembrar onde tinha um exemplar dos versos. Sua preferência de versos com temas de saudades, e relembra que naquela época, na fazenda Moinhos, eu era proibida de quase tudo, eu ficava até sem poder ir ao cinema... uma vez eu me escondi numa casa antiga no caminho do rio [[risos] para não perder o Cinema”. Importante destacar que nessa mesma casa, que a artista se escondia, produzia os versos.

Quanto à estrutura da casa que a artista se escondia, em relatos da entrevistada rememora que foi sua fonte de inspiração; a casa era feita de sapo (considerada casa de taipa), tinha buracos que a gente via o sol passar, quando vinha nascendo ou no entardecer, parecia uma mata secular (enormes), ficava olhando aquela paisagem e admirava muito, mas ao tempo que ficava triste por estar afastada de casa, dava saudade e começava a construir os versos.

A rotina agradável de D. Judite era sair da fazenda Moinhos para Estância, mas isso só ocorria nos dias de segunda, mas relata que quando chovia, o rio Piauí enchia e este passava pela fazenda, inviabilizando a travessia para a cidade, e neste decurso ficava duas semanas aproximadamente sem fazer esta travessia. Neste viés, prenotava-se a admiração de D. Judite por morar em Estância e seus versos de saudades, quando não era possível viajar.

D. Judite, mulher sempre ativa e atenta ao seu cotidiano, não parava de pensar na construção dos seus versos. É perceptível que os versos verídicos, soavam o seu estado de espírito, como demarca no verso criado após a morte do seu avô materno, o qual era tão apegada, foi um momento tão melancólico para a artista que segundo ela, tudo que fazia lembrava seu jeito de ser. E D. Judite ressaltou:

Adorava construir versos. Estudei pouco, mas, minha professora dizia: Judite, você é inteligente... Naquele tempo as moças pobres iam para Aracaju, se formavam na Escola Normal. Minha professora mesmo, ela foi formada na Escola Normal de Aracaju. Ela dizia: porque seus pais não lhe colocam na Escola Normal? Mas meus pais, eram simples no entendimento das coisas e para nossa subsistência achavam de bom tamanho, estudar o básico. (Entrevista com D. Judite, 10/08/2018)

As condições eram precárias, relatou D. Judite, quando se referiu ao deslocamento do interior para a capital (Aracaju), em busca da Escola Normal, na

qual preconizava pela formação de professores. O curso ocorria no período matutino e vespertino, as disciplinas eram divididas em eixos temáticos, aos quais continham disciplinas que preparariam as normalistas para sua vivência na sala de aula, por métodos estruturantes do saber conhecer e fazer.

Os agentes educativos eram responsáveis pela criação dos cursos normais, particularmente em Aracaju, e favoreciam a inclusão de jovens e moças (normalistas) no campo profissional. Tais normalistas contribuíam para o desenvolvimento da leitura, escrita, principais operações matemáticas, como também cuidadoras e observadoras de certas enfermidades próprias do período pueril. A consequência dessas práticas foi a formação da mulher-professora por sua natureza materna. Este era um entre os poucos caminhos que se abriam possibilidades de uma ocupação para a mulher que não fosse somente do lar.

A fim de complementar esta reflexão sobre o magistério feminino, Faria Filho (2015) afirma que:

O regulamento de 1906 estabelece a preferência da professora para o ensino primário - é o meio de abrir à mulher mineira uma carreira digna e proporcionar-lhe ensejo de ser útil à pátria; a mulher melhor compreende e cultiva o caráter infantil, e a professora competente é mais apta para a educação sem corrupções do coração e sem degradações do caráter; acresce que a professora com mais facilidade sujeita-se aos reduzidos vencimentos com que o estado pode remunerar o seu professorado. (FARIA FILHO, 2015, p. 108)

Tal modelo de formação não fora adotado pela nossa Judite. Contrariando o que se pressupunha a carreira de muitas mulheres de sua época, Judite percorreu um caminho até então incerto, muito antes de descobrir-se, ou melhor, ser descoberta como artesã.

Episódio 6 - Família em Cena

Com relação à profissão dos pais, a artista rememora que o seu pai era filho de Cedro de São João, e que a população de Cedro, naquela época, na década de 30-40, vivia da venda da carne do sol. Abatiam o boi, e depois transformava em carne do sol, lembra ainda, que o avô também fazia isso, ou seja, uma profissão que passava de pai para filho. A artista ainda ressalta, que foram para Estância (SE), e continuaram com o mesmo meio de subsistência da família, e somente quando

chegou a terceira idade, pararam com esse tipo de serviço. A mãe de D. Judite, era dona de casa, cuidava dos seus filhos com muita severidade quanto ao aprender, os valores e as condutas, mas contraditoriamente era carinhosa para com sua prole, no sentido de amor e dedicação ao que Deus te confiou, assim registra a artista em entrevista. Judite relatou que a mãe teve dois filhos homens, um faleceu com sete meses e o que pretendia ser padre, e não deu certo, faleceu com 71 anos.

Segundo documentários coletados no percurso da pesquisa, D. Judite, artista plástica, autodidata, descobriu seu talento há mais de 50 anos, e se dedica a produzir esculturas em argila, a qual já algum tempo utiliza a argila da cidade de Itabaianinha. E faz suas obras no estilo barroco com ênfase em imagens famosas em todo o país. Michelato (2010) pontua que:

Os vestígios e as marcas que compõem o patrimônio histórico são o resultado da ação concreta dos seres humanos em um determinado tempo e espaço. Assim, os seres humanos ao longo do tempo produzem suas marcas, culturais e patrimoniais de forma involuntária sem a mínima intenção de legar um testemunho ao futuro. (MICHELATO, 2010, p. 7)

É válido ressaltar que os momentos os quais D. Judite pausava constantemente era um momento em que buscava na memória os acontecimentos com sentimentos profundos. Ainda neste ínterim, rememora sobre a irmã caçula, que devido a problemas neurológicos, ficou paralítica e só movimentava a mão e muito pouco. As experiências de vida narradas pela artista, segundo Cunha, nos fazem compreender que:

Mais do que procurar respostas fixas nas memórias, estas devem servir como um meio de compreensão dos sentidos, significados e emoções experiências durante a vida. Lembrar de si, autodescrever-se é reencontrar-se com a história de um eu vivido, reinterpretado por representações de si. (CUNHA, 2008, p. 208)

Desta forma, quando o autor, se refere à evocação da memória, percebemos que, na memória de D. Judite permaneceram lembranças de um tempo às vezes distante, às vezes mais recente, em uma constante troca entre o passado e o presente. São diferentes tempos, diferentes lugares que brotam através da memória, possibilitando um reencontro com histórias vividas. Por essa razão, o conceito de memória fora utilizado pela pesquisadora, com o propósito de ouvir os relatos de

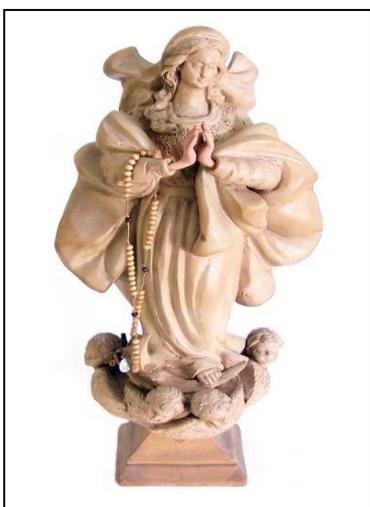
experiências originadas em uma construção histórica e social, as quais deram-se no transcorrer do tempo e serviram para revelar as relações de diferentes temporalidades vividas entre a artista em questão e sua comunidade.

Episódio 7- É arte que ela tem

As peças de Judite Melo têm circulado até mesmo no exterior, a exemplo de Bruxelas, capital da Bélgica, no ano de 1990, época que realizou sua primeira exposição fora do país, acontecimento histórico que projetou seu nome internacionalmente. Seus trabalhos como escultora iniciaram por volta de 1963, período em que gestava seu primogênito.

Muitas são as obras sacras de D. Judite, seu ateliê transborda artes confeccionadas com muita dedicação e amor pelo seu ofício, com o auxílio do seu principal material, terracota²⁸.

Figura 07 - Obra Sacra: Nossa Senhora Da Conceição



²⁸ A **terracota** é um material constituído por argila cozida no forno, sem ser vitrificada e é utilizada em **cerâmica** e construção. O termo também se refere a objetos feitos deste material e à sua cor natural, laranja acastanhado. JAQUEZ, Luís. Disponível em: O professor Paulo Pinhal de Terminologia arquitetônica diz que terracota é uma argila moderada e cozida. Também designa nuances do marrom que lembram a cor de terra. É um material constituído por argila cozida no forno, sem ser vidrada e é utilizada em cerâmica e construção. O termo também se refere a objetos feitos deste material e à sua cor natural, laranja acastanhado. A terracota caracteriza-se pela queima em torno dos 900 °C, apresentando baixa resistência mecânica e alta porosidade, necessitando um acabamento com camada vítrea para torná-la impermeável. É rica em óxido de ferro, normalmente utilizada na confecção de tijolos, telhas, vasos, entre outros objetos (PINHAL, 2009). Adaptado de <https://www.google.com/search?q=o+que+%C3%A9+ceramica+terracota&oq=o+que+%C3%A9+terracota&aqs=chrome.3.69i57j0l5.26998j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8>.

Fonte: Acervo da artesã Judite Melo, (2020).

Artista renomada, com participações em exposições e obras espalhadas pelos diversos regiões do país, apoiou-se na experiência do artista Zé de Dome, assim conhecido em Estância, conterrâneo e grande incentivador de sua arte.

Judite Melo tem como principais criações: Nossa Senhora da Conceição, Sagrado Coração de Jesus e o Anjo Gabriel, pelo motivo da devoção e em relatos informa que são as peças mais solicitadas para modelagem. Todas as criações são de tamanha expressividade, mas a preferida da artista é Nossa Senhora da Conceição, revelado pela sua devoção religiosa. Segundo ela mesma, as peças depois de confeccionadas são levadas ao forno a lenha para dar sustentabilidade e não são pintadas, para demonstrar originalidade.

Arte e beleza não faltam no estilo próprio da obra de Judite Melo. Importante ressaltar que o viés da pesquisa não promove uma análise de imagem, mas uma interpretação da expressividade que a arte Judite Melo retrata à sociedade.

A arte sacra de Judite Melo é um importante agente socializador, pois causa um choque cultural, que tornar-se educativo, uma vez que permite a inter-relação a novos contatos sociais, ao tempo que adquire também sensibilidade que contribui para a sua formação individual e facilita uma vivência que irá atingir todos os agentes envolvidos no conhecer da arte.

Além disso, a arte sacra, oferece uma infinidade de espaços sagrados dentro de suas respectivas religiões, motivando pessoas a deslocarem-se para estes lugares. “Em todo lugar, o sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca: ele não apenas encoraja a devoção como a exige, não apenas induz a aceitação intelectual como reforça o compromisso emocional”. (GEERTZ, 1989, p.143).

Nesse entendimento, segundo Geertz (1989), mais do que simples manifestações artísticas, são espaços para o encontro do homem com seu Deus, em um momento carregado de significações, pois deixam de serem lugares comuns pelo fato de possuírem atributos supra-humanos, estando associados a fé de um povo, sendo que a fé foi a motivação principal que orientou sua construção e/ou ressignificação.

Os espaços sagrados, em sua maioria, buscam aliar sua funcionalidade à busca da beleza estética o que os transforma, além de lugares sagrados, patrimônios culturais da humanidade sendo que, constituídos de tradição e memória, são o solo propício para o desenvolvimento da educação do fenômeno religioso/cultural de nossa sociedade.

No livro “Imagens do Invisível na Arte Sacra, de Cláudio Pastro”, considerado um dos maiores artistas plásticos brasileiros, observa-se que a publicação aprofunda aspectos importantes a respeito dos espaços celebrativos, e por intermédio de sua vasta obra, leva-nos a descobrir a riqueza do mistério presente em traços e em cores de suas obras, ou seja, o autor trata a imagem/espaço, como lugar de manifestação do espírito, como expressão que ultrapassa a criação da arte em si. Assim a objetividade, a descrição e a essencialidade da obra permitem ao mistério se revelar.

Quando se fala em espaços celebrativos, lembra-se de Dona Judite quando a mesma fala dos tempos em que começou a modelagem em obras sacras, por consertar uma peça que fazia parte de um presépio, ou seja, no âmbito religioso, percebe-se como a artesã se dedicou a saber-fazer suas imagens com o que ela mais se identificava.

4 O PASSADO, O PRESENTE E A REDE DE SOCIABILIDADE DE JUDITE MELO

Nesta seção, elucido a Rede de Sociabilidade da artista em análise. Ademais, modelo, em texto, a relação da artista com o sagrado e trago as vozes dos entrevistados para contemplar as experiências, as impressões e as contribuições a respeito do fazer artístico de Judite Melo.

Alerto aos leitores que a especificidade desta rede de sociabilidade se dá por um fato feliz: há vida em Judite Melo. As diferenças que existem na natureza de uma rede de sociabilidade podem ser notadas a partir deste fato. Ao iniciá-la a partir do sujeito, pode-se ficar limitado as relações que este sustenta no agora. Inversamente, quando o sujeito não está mais presente em vida, começamos a busca a partir de seus remanescentes, de seus rastros, e isso, muitas vezes, nos remete diretamente ao passado.

Quando se fala em rede de sociabilidade lembra-se logo das redes sociais, por meio das tecnologias atuais, como *Facebook*, *E-mail*, *Instagram* entre outros. Ou seja, são meios pelos quais o indivíduo é conhecido pela característica utilizada para a identificação de indivíduo na vida *off-line*. É possível de ver sua fotografia, idade, seu gênero, profissão, por diante.

Nesta questão é possível conhecer relatos de críticos (à guisa de entrevistados) para a artista Judite Melo (o sujeito/objeto da pesquisa), em entrevistas semiestruturadas, juntamente com o seu neto Edigar, concedida à coordenadora de Assuntos Educacionais do IFS-Estância Profa. Adriana, aos historiadores e amigos José dos Santos Valério, Wilton Santos e Wesley do Nascimento. Conforme Bondia (2002), ressalta:

O que vou lhes propor aqui é que exploremos juntos outra possibilidade, digamos que mais existencial (sem ser existencialista) e mais estética (sem ser esteticista), a saber, pensar a educação a partir do par experiência/sentido (BONDIA, 2002, p.19)

O sentido de colaboração, aqui proposto não percebe as pessoas, como objetos de estudo, mas, como participantes da pesquisa, que colaboram com a investigação realizada. Desse modo o entrevistador e entrevistado, ambos são sujeitos ativos e têm como propósito a elaboração de um saber. As versões dos

relatos aqui presente, procedem de diferentes atores, cada um a seu modo, interpretaram e deram sentidos ao percurso formativo da artista de Judite Melo. Desse modo, cada versão permitiu compreender a experiência coletiva, vivenciada pelos sujeitos que compõem a rede de sociabilidade de Judite Melo em diferentes contextos culturais em Estância.

Na narrativa de Judite Melo, fiz abordagens de contextos como manuscritos, alguns impressos, e textos referentes às suas obras e seu percurso artístico, na perspectiva de vislumbrar vivências, baseadas em emoções como forma de socialização, criando laços na construção de uma sociedade possível. Neste sentido, socialização reside na possibilidade de reconhecimento mútuo, e uma tomada de consciência que atualmente acontece num espaço enfatizado, pelo caráter dinâmico das interações sociais, numa perspectiva calcada na construção da imagem com o outro; na capacidade do ser humano sentir a si próprio e ao mundo, valorizando o afetivo, o racional, o sensível e o intuitivo como experiência vivida, poderiam contribuir no processo de socialização.

Os grupos de sociabilidade derivam dessas experiências e das relações sociais vividas por esses indivíduos, em locais específicos através do tempo. De acordo com Georg Simmel, cientista social de nacionalidade alemã que viveu entre os séculos XVIII e XIX, contribuiu com a sociologia formulando paradigmas e teorias sociais referentes à “sociologia das formas”, o teórico compreende a realidade social como extremamente complexa, implicando modos de individualização e socialização próprios a cada tempo. Ainda segundo Simmel (2006), define sociabilidade como “a forma pela qual os indivíduos constituem uma unidade no intuito de satisfazer seus interesses, onde forma e conteúdo são na experiência concreta processos indissociáveis (SIMMEL,2006, p.65). Segundo Alcântara (2006), a questão da sociabilidade presente no pensamento simmeliano, é de suma importância para o estudo da estrutura da sociedade, bem como suas formas sociais e a edificação do socialmente constituído, por meio da interação entre os indivíduos, levando em consideração neste processo a operação existente entre a dimensão individual e a formatação da sociedade.

O autor aproxima do fenômeno chamado sociabilidade a construção social, lembrando que esta se realiza pela vida cultural, sendo resultante das qualidades integrantes das interações sociais. Simmel é o teórico das formas de socialização e para o autor, a sociedade é processo de socialização e a interação perpassa todas

as fases da vida de forma dinâmica, onde o todo é o conjunto das relações mútuas funcionais. Ainda conforme Alcântara (2006):

A sociabilidade é resultante das condições inerentes e gestadas pelas múltiplas combinações interacionais, acionadas a partir dos indivíduos por grupos e por classes sociais, sintetizadas e cristalizadas na própria sociedade. (ALCÂNTARA,2006, p. 190)

Desse modo, articular uma relação dinâmica entre indivíduo e sociedade, num processo de interação, seria uma possibilidade de potencializar o desenvolvimento de processos educativos estéticos em vários setores da experiência e atividade humana, tendo em vista seu caráter de valorização da criatividade, sensibilidade, socialização e formação dos sujeitos.

Ao tratar da temática de como a arte educa, na obra *Fundamentos Estéticos da Educação*, João Francisco Duarte Júnior esboça algumas palavras sobre o ato da criação:

O homem/mulher utiliza a linguagem para ordenar e significar o mundo, mas ela condiciona sua percepção e seu pensamento. E ainda, construindo a cultura, o homem é por ela constituído. Tal fato ocorre também no domínio artístico: através da arte chegamos a conhecer nossos sentimentos, mas ela amolda-os (educa-os) segundo determinados padrões e códigos simbólicos. Os padrões de nosso sentir são determinados pela nossa época, cultura e, fundamentalmente, pela arte ali produzida. Por ela chegamos a conhecer nossos sentimentos, mas esse conhecimento é regido pelos códigos estéticos vigentes em nosso tempo e nosso meio. (DUARTE JÚNIOR, 2008, p. 106)

Tendo em vista o pensamento de Duarte Júnior, a arte de Judite Melo também forneceu bases em nível de sentimento e conhecendo a arte e cultura de seu tempo, a artista adquiriu os fundamentos que lhe permitiram uma concomitante compreensão do sentido vivido e estabeleceu ao longo do seu percurso artístico redes de relações sociais. Ainda na discussão sobre redes sociais. Dias (2005), enfatiza que “o mais importante é a constatação empírica de diferentes formas ou intensidade das relações sociais num determinado campo social parentesco, amizade, vizinhança”. (DIAS,2005, p. 30). Esta autora destaca que “estas redes transcendem as organizações empiricamente delimitadas, e que conectam,

simbólica e *solidaristicamente*, os sujeitos indivisíveis e atores coletivos, cujas identidades vão se construindo num processo dialógico”.

Considerando as afirmações de Dias (2005), tratei de selecionar e exemplificar as constatações empíricas com base nos depoimentos de três amigos e um parente sobre os tópicos: “Conhecer” (A experiência de conhecer Judite Melo); “Impressões” (as impressões a respeito de sua arte sacra); e “Contribuições” (da arte de Judite Melo). Todos estes críticos contribuíram/contribuem com relatos e escritos, sobre o percurso artístico de Judite Melo.

4.1 - A VISIBILIDADE DE JUDITE MELO

O primeiro fragmento vem de José Fernando dos Santos Valério que, sendo amigo, contou que conheceu a artista Judite Melo: já alguns anos, acredita que já uns 10 anos, por trabalhos acadêmicos de exploração sobre arte sacra no Estado de Sergipe, e se deparei com a artista plástica da cidade de Estância, e ao longo dos trabalhos enquanto professor de História da cidade, enquanto historiador frente ao Arquivo Municipal da Secretaria de Educação de 2012, 2014, e frente ao Memorial da Cultura desde 2017 até a atualidade (José Fernando dos Santos Valério - Entrevista, 2020 – Estância).

Conheci Judite já alguns anos, acredito que já uns 10 anos, por trabalhos na verdade acadêmicos de exploração sobre arte sacra no Estado de Sergipe, e aí me deparei com essa artista plástica daqui da cidade de Estância. [...] nos debruçamos **[historiadores]** um pouco em estudar a mais, essa artista de renome que é Judite Melo. Então os encontros e o conhecimento de Judite, se deu por vias acadêmicas de trabalhos científicos, e também pela questão de trabalho da cultura de Estância. (José Fernando dos Santos Valério - Entrevista, 11/02/ 2020 – Estância. Grifo meu.)

Segundo Wilton, que conheceu a artista Judite Melo no ano de 2016, mais especificamente no lançamento do seu documentário, que foi exibido na câmara municipal de Estância. Mas já tinha ouvido falar muito da grande artesã e artista plástica Judite Melo (Wilton Santos - Entrevista, 13/02 2020 – Estância).

Dialogando com o neto de Judite Melo, Edigar Souza Andrade Neto, descreve que conheceu o trabalho artístico junto com a avó; sua participação começou após

falecimento do seu avó, segundo Edigar: “Quem pisa o barro sou eu e preparo, tem todo um processo de manuseio do barro, como pisar, peneirar e molhar para chegar no formato de argila. A arte Judite Melo é única!”. Ainda no mesmo relato expõe que a artista é considerada de renome internacional, a tempo Edigar acrescenta:

[...] Inclusive, o Padre Fernando, que já foi pároco aqui em Estância, relatou para minha avó, que ao chegar em Roma, ele encontrou uma peça dela no Vaticano, se surpreendeu e ao mesmo tempo ficou bastante feliz e disse: “Eu conheço essa peça, eu conheço essa artista”. É Judite Melo! (Edigar Souza Andrade Neto - Entrevista, 22/08/2019 – Estância)

Assim, percebe-se também que a artista tem renome internacional, e como tal, se lançou a sociedade, autenticando sua arte Judite Melo nos jornais, conforme atesta o fragmento da figura08:

Figura 08 - JOR-SD/09



Fonte: Acervo da artesã Judite Melo. Fragmentos do Jornal S/D por Déa Jacobine.

Conforme destaca a nota de jornal acima (JOR-SD/09): “Judite é a única mulher aqui, em Estância, que cria do nada, ou mais precisamente, cria do barro as mais diferentes formas de figuras que, de tão bem esculpidas parecem adquirir formas e vida”.

É possível notar nas entrelinhas dos jornais coletados, que Judite Melo foi responsável pelos marcos e projeções em exposições, concursos e por meio da arte, conheceu a subsistência familiar e mantenedora de seus dias até hoje. Além de ser destaque como protagonista de sua história de vida, sua linha artística está inscrita na cultura estanciana.

Sobre a impressão, que os críticos de sua arte tem a respeito (o que se pensa) de Judite Melo, a exemplo do historiador Valério, afirma, que pode apresentar Judite como uma figura ímpar dentro da arte estanciana, e que quando fala em Judite Melo, fala da arte do saber fazer estanciano. “... nós estamos falando dos elementos indenírios que remontam a cidade de Estância, como artista que entra com certeza e que contribui para a arte, para a cultura da cidade de Estância”. Segundo o historiador, Judite Melo, é uma das grandes artistas que a cidade de Estância tem. O entrevistado Fernando Valério, ainda completa, realçando que nossa artista, teve e continua tendo uma grande contribuição para “culturiar” o nosso município. (José Fernando dos Santos Valério - Entrevista, 11/02/ 2020 – Estância).

Baseado no relato de Valério (2020), no tocante a projeção nacional da artista Judite Melo, o Jornal da Cidade-Estância/Se, conforme demonstra a figura 09 abaixo e catalogado nesta pesquisa JOR-2003/15, afirma que: “Artesã de Sergipe esculpe imagens sacras e produz peças de arte com uma mistura de barro e fé. Nunca fez nenhum tipo de curso e os detalhes de sua arte foi aperfeiçoando sozinha, na prática. “É um dom que Deus me deu”. Além de Sergipe seu trabalho é presente por todo o Brasil e países como Espanha, Alemanha, Itália, França e Inglaterra, participou ainda de muitas exposições como a do Auditório Vilas Lobo, patrocinada pela Embratur”.

Figura 09 - JOR-2003/15



Fonte: Acervo da artesã Judite Melo. Fragmentos do *Jornal da Cidade-Especial Estância/Se*

Outro crítico da arte Judite Melo, foi Wesley Nascimento, historiador estanciano, expõe o que Judite tem contribuído para o município de Estância. É uma questão da identidade nas suas obras, pois quando alguém no estado vê uma obra de Judite Melo, ela já identifica que aquela obra é de Estância, de uma artesã de Estância, é de uma artista de Estância. “Então as suas imagens são caracterizadas pelos traços reais que ela dá em suas obras. Sua obra principal e uma das mais procuradas mesmo, é a Nossa Senhora da Conceição, a qual, a artista tem uma devoção. (Wesley Luiz do Nascimento - Entrevista, 13/02/2020 – Estância).

Figura 10 - JOR-1998/04



Fonte: Acervo da artesã Judite Melo. Fragmentos do *Jornal O Cabofriense-Estância/Se. Fina Cultura*. Por. Maria Sylvia Ribeiro.

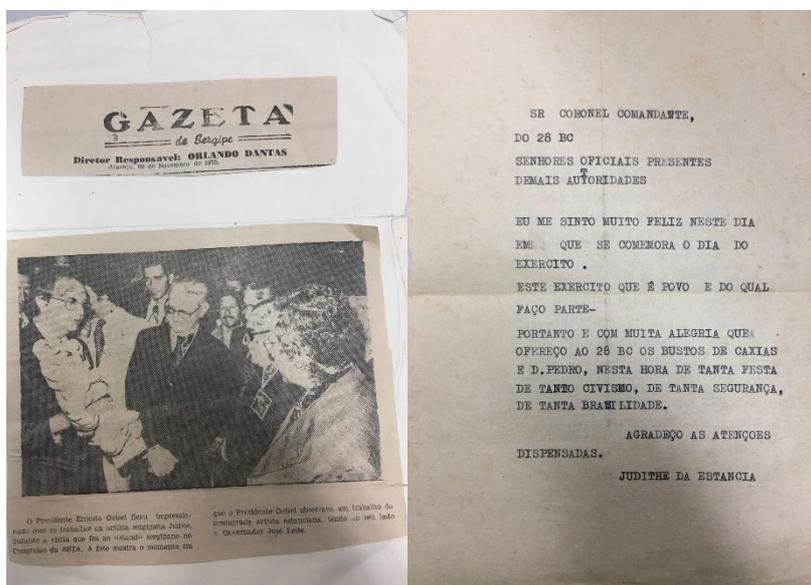
O conhecimento, a impressão e a contribuição de cada crítico de Judite Melo, aqui relatados, são importantes dimensões da existência humana, que por vezes nos custa compreender com clareza. Relatar o vivido permite, ao ser humano, dar sentido ao seu lugar no mundo, construir sua historicidade, tornar-se sujeito da história. E assim Judite, tornou-se artesã do seus “eus”!

Conforme demonstra a Figura 11: JOR-1975/01a e 01b, com manchete do jornal Gazeta “Judite artista consagrada”: “O Presidente Ernesto Geisel, em visita a Estância e participação no “stand” sergipano no Congresso da ASTA (Companhia de Linhas Aéreas), ficou impressionado com os trabalhos da artista sergipana Judite

Melo. Abaixo, conforme demonstra a figura 11: JOR- 1975/01b, o agradecimento da artista ao Coronel Comandante do 28 BC, que diz:

Sr. Coronel Comandantes do 28 BC, Senhores oficiais presente, demais autoridades. Eu me sinto muito feliz neste dia em que se comemora o dia do Exército que é povo e o qual faço parte. Portanto é com muita alegria que ofereço ao 28 BC os Bustos de Caxias e D. Pedro, nesta hora de tanta festa, de tanto civismo, de tanta segurança, de tanta brasilidade. Agradeço as atenções dispensadas. (MELO,1990, Arquivos pessoais)

Figura 11 - JOR-1975/01a e 01b



Fonte: Acervo da artesã Judite Melo. Fragmentos do *Jornal Gazeta em 9 de novembro de 1975* e Discurso de agradecimento proferido ao Exmo. Comandante do 28 BC em 1990.

Esta menção jornalística intitulada: “Judite artista consagrada”, no ano de 1975, sobre a artista Judite Melo, demarca a presença do Presidente Geisel, durante a visita que fez a Estância, e conheceu o trabalho da artista

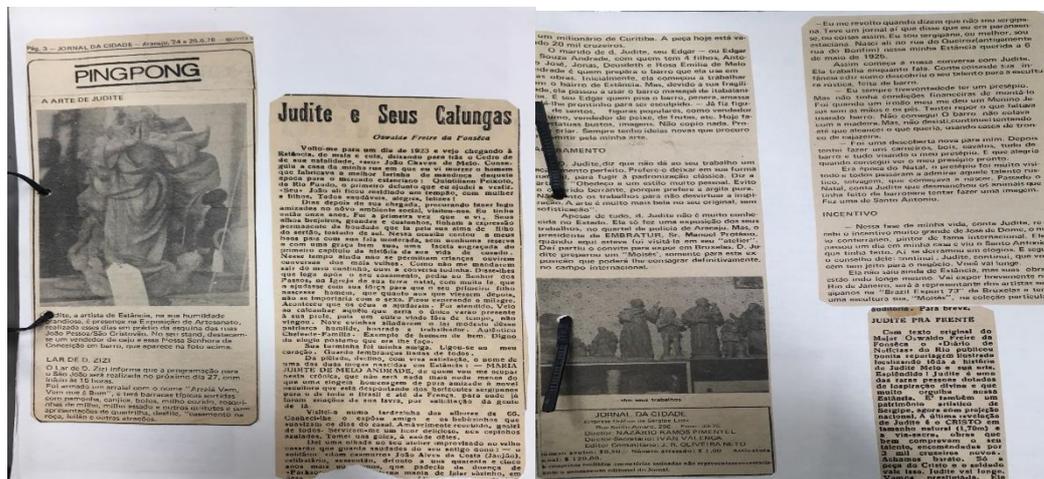
Outra visibilidade da artista foi encontrada conforme expõe a figura 12:JOR1976/02, *Jornal da Cidade*, PINGPONG com manchete: “A Arte de Judite: Judite e seus Calungas”, o cronista Osvaldo Freire Fonseca, declara:

Judite, a artista de grandiosa, é presença na exposição de Artesanato, realizada esses dias em prédio da esquina das ruas João Pessoa / São Cristóvão. No seu Stand, destacam-se um vendedor de caju e essa nossa Senhora da Conceição. “Da plêiade, declino, com

viva satisfação, o nome de uma das duas moças nascidas em estância: - MARIA JUDITE DE MELO ANDRADE, de quem vou me ocupar nesta crônica” (FONSECA,1976, p. 3).

De posse de canivete e lixa comum, objetos simples utilizados pela artista, para desempenhar sua arte de estilo próprio, moldou personagens típicos de Sergipe, a exemplo do vendedor de caju, figuras populares, como vendedor de fumo, vendedor de peixes, de frutas, os quais compuseram o balcão artístico de seu atelier.

Figura 12 - JOR-1976/02



Fonte: Acervo da artesã Judite Melo. Manchete de Jornal da Cidade, P.3 Seção PINGPONG,1976.

Como dito, Judite Melo no início de seu percurso artístico, modelava personagens típicos sergipanos, mas o elemento principal da sua obra tem marca na religiosidade. As obras sacras correspondem a tradição familiar da artista.

Na sequência a figura 13:JOR-1990/03, Jornal Tribuna do Município de Estância/SE, com Jorge Batista (1990), na seção Comentários, intitulada “Artesã de renome nacional e internacional Judite Melo cujo talento encanta a todos”, demarca sobre a participação da artista em Bruxelas. Judite Melo foi convidada pelo Presidente da EMBRATUR, Sr. Manoel Protásio, para dar um retoque num “Moisés”, consolidando assim o início da projeção internacional desta artista. Judite Melo, em comemoração ao dia do Exército, oferece os Bustos de Caxias e D. Pedro, demonstrando civismo e brasilidade, conforme destaca a direita da figura 11.

Figura 13 - JOR-1990/03



Fonte: Acervo da artesã Judite Melo. Recortes do Jornal *Tribuna do Município*, 1990.

Em outro fragmento de jornal, como ilustra a figura 14: JOR-1999/05-Jornal da Cidade – Aracaju, por Valéria Mendonça, sobre “Os santos de Judite Melo” (1999). Mendonça (1999), relata: “Artista expõe peças sacras feitas à mão livre na Galeria do Sesc ... JUDITE trabalha há 36 anos com restauração, recuperação, montagem e escultura de imagens e presépios”.

Figura 14 - JOR-1999/05



Fonte: Acervo da artesã Judite Melo. Recorte do Jornal *da Cidade*, 1999.

Na reportagem abaixo, partindo do fragmento da figura 15: - JOR-2000/14, o Jornal *Folha Trabalhista*, a capa traz a afirmação de que “[...] O ministro Zé Serra, além da boa impressão da Estância, levou como lembrança uma imagem da nossa internacional artesã Judite Melo”. A partir desse documento, comecei a perceber a tendência que a arte sacra de Judite Melo tinha de ser presenteadada em homenagem a uma série de políticos e personalidades ilustres.

Figura 15 - JOR-2000/14



Fonte: Acervo da artesã Judite Melo. Recorte do Jornal *Folha Trabalhista*, 14 de maio de 2000.

Na sequência a figura 16: - JOR-2015/16, Jornal da Cidade, intitulada “JUDITE MELO: A escultora de fama internacional.”, demarca o reencontro da artista, com o filho do “Major do Povo”, Oswaldinho, ou Oswaldo Freire da Fonseca Júnior (Engenheiro Agrônomo e escritor). O mais importante fragmento alega que “O objetivo desta curta viagem, mas que registro uma amizade muito longa é visitar a nossa adorada Judite Melo, respeitada artesã de renome e internacional” (JOR-2015/16). Major Oswaldo Freire da Fonseca, nasceu em Estância conhecido como “Major do Povo”, pois se dedicava a trabalhos comunitários na sua terra natal, escritor de jornais em Estância, e ainda jovem foi embora para a Cidade de Jacutinga/MG, conseguiu ingressar no Exército Brasileiro, e em seguida assumiu a patente de major; considerado promotor nacional da arte de Judite Melo, no ano de 1970, por meio do jornal “Diário de Notícias”, do Rio de Janeiro.

Figura 16 - JOR-2015/16



Fonte: Acervo da artesã Judite Melo. Recorte do *Jornal da Cidade*, 18 de janeiro de 2015.

É possível notar que todo o contexto registrado na subseção: A visibilidade de Judite Melo, valida a marca espacial e temporal do percurso artístico da artesã, afixado culturalmente, na cidade de Estância, berço da cultura em Sergipe; viabilizando diálogos com sua rede de sociabilidade, contornando a construção do sentido da sua arte, e ainda estabelece a interação mútua entre os críticos, uma vez que o público obtém sensação de pertencimento representado nas vozes e escritos dos críticos de sua arte.

4.2 O RECONHECIMENTO DA ARTISTA JUDITE MELO

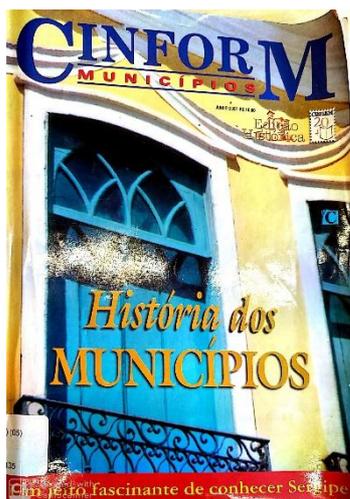
Nesta subseção, organizei todos os diplomas, certificados e honrarias que a artista Judite Melo recebeu até então, a fim de evidenciar o reconhecimento que seu trabalho artístico teve ao longo de sua história de vida. Neste sentido, pode-se compreender que o percurso artístico de Judite Melo, foi constituído a partir das suas experiências vividas paralelamente aos sujeitos que compõem a sua rede de sociabilidade.

Como dito, as formas de sociabilidades informais são compostas por uma multiplicidade de espaços e lugares, públicos e privados, tais como: as redes de relações familiares e sociais, com seus ritos, cerimônias e comemorações; as festas, eventos e procissões religiosas e profanas; os espetáculos e festejos, ou seja, os espaços públicos, como as ruas, as praças, os mercados, os largos, as tabernas e os quiosques; as manifestações populares, os gritos, os gestos, enfim, as vozes públicas e anônimas das ruas, entre outras compõem as redes de relações sociais.

Neste viés, é possível denotar que a imprensa oficial, através da circulação de notícias, publicações e incentivos à cultura local, pode ser pensada como espaço de sociabilidade de disseminação da cultura e outros campos, pois, foi por meio desses espaços que Judite Melo, também se construiu artista.

No primeiro livro *CINFORM: Municípios*, catalogado pela autora da pesquisa, LIV-2002/01, de Valmíria Mangueira, intitulado, “Histórias dos Municípios: Um jeito fascinante de conhecer Sergipe”, aborda sobre Estância, como berço da imprensa sergipana, como também se refere a terra de intelectuais e heróis, o município foi um dos maiores centros econômicos do estado. E no tópico “Filhos Ilustres”, registra a presença da escultora Judite Melo de fama internacional, como também, o artista plástico, José de Dome.

Figura 17 - LIV- 2002/01



Fonte: Arquivo Público Municipal de Aracaju. CINFORM Municípios. MANGUEIRA, Valmíria. História dos municípios. Um jeito fascinante de conhecer Sergipe. Junho, 2002, Edição Histórica.

No segundo livro, *Arte do Fogo em Estância*, Silvane Azevedo, 2009, fala na temática “Sobre Judite Melo”, além de apresentar Judite Melo, registra sobre os

incentivadores da artesã, Zé Lima, pintor estanciano e o artista Zé de Dome, que apoiava D. Judite a investir e continuar com a produção de esculturas.

Figura 18 - LIV-2009/02

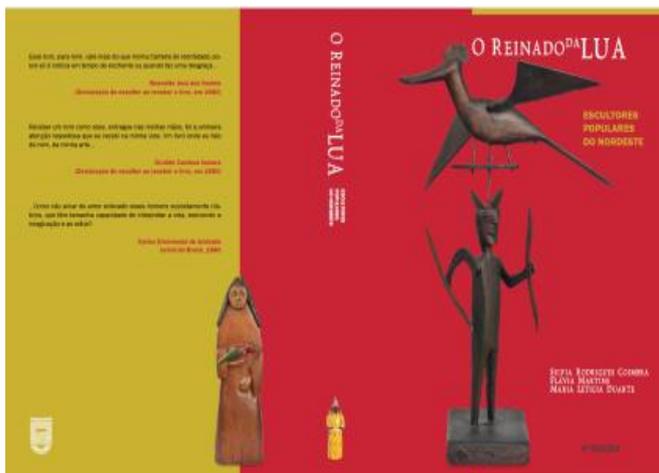


Fonte: Secretaria de Estado da Cultura de Sergipe (SECULT). Revista Arte do Fogo em Estância, Silvane Azevedo - “Sobre Judite Melo”. 2009.

Primeiro foram os tipos regionais como vendedor de caju, pescador, entre outros, e só depois de uma encomenda do Santo Antônio, ingressou na arte sacra definitivamente. Registra também as participações de Judite em várias exposições em Aracaju, Salvador, Rio de Janeiro, Brasília e outros estados.

No terceiro livro, catalogado como LIV-2010/03 *O Reinado da Lua: Escultores Populares do Nordeste*. A autora cita a artesã, Judite Melo, em um capítulo dedicado à sua obra, intitulado Reflexos do Belo.

Figura 19 - LIV-2010/04



Fonte: Secretaria de Estado da Cultura de Sergipe (SECULT). O Reinado da Lua. Silvia Rodrigues Coimbra, Flávia Marins e Maria Letícia Duarte. 2010.

Da autoria de Silvia Rodrigues Coimbra, Flávia Marins e Maria Letícia Duarte, a obra foi publicada em 1980. Trata-se de uma reunião de depoimentos e registros fotográficos de 109 escultores de suas obras e de suas condições de vida e trabalho em 9 estados do nordeste brasileiro. Bahia, Sergipe e Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba, Piauí, Maranhão, Ceará e Alagoas.

O quarto livro, contempla a Coleção de Mario Britto (2013), com título *Um sentir sobre as artes visuais em Sergipe*, neste livro, o colecionador de obras apresenta para o público sergipano seu acervo pessoal, que reúne 50 obras de 50 artistas que retratam a história da arte em Sergipe, e a artista sacra Judite Melo está presente na composição deste livro, como uma referência de “bom trilho” em Sergipe.

Figura 20 - LIV-2013/04



Fonte: Arquivo Público Municipal de Aracaju Brito, Mario. Um sentir sobre as artes visuais em Sergipe: Coleção Mario Britto. Aracaju: Sociedade Semear, 2013.

No quinto livro *Artesãos de Sergipe*, por Ilma Fontes, ano 2016, p.12 “e 13, seção intitulada: “Dona Judith”, assim escrito, destaca a relevância da arte sacra de Judite Melo, fazendo menções de falas da artesã, com relação à sua vida. Ilma Fontes a chama de sergipana de Estância, que na época com 75 anos, já conhecida nacionalmente, por todos que fazem o mercado da Arte Sacra, a considera como uma mulher simples, que acredita ser sua arte levada pela mão de Deus. Ela ainda fala que Dona Judite, na época, começou a trabalhar para ajudar o marido,

trabalhando com costuras, rendas e bordados, e só aos 39 anos grávida do segundo filho, é que começou a arte de escultura e modelagem.

Figura 21 - LIV-2016/02



Fonte: Arquivo Público Municipal de Aracaju. FONTES, Ilma. Artesãos de Sergipe. 2016. P.12 e 13.

Ao tempo, registrou a fala de Judite: “*Eu sempre tive vontade de ter um presépio, mas não podia comprar*”, e assim Ilma Fonte conta que o irmão de Judite achou o menino Jesus de barro quebrado, as mãozinhas, e deu para sua irmã Judite consertar, e assim ela fez. Ilma Fontes ainda registra que Judite Melo vende suas obras mais fora do que na própria terra, e ainda como fala de Judite é dito “*Eu adoro criar*”, ou seja, Judite nunca faz uma imagem igual a outra, sempre está criando com detalhes diferentes para cada escultura.

Ainda no que se refere ao campo de reconhecimento, é possível citar a colaboração da Assistente Social membro da Coordenadoria de Assuntos Educacionais no Instituto Federal de Sergipe/Campus Estância, Adriana Araújo de Lisboa, relata sobre algumas apresentações culturais realizados com estudantes, na cidade de Estância e realça que, sempre que possível Dona Judite se faz presente: Segundo Adriana: “*Nas apresentações culturais, contamos com a participação de*

estudantes cantando e recitando poesias, e um debate sobre o “Lugar da Mulher na Sociedade”. Ainda segundo a assistente social:

O nosso objetivo, era estar evidenciando a cultura local, porque a escola tem os autores internos de Estância, mas tem estudantes de diversos locais como: Bahia, estudantes do Pará, estudantes de Aracaju, do Geru, Cristinápolis, Lagarto, Salgado...”. (Adriana Araújo de Lisboa – Entrevista, 13/02/ 2020 - Estância)

No ano de 2019, Judite Melo, foi homenageada com um concurso artístico para estudantes em comemoração ao Dia da Mulher, realizado pelo Instituto Federal de Sergipe-Campus Estância, intitulado *Mulheres na cidade: novas conquistas e grandes desafios*.

Figura 22 - CER-2019/10



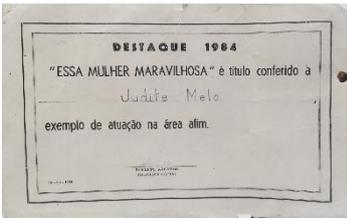
Fonte: Acervo da artesã Judite Melo. Certificado de Homenagem a Judite Melo, cedido pelo IFS-SE, Campus Estância.2019

No seu percurso artístico, além dos espaços de sociabilidade, já mencionados na presente investigação, a exemplo de trechos de entrevistas coletadas no decorrer deste estudo, jornais, livros com fragmentos alusivos à sua arte, poemas; não poderíamos deixar de registrar os certificados e diplomas, os quais configuram como marco histórico de reconhecimento pessoal e profissional à artista Judite Melo.

As mulheres possuem histórias, e, portanto, merecem ser registradas; nesta pesquisa, especificamente, implicou focar o olhar sobre o percurso formativo artístico de Judite Melo, e perceber como historicamente foi construído. Para tanto, dispomos de dois quadros para organizar alguns os certificados e diplomas cedidos pela artesã. Abaixo, estão organizados cronologicamente:

Quadro 02 – Relação De Certificados E Diplomas De Judite Melo

Código	Certificado e Diploma	Foto	Participação
--------	-----------------------	------	--------------

Código	Certificado e Diploma	Foto	Participação
DIP-1975/01	Crônica Social de Estância.		Personalidade do ano de 1974. Judite Melo
CER-1980/02	Cruzeiro Esporte Clube.		Essa Mulher Judite de Andrade Melo
CER - 1980/03	BAHIATURSA Empresa de Turismo da Bahia.		I Mostra Nacional de Arte Sacra Popular de Salvador
DIP-1983/04	Departamento de Educação e Cultura.		Honra ao Mérito "135 anos da Emancipação Política de Estância"
CER - 1984/05	AZEVEDO, Roberto. Cronista Social – Destaque.		Essa Mulher Maravilhosa – Judite Melo

Código	Certificado e Diploma	Foto	Participação
CER-2000/06	Emtursa Festejos Natal. 2000. – de	 A certificate for the II Feira de Santeiros in Salvador, BA. It features a small illustration of a religious figure and text in Portuguese. Logos for EMTURSA and SALVADOR are visible at the bottom.	II Feira de Santeiros de Salvador – BA
CER - 2005/07	UNIT – História e Cultura Estanciana.	 A certificate titled 'Honra ao Mérito' from UNIT. It honors 'Artesã Judite Melo' for her contribution to the history and culture of Estância. The certificate is dated May 19, 2005, and includes the names of the president and secretary.	Honra ao Mérito Artesã Judite Melo
CER - 2013/08	SESI / SENAI.	 A certificate titled 'Estanciano Que Faz' from Sesi/Senai. It recognizes 'Artesã Judite Melo' for her contribution to the local society. The certificate includes the website www.estancianoquefaz.com.br and the Sesi/Senai logo.	Estanciano que Faz
CER - 2018/09	Prefeitura de Estância / SE, Secretaria da Cultura e Turismo – Ponto de Cultura.	 A certificate titled 'Ponto de Cultura Judite Melo Certificado' from the Municipality of Estância. It certifies 'Artesã Judite Melo' for her contribution to the local culture and tourism. The certificate is signed by Carlos Moreira de Souza Junior, Secretary of Culture and Tourism.	Arte do Saber Fazer

Cada certificado e diploma apresentado acima, conserva uma história e estão guardadas no fundo da memória de Judite, a ponto de não recordar e a única peça que temos é o registro em papel, das experiências vividas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se busca conhecimentos a respeito da produção de um determinado artista, é possível perceber aspectos relevantes que moldaram o seu produto final. Pode-se destacar a importância fundamental dos recursos técnicos utilizados, da sua vivência, aspectos culturais, e a forma como visualizam sua arte, dessa forma, agregam valor e importância histórica, deixando transparecer uma marca única, como se fosse uma espécie de digital moldada pela experiência adquirida. Neste caso em voga, a materialidade impessoal das cores, das texturas, os suportes físicos e a temática utilizada, revela e muito a seara cultural em que está inserida a artista.

Foram muitos os personagens de Judite. Várias figuras de um “si mesmo” que provaram não haver um *estado*, mas uma Judite sempre em movimento. Um movimento rotativo no qual a própria Judite era a artesã de seus “eus”. Ao longo destas páginas, Judite moldou sua própria história e também me permitiu fazê-la, sob sua companhia e exímia participação, como um mestre que pega na mão e ensina a moldar a escultura da história da vida. Judite comunicou-se comigo por meio de sua voz, mas também por meio de sua arte, na sua forma artesanal de comunicação. Precisei mergulhar a pesquisa na vida e nas obras de Judite Melo para depois dela retirar-lhe o conteúdo de que precisava para dizê-la. Apenas assim foi possível imprimir sua marca na argila do texto.

A imagem da Judite menina é a de uma infância brincalhona, sapeca, quando fugia com suas vizinhas para ir ao teatro; e religiosa quando se encantava e se envolvia nos dramas da igreja. Em sua adolescência teve uma educação tradicional, mas nada que acuassem a sua participação proativa na escola, estudou até a quarta série. A Judite adulta, já casada e grávida de seu primeiro filho, morava em Estância, nas redondezas da fábrica onde trabalhava seu marido. Após fechamento da fábrica de tecidos, Judite depara-se com uma situação inesperada, contudo transformadora. Parte adiante e assume a vontade de contribuir com as despesas do lar por meio de algo que pudesse fazer. É a necessidade que fomenta o ato criador. Acreditando no seu dom artístico, inicia o artesanato com materiais diversos, e vai do bordado, passando pela folha de cajazeira até chegar ao barro.

A descoberta do barro se deu quando Judite tentou reparar uma escultura do menino Jesus que estava com braços e pernas quebrados. Ao tentar usar o barro de

fogos de artifício (baixa qualidade), não obteve o resultado esperado, pois não tinha liga suficiente. Usou, portanto, a casca da cajazeira como estrutura interna para sustentar os membros e completou a superfície com o mesmo barro. Estava pronto. Após essa experiência, ela fez experimentos e conseguiu criar bustos e personagens regionais encomendados.

O marco inicial de sua carreira se deu após o encontro com Zé de Dome. Um dos incentivadores de sua arte. Ao conhecer as peças de barro cru (não assados), deu-lhe a recomendação de assá-los e presenteou-a com um livro que continha esculturas de Aleijadinho. Catabolizada pela ajuda com o aprimoramento da técnica, Judite recebe apoio de seu marido quando este tenta, repetidas vezes, construir-lhe um forno para assar o barro. Depois de repetidas tentativas, estava pronto o forno que permitiria Judite escalar ainda mais a sua produção. Antes do forno, era impossível estocar ou enviar suas peças para fora da cidade, pois muitas eram danificadas devido a fragilidade do barro cru. Dava-se início ao processo de desenvolvimento artístico que a artesã conseguiu aprimorar através do tempo em sua própria residência.

As temáticas iniciais que davam vida ao barro eram personagens relacionadas com o sagrado. As primeiras peças eram da Nossa Senhora da Conceição, o Sagrado Coração de Jesus e o Anjo Gabriel. Cada tema era desenvolvido de maneira única pois nenhuma imagem era idêntica a outra. Judite consegue desenvolver um estilo próprio de esculpir no barro, atingindo alto nível de detalhismo. Consagra sua arte como Arte Sacra Judite Melo.

Assim como a natureza de sua arte, Judite se mostrou uma artista e pessoa única. Apesar de ter recebido apoio e orientação de influenciadores como Dome, sua obra é reconhecida onde quer que esteja e por isso, transforma-se em sua própria assinatura, sua própria identidade.

Estudar e entender os caminhos pelos quais Judite Melo conseguiu despertar sua carreira artística contribuiu para mapear a rede de sociabilidade artística que acredito existir na cidade de Estância. Neste sentido, penso que Judite Melo fez e ainda faz parte um tipo de movimento artístico, genuinamente estanciano. Tal constatação pode contribuir para a História da Educação no Estado de Sergipe, assim como tantos outros artistas fizeram seus nomes e deixaram o legado, como contribuição para a sociedade de um modo geral, como também a arte/educação sergipana.

Judite veio de origem humilde, e ao longo do percurso de sua vida ela divide a posição de um “sujeito visto de baixo”, quando a vejo como um sujeito simples, com a outra fase de sua vida, quando em 1939 começa a produzir arte sacra e destaca-se como artista local. A especificidade da história de vida de Judite Melo está em seus acontecimentos inesperados, tão inesperados quanto encontrar uma escultura do menino Jesus quebrada na calçada de sua casa. O “vir a ser” artístico de Judite Melo não foi algo desenhado por ela como um plano de carreira desde sua infância, mas sim um plano de reação ao que a vida lhe apresentou. A história de vida de Judite Melo atravessou muitas instâncias, marcos na história que apontam para uma pluralidade de experiências voltadas direta ou indiretamente ao ofício do seu saber fazer artístico.

Como pesquisadora, ancorada na metodologia da história oral, não me cabe julgar relatos ou impressões ou até mesmo opiniões que aqui surgiram, mas sim tentar entender e interpretar os significados que essas ideias tinham para aquelas que as diziam. Narrar a história de vida de Judite Melo, no contexto da sociedade estanciana, e recompor o percurso formativo de Judite Melo foi fundamental para que se possa entender, como uma pessoa simples e genuína pode deixar um cabedal como contribuição informativa e formativa, pois a arte sacra de Judite Melo, emergiu de um movimento cultural, como foi anunciado no pressuposto desta pesquisa, e sua formação artística, foi fruto das experiências vividas, das transformações, mudanças e interrupções impostas no decorrer do seu percurso de vida.

Judite Melo, artista plástica, de renome nacional e internacional, suas obras estão espalhadas na Bélgica, Espanha e sua arte contribuiu para a educação, no sentido de formar pessoas, que dão continuidade ao seu fazer artístico, reproduzindo os valores religiosos, educacionais, valores estes que exprimem relação com a sociedade, ampliando assim, o círculo sócio-cultural presente na cidade de Estância.

Devido ao histórico de fomento artístico da cidade de Estância, torna-se de suma importância mapear e registrar a história de vida voltada para os percursos formativos de seus artistas. Espero, com este trabalho, ter contribuído não apenas para a comunidade acadêmica ao apresentar Judite Melo, mas também para a própria, no sentido de ter-lhe dado a oportunidade de se dizer por ela mesma com o apoio de sua rede de sociabilidade.

REFERÊNCIAS

TRABALHOS ACADÊMICOS NO TODO

AMORIM, Simone Silveira. **A Trajetória de Alfredo Montes (1848-1906): representações da configuração do trabalho docente no ensino secundário em Sergipe**. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, 2009.

BARRETO, Raylane Andreza Dias. **Os padres de D. José: O Seminário Sagrado Coração de Jesus (1913-1933)**. 2004. 130f. Dissertação (Mestrado em educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2004. (grifo nosso)

FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista em revistas femininas**. (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920). Tese (História das Ciências e da Saúde), Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2006.

GRAÇA, Rogério Freire. **Civilidade e formação de professoras: um mosaico do ensino normal regional do Instituto Sagrado Coração de Jesus (Estância-Se), 1949-1955** / Aracaju, 2012.112 p.

MELNIKOFF, Elaine Almeida Aires. **Trajetória de Núbia Nascimento Marques: Contribuições para a educação em Sergipe (1978-1999)**. Orientador: Jorge Carvalho do Nascimento. – São Cristóvão, 2014.

MELO, André Luís Dantas. **A reestruturação dos municípios sergipanos com base na sua viabilidade financeira**. Dissertação (Mestrado) (2015)

ARTIGOS

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil**. *Estudos Avançados*, vol. 17, n. 49, São Paulo, dez. 2003, pp.151-172.

HALL, Alcina Brasileiro. **Emily Dickinson: a irmã de Shakespeare**. Universidade Tuiuti do Paraná. Fragmentos, número 34, p. 049/062 Florianópolis/ jan - jun/ 2008.

LARROSA BONDÍA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. 2002.

MICHELATO, Edna Pereira. **Trabalho de intervenção Pedagógica na Escola: “O uso, a organização e interpretação de fontes históricas no contexto escolar”**. Londrina, 2010. Caderno Temático.

SCOTT, Joan. **Gênero: Uma categoria útil de análise histórica**, 1995.

SILVA, Fabrício Oliveira da. **Trajetória de vida e formação docente de uma professora aposentada: O conhecimento de si**. Revista Temas em Educação, João Pessoa, v.25, n. 2, p. 118-132, jul.-ago. 2016.

SIMMEL, Georg. **Questões Fundamentais de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si: estágio e narrativa de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

SOUZA, Elizeu Clementino. **A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação**. Revista educação em questão, v. 25, n. 11, p. 22-39, 2006.

LIVROS

ABRAHÃO, M. H. M. B. Memoriais de formação: **a (re)significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação**. *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 165-172, maio/ago. 2011.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3ª. Ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: texto em história oral**. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004a.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004b.

ALCÂNTARA JR. **Georg Simmel e a sociabilidade**. In; TEDESCO, J.C. *Georg Simmel e as sociabilidades do moderno: uma introdução*. Passo Fundo: UPF, 2006.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

AMADO, Gilberto. **Histórias da minha infância**. São Cristóvão: Editora da UFS, 1999.

ANDRADE, Helvécio. **Curso de pedagogia: lições práticas elementares de Psicologia, Pedologia, Metodologia e Higiene escolar, professadas na Escola Normal de Aracaju**. Aracaju. Tipografia Popular, 1913. p.107.

AUSTREGÉSILO, Antônio. **Perfil da mulher brasileira: esboço acerca do feminismo no Brasil**. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1938.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: experiência vivida**. v.2. – São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BENJAMIN, Walter. **Experiência e Pobreza**. In: __ *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (Obras escolhidas v.1). Trad. Sérgio Paulo Rouanet, 3. ed., Brasiliense, 1985-1987.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador. In: Obras Escolhidas I: magia e técnica, arte e política.** 10. ed. Trad.: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 200-201.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II: rua de mão única.** 5. ed. Trad.: Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 68-69.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador. In: Magia e Técnica, Arte e Política – ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994-2012 (Obras escolhidas).

BOMFIM, Luiz Fernando Costa; COSTA, Ivanaldo Vieira Gomes da; e BENVENUTI, Sara Maria Pinotti. **Projeto Cadastro da Infraestrutura Hídrica do Nordeste: Estado de Sergipe. Diagnóstico do Município de Estância.** – Aracaju: CPRM, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Tradução de Maria Helena Kühner. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Góes de Paula- 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

BURKE, Peter. **Como confiar em fotografias.** Folha de S. Paulo, Caderno Mais, 04 fev. 2001.

BRANDÃO, Vera M.T. **Oficina de memória – Teoria e Prática: relato sobre a construção de um projeto.** Revista Kairós Gerontologia, São Paulo: EDUC, 2008.

CHARTIER, Roger. **A História ou a leitura do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009-2010.

CIAVATTA FRANCO, M. **O mundo do trabalho em imagens: A fotografia como fonte histórica (1900-1930).** Rio de Janeiro: DP & A / FAPERJ. 2002.

CINFORM. **História dos municípios.** Aracaju: CINFORM, 2002. (Edição Histórica).

COSTA, Ana Márcia Barbosa dos Santos. **Civilização, modernidade e educação nas páginas do Jornal A Razão (1898-1923).** – São Cristóvão, 2017. 177 f.: il.

DANTAS, Ibarê. **História de Sergipe (República-1889-2000).** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

DAVIDSON, C. **Transcrição: imperativos para a pesquisa qualitativa. In.: Jornal Internacional de Métodos Qualitativos, 8 Ed., p. 36–52.** 2009. Doi: 10.1177 / 160940690900800206.

DELGADO, L. de A. N. **História Oral: memória, tempo e identidades.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006. Col. Leitura, escrita e oralidade.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Trad. PASSEGGI, M. da C.; PASSEGGI, J. G. da S. N. L. Natal: EDUFRRN; São Paulo: PAULUS, 2008.

DUARTE JÚNIOR, J. F. **Fundamentos estéticos da educação**. 10. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República**. 2ª edição. Passo Fundo: EDUPF, 2015.

FRANÇA, Vera Lúcia Alves e GRAÇA, Rogério Freire. **Vamos conhecer estância**. Estância: Prefeitura Municipal, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em walter benjamin**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.p. 323

GHIRALDELLI, Paulo. **História da Educação**. São Paulo: Cortes, 2000.

GUARANÁ, Armindo Cordeiro. **Dicionário Biobibliográfico Sergipano**. Rio de Janeiro: Oficinas da Empresa Gráfica Paulo Pongetti e Cia, 1925.

HALCOMB, E. J.; DAVIDSON, P. M. **A transcrição literal dos dados da entrevista é sempre necessária?** Pesquisa de Enfermagem Aplicada, 19 (1), 38–42. doi: 10.1016 / j.apnr.2005.06.001. 2006.

KEHL, M. R., **A juventude como um sintoma da cultura**. In: NOVAES, R. e VANNUCHI, P.(org.), *Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

KISHIMOTO, T. M. **Encontros e desencontros na formação dos profissionais de educação infantil**. In: MACHADO, M. L. de A. *Encontros e desencontros em educação infantil*. São Paulo: Cortez, 2002.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. In:____.(Org). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: Cortez, 2011.

LIMA, Jackson da Silva. **História da Literatura Sergipana. Vol. II. Fase Romântica**. Aracaju: Fundação Estadual de Cultura, 1986.

LIMA, Rita de Cássia Pereira. **A “violência simbólica” de Pierre Bourdieu**. Revista Serviço Social & Sociedade, n. 57, ano XIX, São Paulo: Cortez, julho 1998.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

NAPOLITANO, Marcos. **O regime militar brasileiro:1964-1985**. Atual, São Paulo, 1998.

OLIVEIRA, Vera Barros de (org.). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Contexto, 2009.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral**. Projeto História, São Paulo, n. 15, p. 13-49, abr. 1997.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como gênero**. Projeto História. São Paulo, n. 22, p. 9-36, jun.2001.

RIBEIRO, Maria Luísa S. **História da educação brasileira: a organização escolar**.19 ed. Campinas: Autores Associados,2003.

REBOUÇAS, Moema Lúcia Martins. **Leitura de textos visuais na escola**. In.: NUNES, Ana Luiza Ruschel (org.). Artes visuais, leitura de imagens e escola. Ponta Grossa: UEPG, 2012. p. 247-259.

SANTOS, Maria Vera dos. **As mulheres de posses e a instrução elementar na Capitania de Sergipe Del Rey nos anos setecentos**. Fortaleza: Impreco, 2016.

SAVIANI, D. **Educação no Brasil: concepção e desafios para o século XXI**. Cadernos de Educação - CNTE, Brasília - DF., v. Ano VI, n.15, p. 7-14, 2001.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. **Profissão Artista: Pintoras e Escultoras Acadêmicas Brasileiras**. São Paulo:FAPESP, 2008,360p.

SOUTELO, Luiz Fernando Ribeiro. **Estância e suas raízes**. Aracaju: s.n.t, 1995.

STUCKEY, H.L. **O primeiro passo na análise de dados: transcrição e gerenciamento de dados de pesquisa qualitativa**. Jornal de Saúde Social e Diabetes, 2 (1), 6-6. doi: 10.4103 / 2321-0656.120254. (2014).

TELLES, Norma. In: PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo.Contexto,1997.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**; tradução; Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1992.

TRINDADE, Virgínia. **História: Assim caminha a humanidade**. Belo Horizonte, Brasil,1993.

VERGARA, S.C. (2012). **Métodos de coleta de dados no campo**. 2. ed. São Paulo: Atlas.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu. Tordesilhas**. Ensaio baseado em dois artigos lidos para a Arts Society, do Newnham College, e para a ODTAA, do Girton College, em outubro de 1928.

YIN. R.K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

DOCUMENTOS DE ACESSO EXCLUSIVO EM MEIO ELETRÔNICO

TRABALHOS ACADÊMICOS NO TODO

ALMEIDA, Anne Emilie Souza de. **A história da educação em Sergipe: os estudos sobre os grupos escolares**. 2014.

ALMEIDA FILHO, José Carneiro de. **Memórias da educação rural em Sergipe (1947 a 1951)**. Aracaju – Se, 2017.

AZEVEDO, Crislane Barbosa de. **Nos majestosos Templos de Sabedoria: a implantação dos Grupos Escolares em Aracaju**. São Cristóvão. 148p. Monografia (Graduação em História). DHI, CECH, UFS, 2003.

BONI, Valdete; e QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Tese. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005.

NETO, Edigar Sousa Andrade. **O fazer artístico: Uma análise das obras da artista plástica Judite Melo no município de Estância/SE**. 2013. Graduando do Curso de História pelo Centro de Educação Superior a Distância – Universidade Federal de Sergipe- UFS.

GRAÇA, Rogério Freire. **Civilidade e formação de professoras: um mosaico do ensino normal regional do Instituto Sagrado Coração de Jesus (Estância-Se), 1949-1955** / Aracaju, 2012.129 p.

GUIMARÃES, Joaquim Francisco Soares. **Memórias de educadoras sergipanas: práticas escolares e cultura escolar no Município de Umbaúba-SE no período de 1955-1989**. Orientação da Profa. Dra. Raylane Andreza Dias Navarro Barreto – Aracaju-SE; 2014.

MELO, José Joaquim Pereira. **Fontes e métodos: sua importância na descoberta das heranças educacionais**. In: COSTA, Célio Juvenal; MELO, Joaquim José Pereira; FABIANO, Luiz Hermenegildo. Fontes e métodos em história da educação. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2010. p. 13-34.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC. **Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências Essenciais**. 2001.

LOBO, I. A. **O programa nacional de educação pré-escolar em Sergipe**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2002.

ROSA, Juliano de Melo. **As vozes de um mesmo tempo: a educação física institucionalizada no período da Ditadura Militar em Cacequi**. Dissertação de Mestrado em Educação/UFSM. Santa Maria: UFSM, 2006.

SANTOS, Laísa Dias. **Por uma história vista de baixo: as escolas primárias dos territórios centro e sul do Estado de Sergipe (1930-1960)**. Aracaju – SE, 2016.

SANTOS, Luiz Fernando Cajueiro dos. **O gênero biográfico no ensino das artes visuais: A vida e a pintura de José de Dome (1955-1981)**. São Cristóvão/SE, 2018.

LIVROS

PASTRO, Cláudio. **O Deus da Beleza**. Paulinas, 2012.

PASTRO, Cláudio. **A arte no cristianismo**. São Paulo:Paulus,2010.

PASTRO, Cláudio. **Guia do Espaço Sagrado**. Ed. Loyola,1999.

PASTRO, Cláudio. **Imagens do Invisível na Arte Sacra de Cláudio Pastro**. Ed. Loyola,2013

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA 1 - PRAZER D. JUDITE MELO!

NOME DO ENTREVISTADOR: Martuse Sousa Ramos Arão

NOME DO ENTREVISTADO: _____

SEXO:

IDADE:

ESTADO CIVIL:

TIPO DE ENTREVISTA: SEMI-ESTRUTURADA.

DURAÇÃO: _____

LOCAL DA ENTREVISTA: _____

DATA DA ENTREVISTA: ___/___/___

DATA DA DEVOLUÇÃO/AUTORIZAÇÃO: ___/___/___

APRESENTAÇÃO

Esta entrevista faz parte dos procedimentos metodológicos da pesquisa que estamos realizando, intitulada: “**ARTE, HISTÓRIA E VIDA DE JUDITE MELO (1940-2019)**”. Pretendemos ouvir o pensamento de quem a conhece, sobre a sua história de vida, seu trabalho, sua formação, sua personalidade ou sobre acontecimentos importantes no ambiente artístico vivenciado por Judite Melo.

Acreditamos que, com a sua experiência, você possa nos ajudar a apreciar dados importantes sobre a história de vida e a atuação da artista sacra Judite Melo na sociedade estanciana/sergipana, e sobre as contribuições artísticas e educativas da sua obra.

Solicitamos a sua autorização para gravarmos / filmar a entrevista e transcreve-la para composição da pesquisa em andamento, salienta-se que os dados obtidos serão eticamente resguardados e sua divulgação será de cunho educativo.

Às _____ horas, estamos iniciando uma entrevista com _____

01- Nome do entrevistado:

02- Idade:

03- Ano de Nascimento:

04- Cidade Natal:

05- Morou em quantos lugares?

06- Grau de instrução:

07- Profissão:

08- Nome dos Pais:

09- Nome do cônjuge:

10- Filhos:

11- Netos:

12- Conte-me um pouco da sua vida enquanto pessoa e mulher (lembra de algo da infância?)

13- Na escola teve alguma influência que marcou e lembra na sua trajetória de artesã?

14- O que a senhora buscava na arte? Sentiu a necessidade de expressar sentimentos?

15- Quando começou sua história como artesã?

16- Além de artesã exerceu outras atividades?

17- Algum momento a senhora explorava na produção de uma determinada imagem, qual tempo e por que?

18- Suas obras tiveram inspiração em algum outro artesão?

19- Enfrentou alguma dificuldade para atuar com seus feitos no mercado de trabalho? E por ser mulher, enfrentou alguma barreira?

20- Trabalhou/trabalha sozinha ou em equipe?

21- Quais locais de exposição das suas criações?

22- Recebe/eu muitas encomendas? Para onde?

23- Quais materiais utiliza para produção de suas obras? Vem de onde esses materiais?

24- De onde vem o barro que utiliza para produção das obras?

25- O que considera mais importante para ser um bom artesão?

26- Tem algum feito que tem afeição especial na sua trajetória de artesã?

27- Quais materiais e/ou equipamentos utilizados para confecção dos trabalhos?

28- Como a senhora tornou-se uma artista plástica de renome internacional?

29- Qual foi o momento, ou a homenagem mais significativa na sua trajetória como artesã? Já discursou em jornais? Onde? Tem algum título de Cidadã Sergipana? Onde e quando? Soube de um documentário, onde posso ter acesso?

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA 2- EM PAUTA: COMUNIDADE ESTANCIANA E JUDITE MELO

- 1) (Nome) Quando e onde você conheceu a artista Judite Melo?

- 2) Você pode nos falar um pouco da sua impressão sobre Judite Melo, sobre como você o apresentaria?

- 3) Na sua opinião, o que pode ter contribuído para o Município de Estância?

- 4) E para outros lugares que ela é reconhecida como Brasília, Rio de Janeiro, Bélgica e etc?

- 5) O que você pode nos dizer sobre a vida e o trabalho de Judite Melo em Estância?

- 6) E sobre a formação escolar de Judite Melo?

- 7) Você pode nos indicar alguém que o tenha conhecido ou que possua alguma obra de sua autoria?

- 8) Para você, qual a importância da produção artística de Judite Melo?

- 9) O que você pensa a respeito do conhecimento público sobre a vida dos artistas?

- 10) Como você define a “arte sacra” de Judite Melo?

- 11) Você tem algo a nos dizer sobre Judite Melo, ainda não foi abordado nessa entrevista?

- 12) Como foi idealizado este Concurso?

- 13) Quais foram os critérios utilizados para a escolha da artista Judite Melo em meio a tantos artistas estancianos?

- 14) Os estudantes desta Instituição têm conhecimento sobre a Artista Judite Melo?

15)Quais resultados foram obtidos com o concurso Judite Melo?

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



UNIVERSIDADE TIRADENTES - UNIT

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: "É um Dom de Deus, minha arte": A História de Vida de Judite Melo -Sergipe (1963-2019)(História Oral de Vida)

Pesquisador: Martuse Sousa Ramos Arao

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 20144219.6.0000.5371

Instituição Proponente: SOCIEDADE DE EDUCACAO TIRADENTES S/S LTDA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.064.927

Apresentação do Projeto:

Esta pesquisa é uma análise histórica, centrada no objetivo de compreender quem é Judite Melo para a História da Educação Sergipana no século XXI, tendo como corpus de estudo a história de vida da artista em questão: Maria Judite Melo de Andrade - uma artista sacra, que vive no tempo presente, mas que muitos estudantes da rede pública e privada de ensino desconhecem a sua importância, a sua história. Nascida em 06/05/1925 em Estância/SE, autodidata e muito religiosa que acredita ter recebido de Deus o dom de sua arte. Ao desenhar esta narrativa histórica se objetivou re (constituir) a história de vida da artista, no contexto da sociedade estanciana /sergipana; e analisar os sentidos da educação presentificados na obra da mesma, relacionando as experiências individuais ao cenário educativo atual. O estudo está fundamentado em uma abordagem essencialmente qualitativa, assentada nos princípios teórico-metodológicos da História Oral de Vida, na tentativa de estabelecer diálogos com a memória que compõem o objeto e problema da pesquisa, possibilitando a construção de narrativas evidenciando as vozes dos sujeitos envolvidos na história de vida de Judite Melo, conforme a proposta de Alberti(2005). Na tentativa de re (constituir) a história de vida, 'mergulhamos' nos rastros favoráveis a esse fim: depoimentos orais; registros pessoais; publicações na imprensa e em veículos oficiais, que darão contorno à narrativa histórica. Os depoimentos, coletados sob a égide da História Oral, ofereceram "vida" a essa proposta. Para tanto, serão realizadas visitas aos arquivos públicos, Institutos, Bibliotecas, Atelier pessoal da artista, visitas a galerias de artes, Museus ;para fazer investigação

Endereço: Campus Farolândia - Av. Murilo Dantas, 300 - DPE - Bloco F - Térreo
Bairro: Bairro Farolândia **CEP:** 49.032-490
UF: SE **Município:** ARACAJU
Telefone: (79)3218-2206 **Fax:** (79)3218-2100 **E-mail:** cep@unit.br



UNIVERSIDADE TIRADENTES - UNIT

Continuação do Parecer: 4.064.927

documental e fotografar as obras a respeito da artista Judite Melo; ainda serão realizadas entrevistas com parentes, amigos e sociedade sergipana que conheçam a artista em estudo, com utilização de questionários semi-estruturados.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

• Compreender quem é Judite Melo para a arte/educação estanciana /sergipana. Objetivo Secundário:

• Re (compor) a história de vida de Judite Melo, no contexto da sociedade estanciana /sergipana • Analisar os sentidos da educação presentificados na obra de Judite Melo

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Possibilidade de danos a dimensão psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano no decorrer da realização das entrevistas. Para tanto o pesquisador deve minimizar desconfortos, garantindo local reservado para a confidencialidade e a privacidade dos dados obtidos durante a entrevista, neste sentido também é importante a escolha do dia e horário propício ao entrevistado. É importante informar ao entrevistado que comunique qualquer desconforto no decorrer da entrevista, suspendendo a mesma para outro momento.

Benefícios: Esta pesquisa está inserida no âmbito da História da Educação e aborda a história de vida da artista sacra Maria Judite Melo de Andrade, natural de Estância-Se, e de que maneira sua arte contribuiu para a educação sergipana; mesmo não estando prenotada nas práticas educativas e no contexto escolar. Nessa perspectiva, a presente pesquisa, possibilitará aos estudantes em geral a conhecerem essa artista e sua história de vida, que faz parte da nossa História da Educação.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto de pesquisa apresenta as relações de riscos e benefícios de forma adequada, de acordo com a Resolução CNS n° 466/12.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

As documentações foram inseridas corretamente e encontram-se datadas e assinadas conforme as normas descritas na Resolução CNS n° 466/12.

Recomendações:

Solicitamos atenção na adequação de execução do projeto de pesquisa em virtude da sua aprovação.

Endereço: Campus Farolândia - Av. Murilo Dantas, 300 - DPE - Bloco F - Térreo
Bairro: Bairro Farolândia **CEP:** 49.032-490
UF: SE **Município:** ARACAJU
Telefone: (79)3218-2206 **Fax:** (79)3218-2100 **E-mail:** cep@unit.br



UNIVERSIDADE TIRADENTES - UNIT

Continuação do Parecer: 4.064.927

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências ou inadequações para este projeto de pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

PB: Plataforma Brasil; PD: Projeto detalhado; FR: folha de rosto.

O CEP informa que de acordo com a Resolução CNS n° 466/12, Diretrizes e normas XI. 1 - A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais e XI. 2 - XI.2 - Cabe ao pesquisador: a) apresentar o protocolo devidamente instruído ao CEP ou à CONEP, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa; b) elaborar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e/ou Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, quando necessário; c) desenvolver o projeto conforme delineado; d) elaborar e apresentar os relatórios parciais e final; e) apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; f) manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa; g) encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto; e h) justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Para os projetos que receberem situação de parecer "PENDENTE", o pesquisador terá um prazo de 30 dias para proceder aos ajustes e reencaminhar os documentos para o CEP/Unit. Findo este prazo o projeto será arquivado pelo CEP/Unit, e desta forma o pesquisador deverá realizar um novo procedimento de submissão.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1354282.pdf	27/02/2020 17:18:17		Aceito
Outros	RespostaParecer10022020.pdf	27/02/2020 17:17:07	Martuse Sousa Ramos Arao	Aceito
Outros	TermodeCessaoModificado.pdf	26/02/2020 21:39:25	Martuse Sousa Ramos Arao	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	RCLEModificado.pdf	26/02/2020 21:17:51	Martuse Sousa Ramos Arao	Aceito
Projeto Detalhado	ProjetoDetalhado.pdf	24/07/2019	Martuse Sousa	Aceito

Endereço: Campus Farolândia - Av. Murilo Dantas, 300 - DPE - Bloco F - Térreo
Bairro: Bairro Farolândia **CEP:** 49.032-490
UF: SE **Município:** ARACAJU
Telefone: (79)3218-2206 **Fax:** (79)3218-2100 **E-mail:** cep@unit.br



UNIVERSIDADE TIRADENTES - UNIT

Continuação do Parecer: 4.064.927

/ Brochura Investigador	ProjetoDetalhado.pdf	19:02:58	Ramos Arao	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DeclaracaodePesquisadores.pdf	24/07/2019 19:02:14	Martuse Sousa Ramos Arao	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DeclaracaodalInstituicaoIFS.pdf	24/07/2019 19:01:50	Martuse Sousa Ramos Arao	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DeclaracaodalInstituicao.pdf	24/07/2019 19:01:16	Martuse Sousa Ramos Arao	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto.pdf	24/07/2019 18:53:50	Martuse Sousa Ramos Arao	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

ARACAJU, 02 de Junho de 2020

Assinado por:
ADRIANA KARLA DE LIMA
(Coordenador(a))

Endereço: Campus Farolândia - Av. Murilo Dantas, 300 - DPE - Bloco F - Térreo
Bairro: Bairro Farolândia **CEP:** 49.032-490
UF: SE **Município:** ARACAJU
Telefone: (79)3218-2206 **Fax:** (79)3218-2100 **E-mail:** cep@unit.br

